



SETEMBRO

1920

# Revista Feminina



ANNO VII

PREÇO 1\$200

NUM. 76

Casa Allemã

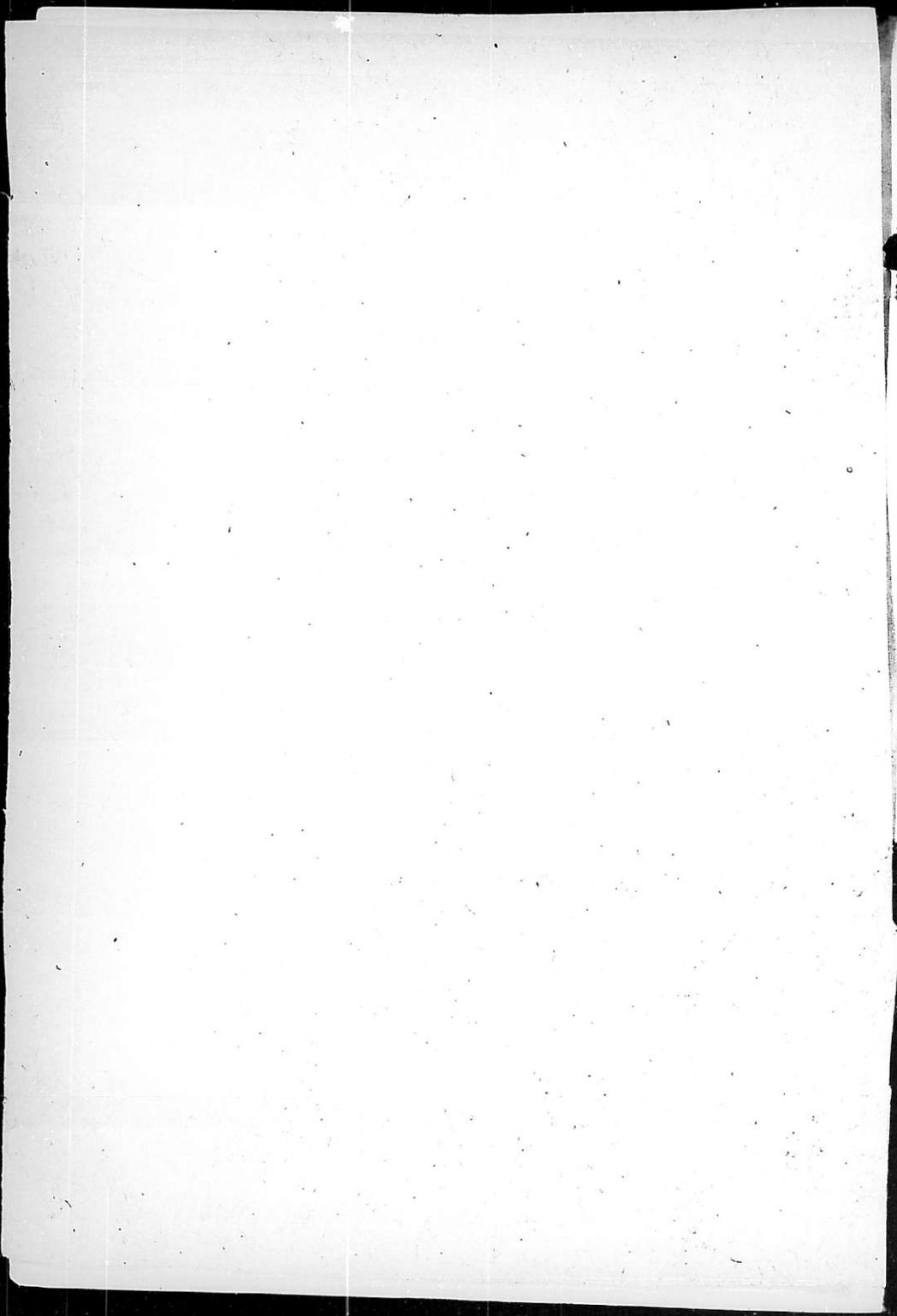
FUNDADA EM 1883



ENXOVAES COMPLETOS PARA BÉBÉ

RUA DIREITA 16-20

Schädlich & Co.



## “O PILOGENIO” serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir o cabelo novo e abundante.  
 Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.  
 Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-OPiLOGENIO

Sempre “O PILOGENIO”

“PILOGENIO” SEMPRE

A' VENDA em todas as pharmacias, drogarías e perfumarías

# LYCETOL

GRANULADO  
**GIFFONI**  
 DISSOLVE E EXPELLE  
 o ACIDO URICO

RECEITADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS  
 CONTRA  
 DIATHESE URICA-COLICAS NEPHRITICAS  
 CALCULOS BILIARES  
 ARTHRITISMO-RHEUMATISMO  
 > GOTA <

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO TRAHTE  
 DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

DE  
**FRANCISCO GIFFONI & C.<sup>ua</sup>** — RUA 1.<sup>a</sup> DE MARÇO 17  
 RIO DE JANEIRO

## A' ILLUMINADORA



Alberto dos  
 Santos & C.

Rua da Boa

Vista, 47

SÃO PAULO

Artigos de iluminação em geral

MATERIAL ELECTRICO

Motores, Dynamos, Pilhas, Lampadas electricas economicas, etc.

## VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)



Para uso dos convalescentes, das puerparas, dos neurasthenicos, aemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da “Vitalidade”, o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphalismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

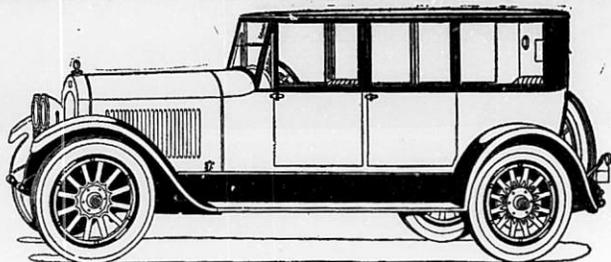
Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Recetado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarías. Deposito Geral:

PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.  
 Rua 1.<sup>a</sup> de Março, 17 — Rio de Janeiro

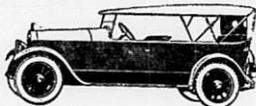
ANDAR / 3<sup>o</sup> ETAR. e  
 EST 19 de ORD.



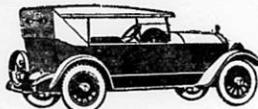
"Cole" Limousine de grande luxo



Cole 2 lugares



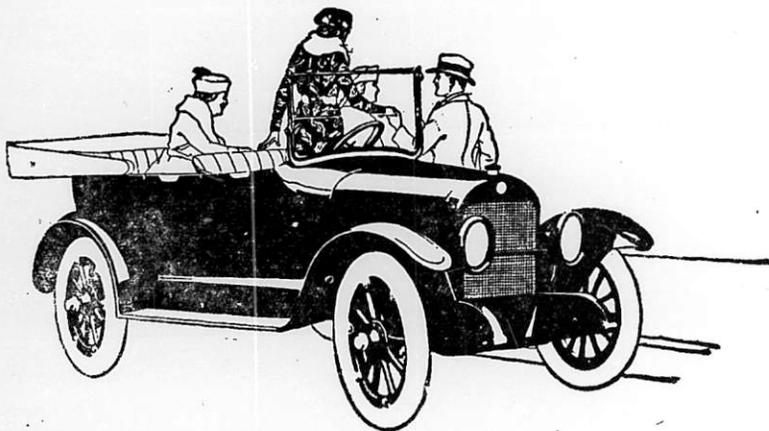
Cole 7 lugares



Cole 2 lugares

Luxo — Conforto — Elegancia — Durabilidade

Oito cylindros, oitenta e cavallos, motor de aviação



"Dort" O carro ideal para o interior

Quatro cylindros, trinta e cinco cavallos, muito simples e de construção perfeita.

Stock de peças sobrecellentes **PEÇAM DEMONSTRAÇÕES**

**ISRAEL COMPANY LIMITADA**

RUA FLORENCIO DE ABREU N. 79

TELEPHONE CENTRAL N. 92



## CEROTINA

Quem não conhece este admiravel creme brilhante para calçados deve usal-o e assim se convencerá rapidamente da sua excellencia e real utilidade

Usae a CEROTINA e o vosso calçado terá um brilho que fará inveja ao Sol

Deposito Geral: **CASA DO OTTO**

LARGO DA MEMORIA N. 12 — Piques  
SÃO PAULO

Importação e exportação de couros e artigos para sapateiros e selleiros

## THOMAZ, IRMÃO & Co.

IMPORTADORES



Ferragens  
para  
construções,  
officinas e  
fabricas

Ferra-  
mentas  
para artes,  
officios e  
lavoura

Tintas e  
Oleos

Vernizes,  
Esmaltes,  
etc., etc.



Rua da Quitanda N. 19  
Caixa Postal. 923 — Teléph. 949 cont.  
SÃO PAULO

# SEIOS

Desenvolvidos - Fortificados -  
Aformoseados



COM

## A PASTA RUSSA

Do Dr. G. RICABAL

O unico REMEDIO que em menos de dois  
mezes assegura o desenvolvimento, a firmeza  
dos SEIOS, sem causar damno algum á  
saude da Mulher

"Vide os attestados e retrospectos que acompa-  
nham cada caixa"

A' venda em todas as PHARMACTAS, DROGA-  
RIAS e CASAS de PERFUMARIAS DO BRASIL  
Deposito em S. Paulo: DROGARIA BARCEL

**Aviso** - Remette-se registrado pelo Cor-  
reio, para qualquer parte do Bra-  
sil, mediante a quantia de 10\$000,  
enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao  
Agente Geral — J. DE CARVALHO

Rua General Camara, 225, sobrado  
(Junto á Avenida Passos)  
CAIXA POSTAL N.º 1724 — Rio de Janeiro

# La Bonbonnière

SÃO PAULO

Todos os dias, novos:

Pralinés variados	a	8\$000 o kg.
finos	a	12\$000 o kg.
Pralinés superfinos	a	15\$000 o kg.
Amendoas torradas	a	15\$000 o kg.

Grande sortimento de Chocolates de mesa, marcas, nacionais e estrangeiras

MEL CENTRIFUGADO, EM VIDROS

Grande sortimento de artigos para presentes. - Farinha Nestle, para creanças, a 2\$000 a lata. - Finissimo cacão para Chocolate, 8\$000 o kg. - Pão de Mel, sempre fresco, a 4\$000 o kg.

Rua 15 de Novembro, 14  
Rua S. Bento, 23-C  
Casa Norder  
Rua S. Bento, 66  
Rua Libero Badaró, 143

## Marmoraria Tomagnini

.....

Especialidade em tumulos  
de marmore e  
granito polido

DIETRASANTA (Carrara) Italia

S. Paulo

Rua Paula Souza, 85

Telephone, 3378 - Central

## HOTEL AVENIDA

RIO DE JANEIRO

O HOTEL AVENIDA comunica aos seus clientes que as grandes obras de adaptação de conforto moderno, iniciada ha mais do seis mezes, se acham em via de conclusão, dispondo já de um bom numero de quartos promptos a serem occupados.

DIARIAS: 14\$000 a 20\$000

Endereço telegraphico:  
"Avenida"

TINTURA  
**CORBELL** PARA BELLEZA DO CABELLO E BARBA  
**COLD CREAM** DE LÓ SINE  
 A BELLEZA DA CUTIS O RESTAURADOR DA BELLEZA  
 VIDRO 50000 VIDRO 50000

EM TODAS AS FARMACIAS DROGARIA PERFUMARIAS-ETC. REPRESENTANTE GERAL  
**J.A. DRUMMOND**  
 CAIXA - 1581  
 S. PAULO

PHARMACIA FABIANO - CAMPINAS

**CREME ENCHANTADOR DA BELLEZA**  
**ORFILA**  
 FINAMENTE PERFUMADO CONTRA CRAVOS, ESPINHAS, E MANCHAS DA PELLE  
 A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS DROGARIAS E PERFUMARIAS S. PAULO

DEPOSITARIOS:  
 SOCIEDADE ANONYMA COLOMBO SANTOS



Não Chores! Eis aqui

UM CREME SANATIVO  
**Mentholatum**  
 "Indispensavel no Lar"

O melhor amigo dos meninos, para golpes, contusões, arranhaduras, queimaduras, cortaduras, etc., etc.

Sanativo e cicatrizante. Muito eficaz para a dor de cabeça.

A venda nas Pharmacias, Drogarias e Perfumarias.

THE MENTHOLATUM CO. (U. S. A.)  
 United States Patent Office  
 PAULO J. CHRISTOPH CO.  
 RIO DE JANEIRO - SAO PAULO



Relevo de 1 cm



Latinha de 1 cm

## Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Telegr.: FILIALVES

Rua Libero Badaró, 129

S. PAULO

**Cantos de Luz:** versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Corêa Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000.

**Fructa do Matta:** romance por Afranio Peixoto, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$000.

**Marta:** romance por Medeiros e Albuquerque, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$.

**Herões e Bandidos:** por Gustavo Barroso, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

**Apotheoses:** poesia por Hermas Fontes, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

**Hymnos e Idéas:** poesias por Luiz Murat, 1 vol. br. 3\$500.

**Cospirações:** pelo General Dantas Barreto, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

**Vingens e caçadas em Matta Grossa:** pelo Comte Pereira da Cunha, 1 vol. illustr. br. 5\$000.

**Poesias:** 3.ª serie por Alberto de Oliveira, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$000.

**Pariz:** (Impressões de um brasileiro), por Nestor Victor, 1 vol. br. 3\$.

**Cantigas das creanças e do povo e danças populares,** por Alexina de Magalhães Pinto, 1 vol. cart. 4\$000.

**Jornadas no meu país,** por Julia Lopes de Almeida, 1 vol. br. 4\$000.

**Em pleno Sonho:** por Maria Eugénia Celso, 1 vol. br. 4\$000.

## Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophul-sas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de GIFFONI é um excelente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *poderozo tônico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.



É superior ao oleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção o *iodo vegetalizado* intimamente combinado ao *tannino da noqueira (Juglins Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões; dahi a preferéncia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o recebem diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral: **Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C<sup>o</sup>** Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

## NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para creanças. É um grosso volume, nitidamente impresso em finissimo papel e ornado com mais de 150 illustrações onde se vem magnificos contos instructivos, moraes e interessantissimos como enredo que farão as delicias das creanças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de anniversario. — Vende-se nesta Redacção. Preço 5\$000. Pelo correio registrado 6\$000.

# COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO - 36, Rua 15 de Novembro, 36

RIO DE JANEIRO - 25, Avenida Rio Branco, 25

SANTOS - Rua Santo Antonio, 108-110

LONDRES - Broad Street House

New Broad Street, E. C.

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição, A. I., A. Z., WESTERN-UNION, LIEBER'S e RIBEIRO - Endereço Telegraphico: "Mechanica"

Unicos agentes dos afamados automoveis "SPA"

Procurem desde já informações

A GRANDE MARCA MUNDIAL

fazendas  
Modas



Armarinho  
Roupa branca

Rua Libero Badaró 104

São Paulo - Brazil

Casa Lemcke

Recem-chegado da Allemanha:

SEDAS

FLANELLAS

FOULARDS

Rua Libero Badaró, 100 - 104

TELEPHONE N. 258 - CAIXA POSTAL N. 221

## A NORTISTA

Casa especialista em  
trabalhos de linho, fei-  
tos á mão

Rendas, Aplicações,  
Lencinhos, Toalhinhas,  
Sombrinhas, Golas, Abafadores, Barras de sala,  
Centros de mesa e etc.

PRODUCTOS CEARENSES

ALVARO COELHO & IRMÃOS

Rua do Riachuelo, 13

TELEPH. CENT. 2593

S. PAULO



## A DONA DE CASA



HA uma infinidade de senhoras que apesar de serem muito trabalhadeiras e que gostam da ordem na sua casa, apresenta-se-lhes a tarde, sem poder terminar as tarefas domesticas devido a dor nas costas, que não as deixa trabalhar. Muitas ignoram o mal, e outras achando isso natural do seu sexo, soffrem em silencio.

A dor nas costas, o cansaço continuo, o aborrecimento, pontadas na hexiga, neuralgia, sciatica e outras dores que geralmente se chamam "reumaticas" é o resultado da fraqueza dos rins. Estes orgaos, nesta condição não funcionam com regularidade e deixam o sangue cheio de acido urico, o qual depositando-se em diferentes partes do corpo, causa as dores acima mencionadas. Outras vezes acumulam-se, particula a particula nos canaes urinares, formando calculos, os quaes ás vezes crescem tanto que tornam necessaria uma operação cirurgica para tiral-os.

As pitulas de Fortes para os Rins, preparam-se para esses orgaos, e sua missão principal é de manter o acido urico dissolvido, facilitando assim sua expulsão, junto com a urina sem que cause molestia alguma. Seus ingredientes são todos de primeira qualidade e não contem nenhuma droga que prejudique ao organismo. Tem sido usadas e recommendadas mundialmente por mais de 50 annos. Si a senhora padece de alguns d'esses symptomas não espere mais, porque póde ser que amanhã seja de manhã tarde. Dirija-se á pharmacia mais proxima e adquira um vidro de Pitulas de Fortes para os Rins. A venda em todas as pharmacias. Solicite nosos folheto sobre as enfermidades renaes que lho enviaremos absolutamente gratis.

FOSTER-McCLELLAN Co.

CAIXA POSTAL 1062

RIO DE JANEIRO

## CREME DA INFANCIA

(Sociedade Anonyma Fecularia Paulista)

S. PAULO — RUA DAS PALMEIRAS, 120-A

Alimento das crianças e dos dis-  
pepticos, assim o attestam varios  
clinicos cujos attestados serão  
publicados

Vende-se nas principaes  
pharmacias e drogeries

## ATTESTADO

Attesto que a farinha "CREME DA INFAN-  
CIA" pela sua simplicidade e qualidades nutri-  
tivas é a que melhor satisfaz as exigencias do  
organismo das crianças, favorecendo-lhe seu  
perfeito desenvolvimento.

São Paulo, 22 de Julho 1911.

Assig.  
Dr. MARGARIDO FILHO  
(Firma reconhecida)

**Guilherme Messel**  
Cliches  
Telephone  
12º 2001.  
(Cidade.)  
Rua dos Guapanazes 155.  
São Paulo.

## Conserve a sua cutis, fina, macia e assefinada



"Uma cutis como de creança"!... Mas poderá alguém deixar de conhecer o que é que faz a pelle de uma creança tão bonita?

Mais que qualquer outra coisa é a grande suavidade, o fino tecido e a cor tão natural e bella que esse conjuncto lhe empresta, ô qual tanto nos homens como nas senhoras frequentemente se perde pelo descuido de uma atarefada vida ou pela hygienê mal comprehendida. Um pouco de paciencia e teremos tempo para tudo.

Não pôde começar mais cedo do que hoje a impedir essa tendencia fatal da pelle que vae gradualmente peiorando. Vejamos:

Já examinou o seu rosto á luz clara e forte? Não lhe parece que os seus póros vão engran-

Consultas gratis e exstrictamente confidenciaes pelo correio.

BENIGNO NIEVA  
Depto. "Hygiene e Belleza"  
Caixa Postal 979  
RIO DE JANEIRO

Consultorio Technico  
Mme. ZABELLA  
Rua do Paysandú N.º 101  
RIO DE JANEIRO

decendo, que a supuração no seu rosto se torna desagradavel pela oleosidade que lhe dá, que uns pequeninos pontos negros lhe apparecem á superficie? Se assim é comece hoje mesmo este especial tratamento:

Momentos antes de se deitar mergulhe uma toalha em um pouco de agua quente, applicando-a em seguida sobre o rosto até ficar avermelhado. Agora tome nos dedos um pouco de "CREME ZABELLA" e applique-o geralmente por toda a pelle fazendo em seguida uma massagem ligeira, até o rosto ficar quasi secco.

Então com a agua morna se lava muito bem, applicando logo a seguir uma passagem com agua fria. Sempre que seja possivel termine esta operação friccionando a cara com um pedaço de gelo.

Compre hoje mesmo um pequeno pote de "CREME ZABELLA" em qualquer drogaria, perfumaria e pharmacia ou dirija-se ao depositario.

## Methodo facil para engordar, aformosear e fortalecer



Olha para aquelle par de rachiticos: porque não tomaram o COMPOSTO RIBOTT para ganhar forcas, vigor, vitalidade e energia?

res criadores de carnes que se conhecem. O "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico), por meio de suas propriedades regenerativas e reconstituintes ajuda o estomago na sua obra de extrahir dos alimentos as substancias nutritivas que elles contêm, as quaes leva para o sangue, que por sua vez espalha-as por todos e cada um dos tecidos e celulas do corpo. Nada mais facil para V. Ex. do que imaginar o resultado assombroso da transformação quando começar a notar que as maças do rosto se vão tornando mais cheias e rosadas; os ôcos do collo, peito e hombros vão pouco a pouco desaparecendo e ao fim de poucas semanas terá ganho de 5 a kilos de carnes solidas e permanentes.

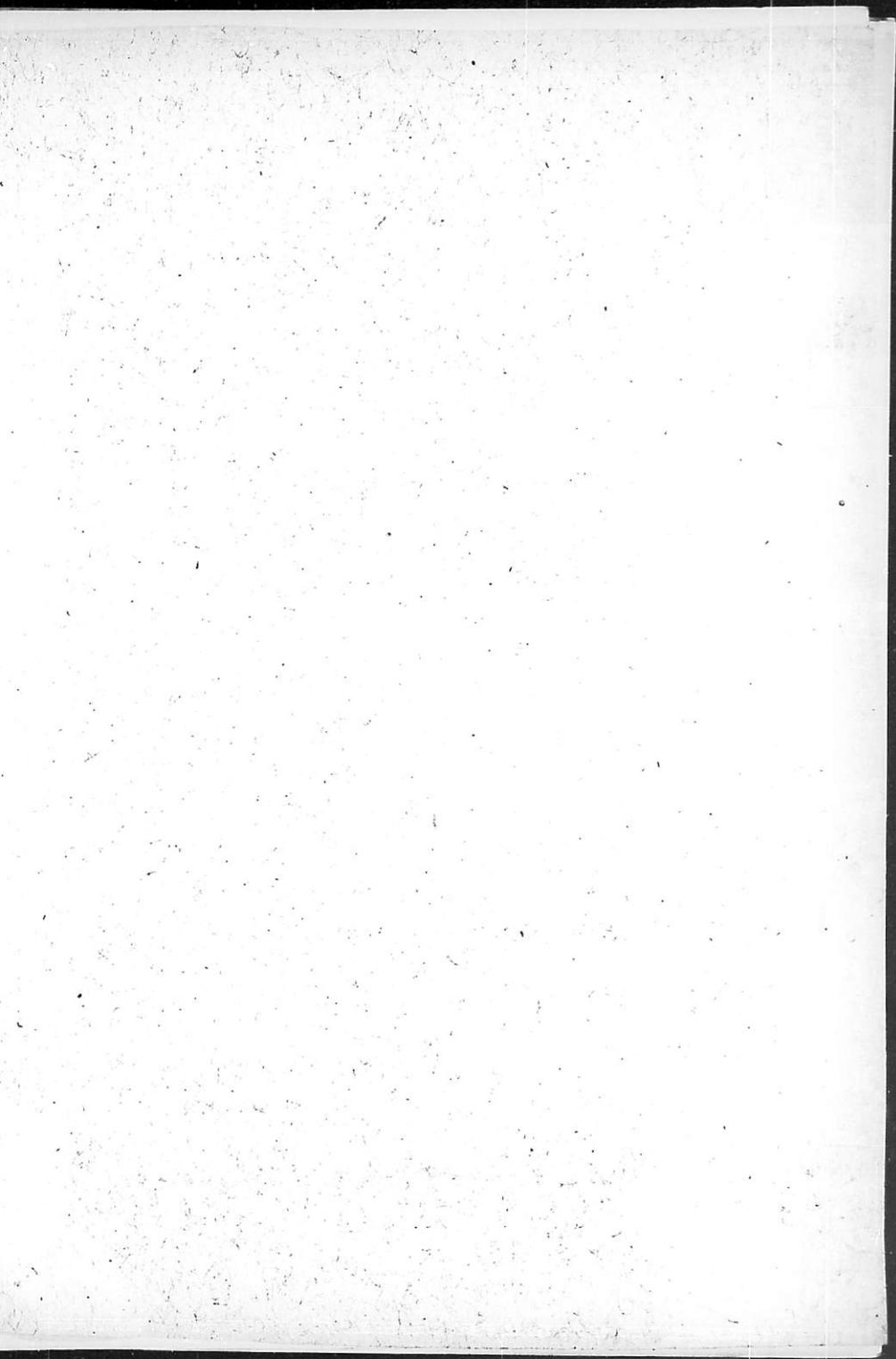
O "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico) não contem ingredientes prejudiciaes á saúde e é recommendado por emiencias medicas e pharmaceuticas.

AVISO: — Ainda que de certo o "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico) produza excellentes resultados em casos de dyspepsia nervosa e desarranjos do estomago em geral, os dyspepticos e soffredores do estomago que não desejarem augmentar de 5 a 7 kilos de carnes solidas e permanentes não devem tomal-o.

O "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico) vende-se nas boas pharmacias e drogarias.

Unico depositario no Brasil

**BENIGNO NIEVA - Caixa Postal, 979 - RIO DE JANEIRO**





Assinatura annual para todo o  
Brasil . . . . . 15\$000  
Assinatura com registro 20\$000  
Idem para o estrangeiro 30\$000

# Revista Feminina

Redacção  
AVENIDA S. JOAO N. 87  
Primeiro andar  
Telephone N. 6659 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Emulencia o Cardeal Arcoverde afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VII

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1920

NUM. 76

## SETEMBRO



MODO pelo qual certos de nossos escriptores theatraes estão apresentando em scena a mulher brasileira, como si fosse um modelo de vicios e de degenerações, temme endereçado multiple correspondencia na qual se me pede um protesto contra aquellas concepções tão falsas quanto ingratas. Um dos factores que levou em suas azas o desprestigio do caracter francez a todo o Mundo, numa erronea informação, foi, sem duvida, sua actual litteratura, e, principalmente seu romance e seu theatro que, em vez de se nortearem para mais substanciosos horizontes, fecharam-se na alcova da adultera, no antro do rufião, e no prostíbulo da repubêlica.

Com essas alfaias nãoçõ alguma, evidentemente, se alfaiá de brins que imponham respeito á sua moral, nem sua dançaria, da donçella á maridada, pôde colher considerações ou cobrar conceito e estima dos outros povos. Em tal litteratura nobres não alvejam, nem refulgem brillos. Nobrezas não a vestem, distincções não a enlavam. Prostituida ella mesma antes dos typos que crê, anealhã-se a si propria, despe-se á multidão e, como os luteus criticos, acalçinha pudores e exalta vicios. Contubernaes lhe são os erapulas; parceiros, os elrios; siamezes, onzeneiros e marafons. Essa ruim comparsaria, essa turba de cochinos investe-lhe as paginas do romance, entra-lhe á scena do drama ou da comedia. E, á força de toda a noite em seu theatro, e todo o dia em seu romance, vemos a mulher franceza pintada com as côres da orgia, aqui ou em Syão, na Pomerania ou na Australia, quando se diz uma franceza é como si se dissesse uma *coquette*. . . E' claro que isso é um absurdo, é uma enormidade, é uma aberração de julgamento, mas disso deve a mulher franceza pedir contas a seus escriptores que, longe de lhe pintarem as virtudes, preferiram betar suas excepções viciosas, e apresental-a ao Mundo em tal deformidade.

E' claro que della fazem tão opprobrioso conceito apenas os espiritos superficiaes, mas aquelle "apenas" é a massa, é a maioria, é a força onde se forjam as reputações, é esse anônimo tremendo da multidão, esse enigma palpitante, confuso, tumultuario, que pedras traz numa das mãos e noutra louros, sendo que das duas cochêas é fiel infiel mais vezes a ingenuidade ignorante que fiel assizado :

sabedoria precavida. Não é aquella, certo, a missão da arte, e razão têm as leitoras que contra aquillo se insurgem: varrer alfurjas, peneirar esterquilinos, cantar monturos, sem olhos para a belleza, apenas para os marrões que pastam em tão escusos e desfreqüentados stros. A arte, escripta, ou falada, ou plasmada, ou rythmada, deve ser exaltação e consolo. Luz, luz e apothecose. Aplauso e estímulo. O garimpeiro afasta a terra escura sem lhe pôr olhos na vermina, quando va colher o ouro. A materia é o cascalho que a arte deve hater á agua clara de sua fantasia para delublar a gemma preciosa. A arte é um evaporar-se da alma para o infinito: o fumo branco de uma cigarrilla doçada. . . Porque agrihã-la ás torpezas da vida, guinã-lhe os olhares para os cambaleios das clerizas dos vicios, adormecida com os opios das degenerações, pollui-a nos atalhos dos perversões?

Phanajã assim é gizar máa plano, executal-a assim é tallar rota perfida para o descredito do caracter nacional.

Não conheço as peças de que me falam as missivistas e que pintam ora a sociedade do Rio, ora a de S. Paulo, como um scenario de devassidões no qual senhoras e collarças se misturam, adulteras se exhibem, e mesmo moças solteiras fazem timbre em se mostrar com desmandadas peraltices e audaciosos des-pudores.

O remedio, porém, a este mal não se manipula no gral duma chronica, senão com o protesto do proprio publico quando de taes espectaculos deserte. Felizmente nossa sociedade não chegou ás torpezas daquelle pseudo-civilização, e fabrical-a para imitar o theatro estrangeiro, é inventar uma reputação injuncta, anti-patriotica e cruel para a mulher brasileira.

Evidentemente a comedia é uma satyra provellosa quando verbera defetos reos e procura corrigil-os. Perdõ-se-lhe que expagre aquellas deformidades para as tornar mais detestadas, e procure na caricatura a mesmo excesso de tintas que se exige d scenografias. Não se lhe deve applaudir, porém, que deturpe os costumes com ficções pejorativas de que não padeco o meio, não só porque apresenta uma noção falsa do que pretende ser a verdade, como ainda porque desperta e accende o desejo para a pratica de vicios importados de outros povos.

Dispõe o Brasil de tantos e tão virgens aspectos, dispõe a alma brasileira de tantos e tão magnificos mananciaes de heroismo,

de nobreza, de abnegação, de altruismo hospitaleiro, de bondade quasi patriarcal, que seria de desejar que nellas fosse colher nosso incipiente theatro temas de elevação, em vez de humilhã-lo com deformações, atrophias alcijões e vicios de civilização em decadencia.

Nosso theatro que se começã a formar com aquellos elementos decahiu do agrado publico e chegou a ficar deserto quando enterrou pelo atalho da licenciosidade, da pornographia, da revista sem theas e sem grammatica. Por um esforço de nossa propria boa vontade, depois do longo ostracismo em que jazeu, resture agora com o applauso dos que desejam que se accentuem os surtos de nossa intellectualidade.

Não o asphyxiemos logo no começo de seu renascimento com a volta aquelles methodos de degradado moral. Escolhamos para seu modelo os grandes moldes hellenicos de belleza, de graça, e de rythmo, mesmo quando leva usar o florete da ironia, já que nos não faltam, antes sobejam, nas tradições de nossa moral antiga, marmores, bronzes, pallietas e gannas para que nellas se esculpa e se ençisele, se pinte e se cante o poema racial de nossa nobreza.

ANNA RITA MALHEIROS.

### Edição para o Natal

Já estamos confeccionando a nossa primorosa edição destinada a comemorar o Natal e a servir de premio ás nossas assignantes. Essa edição, que, pelo luxo, pela nitidez e belleza das suas gravuras coloridas, pelo interesse palpitante do seu texto e pela escolhida collaboraçã, será notavelmente superior a todas as anteriores. — constará de varias centenas de formosas illustrações, constituindo, não um simples magazine, mas uma obra luxuosa, propria para presente. Essa edição será uma obra de consulta e não uma simples revista de interesse ephemero. Rogamos ás nossas assignantes em atrazo que mandem, quanto antes, reformar as suas assignaturas, para não perderem o direito a esse premio que, por si só, vale o preço de uma assignatura annual.

# O Ideal... foi um sonho

A' minha querida mamãe.

O Ideal... de que? Da bondade, belleza, riqueza, perfeição? Ou para ser bem ideal, o conjunto de tudo isso? Em que consiste o ideal e como lhe dar forma? Concretizá-lo, para todos se esforçarem por alcançá-lo, seria bom, mas muito difficil. Eis o thema em que recai a nossa conversação depois de ter afforado em diversos assumptos.

Reunimo-nos todas as tardes em casa da nossa Mamãe. Depois das lides caseiras, as filhas casadas iam visitá-la e matando as saudades que tiveram durante o dia, palestravam. Cada qual emitia a sua opinião, mais ou menos de accordo em que o ideal seria uma coisa tão completa que em si continvesse tudo o que ha de perfeito, tendo o poder de beneficiar e aperfeiçoar todo o que se lhe acercasse. Mas não se chegou a uma conclusão. (Que coisa será essa? A bondade, caridade, amor?)

Como o assumpto desse para isso, alargamo-nos e demorei-me pouco mais do que o costume. Tratei de me despedir e sahi, fã só para casa voltar moro perto. As outras ainda ficariam por que, morando longe, os respectivos maridos iriam buscal-as. Não podendo contar com a companhia do meu, que andava em viagem, dispuz-me a partir, agradecendo e dispensando a companhia que bondosamente me offerciam. "Era tão perto e não era tarde; um pulo estarei em casa". Ao chegar á rua, como a noite estivesse lóda, apesar de estarmos no inverno, distral-me a levantar sobre o assumpto que tinha ficado sem solução. Por isso fui andando vagarosamente, ao contrario do que tencionava, pois devia chegar logo a casa para não estar sózinha na rua.

Pensando sempre, ergui a cabeça e ao olhar para o céu, achei-o lindissimo, tão estrelado! O céu tão escuro, profundo e insondavel! Pareceu-me de algum modo semelhante ao comparavel ao que lá pensava: — O ideal profundo, inatingivel! Se não quando, reparo a uma nuvem, muito branca, por sobre a minha cabeça. O céu tão limpo e aquella estranha nuvem! E, o que é mais, pareceu-me tão baixa, que por um movimento instinctivo ergui os braços como que para tocá-la, attingil-a! Seguindo a comparação — foi como a illusão e esperança que temos ao defrontar com o insondavel, de repente se nos afficava um ponto pelo qual pensamos se attingil-o e até achamos que está muito ao nosso alcance. Assim fiz eu para tocar na nuvem; mas qual não foi o meu espanto! Ella abaixou-se até roçar as minhas mãos. Diaphana, branca e leve, senti-me tão leve... já agora nada extranhel, achei até natural, pois foi tão suave e agradável a sensação.

Subi por muito tempo; estava tão bem, apesar da posição parecer pouco commoda. Ao chegarmos a uma immensa região, evaporou-se a nuvem que me havia trazido. Vi-me só nessa região incomparavel. Um silencio absoluto; nada que impressionasse os ouvidos. Sentiria com isso alguma sensação agradável, calma completa? Assim nenhum som me perturbaria enquanto ali permanecesse. A vista seria a unica deslumbrada sem que os outros sentidos distralissem esse deslumbramento para poder ser maior e mais intenso.

Só os olhos! percorri a principio avida e sofredamente essa vasta região, pensando ter sido trazida para ali, por nessa paragem encontrar-se o ideal.

Vi coisas maravilhosas, a custo descriptiveis. Havia symbols para muitos sentimentos, predicados e qualidades humanas. Desde a alguma deslumbrante da innocencia das creanças ao rubro vivo e impetuoso das grandes batalhas. Montes de pedrarias, ouro e estrellas. Inumeras coisas diaphanas, vagas, indefiniveis; todas atrahentes pelo lindo effeito de luzes cambiantes e multicores. Acrecava-me de tudo com enthusiasmo, convencida de chegar ao ideal e delle tomar posse. Ao defrontar-me com cada maravilha, esvaltei-me o encantamento e já não a achava digna de reparo. Percebi, mais magnificentes jardins, entrando a quê o officeto a incitar-me na pesquisa, pois já me sentia um tanto fatigada, mas não sem esperança. Parecia-me que o merito estava em obter-o depois de muito procurar e assim a fadiga seria generosamente indemnizada.

Recostei-me, pois; dei-me no espaço como nelle estava andando. Ali havia o sobrenatural: tudo pairava no ar, nem paredes, nem base por onde se andasse. Ao reclinar-me, veio-me como que um adormecimento, uma sensação agradável de descaço. Certei as palpebras e então senti que lá deslizando mansamente e que descia. Depois, quando parou a descida, voltei a mim com um mal estar de frio. A custo reconheci onde estava. Achei-me deitada num banco de pedra e d'ahi a frialdade. Estava no pequeno jardim de Mamãe. Tudo escuro, alta noite. Puz-me a chamar: "Mamãe, Mamãe!"

Prompta ella assoma á janella do sobradinho e perguntou-me o que desejava. Extranhel que não fosse abrir-me a porta e quiz voar até á janella entre-aberta, pois precisava falar-lhe, mas já

tinha passado o encantamento e estava presa ao solo como os outros mortaes.

Sentia-me atordoada, e o senso como que se tinha esvaído na longa viagem e com a grande decepção. Não podia coordenar as lidas. Com difficuldade pude dizer-lhe: "era só para contar-lhe que sua filha ensandecou e só tem uns lampejos de juizo, apenas o sufficiente para reconhecer o triste estado em que ficou após a esperancada e longa viagem, que foi coroada, não de louros, mas de espinhos, com a coroa entrecelida de muitas desillusões."

Ao ouvir o que lhe disse, tudo se condeou e, como mãe que era, longe de ficar com melo da doída, corre ao jardim, enlaca-me. Ao conduzir-me para dentro murmura falando consigo: "Não ha duvida, acredito que tivesse sido attingida por tamanha infelicidade. A estas horas só pelas ruas... Nem sei como encontrou a minha casa e como me reconheceu... e com taes lidas. Que querá ella dizer? não se comprehende o que diz, nem sei a que viagem allude."

Assim enlacadas, entrámos em casa. Encarou-me assustada e triste. Achei que tinha as feições transtornadas e os olhos muito abertos, mas que parecia não ver o que nos cercava. Abraçou-me novamente. Mais calma por sentir-me acompanhada com a doce companhia que me convinha no momento, reclinei a cabeça e encostei-a ao seio materno. Semicerrei os olhos e o devaneo continuou acalentado com o rythmico pulsar do coração de minha compaheira. O aconchoço materno e o tepido contacto como que deu vida de novo ao meu coração. Antes o estava sentido, é verdadeira, não morrera, mas de que valia isso?

Achava-o grande, dilatado por taes emoções que tive na região incomprehendida onde estive, ao descer; porém tudo saiu em turbilhão, deixando-o maior para mais sentir o vasto delle.

Como já disse, o amor materno foi se infiltrando no meu corpo pelo doce contacto e sincero afflexo.

Com esse phenomeno parecia que tudo se normalizava e que se fazia claro no meu cerebro. Nada tentei explicar do que me tinha succedido. Enlaca-se com força pelo enthusiasmo que de novo se havia apoderado de mim e disse-lhe: — "Agora sim, estou alegre. Sou feliz, muito feliz; achei o que tanto almejava. Depois de tanto esforço e quando já desanimava! Achei a "concretização do ideal!" Resolução do thema que tanto me impressionou e me preocupou! Foi buscar tão longe e com tantos encantamentos e coisas incomprehensíveis. E estava tão perto e tão transparente! Bendita canceira e tambem o desanimo, juntamente mesmo com a desillusão que tanto dóe. Benditos porque serviram para dar mais realce e merito ao já muito valioso achado."

Foi o pulsar do coração de minha mãe o grande achado. Dentro desse peito estava o ideal. O coração, o delicado estajo vermelho, encerrando a melhor joia, entre todas preciosas e incomparavel! — O amor materno de mãe christiã. Vi que de dentro do peito de minha mãe saía uma luz intensa e que nada perdoando a sua intensidade, passava para o meu coração, que, estando dilatado, agora podia receber maior porção dessa luz, que não era senão o mesmo amor que estava inflammao de ella. Mamãe, afflicta, pensou que tinha sido um novo accesso e que a era caracterizado pela mania do ideal. Com as feições agora transfiguradas por uma alegria immensa, despedi-me e dispunha-me a sair. Ao fazer um movimento mais decisivo para me desenganar de Mamãe, que tentava evitar a minha saída, virei-me e... acordei.

Fora tudo um sonho!

Senti-me na cama e ainda deixo a impressão do sonho, que achei tão extranhel, puz-me a pensar.

Conclui que o sonho tinha alguma conexão e que a concretização do ideal seria mesmo um grande coração de mãe christiã! Achei que o sonho poderia ser escripto e tomado como uma allegoria da vida, pois tudo nelle contido podia ser symbolico: A nuvem, a ascensão até á região mysteriosa, os desenganos, a descida, a demencia, o canção, o precioso achado e que sei mais... E a luz que irradiava dum coração se outro communicando-lhe igual claridade? Seria o amor materno transmittindo ás filhas, bons ensinamentos para bem desempenharem o importante papel de mulheres e assim mais tarde saberem como bem haver-se no sagrado papel de Mãe.

Na minha opinião acho que o feminismo bem comprehendido e bem interpretado, posto em seguida na pratica, poderá produzir esse maravilhoso: — bons e bem formados corações maternos, insinuando que sejam christãos, para que, irradiando, beneficiem os filhos e com elles as gerações que se seguem.

Dos corações maternos depende a grandeza da Patria.

M. C. AMORIM



## O SUPERFEMINISMO

Aqui nesta revista (a qual bem podemos comparar á nossa sala de visitas) em que os meus lectos são bons e proveitosos conhecimentos com diversas patricias; onde tambem tão familiarmente expomos aquillo que preoccupa o nosso cerebro e ouche o nosso coração — alegria ou tristeza, temos applaudido por varias vezes o triumpho feminino europeu ou americano.

E quantas vezes como que temos invejado as nossas irmas mais avantajadas que nós. Por mais de uma vez desejei expor o meu modo de encarar este assumpto, para que não é indifferente a nós, mulheres brasileiras. Todavia sempre esperei que alguma outra pena mais favorecida que a nossa, o fizesse, aliás, com proveito para todas nós. Fui esperando, esperando sempre...

Traco estas linhas, aproveitando o socego da "fazenda", lugar de esperanças, de anticipações felizes e não de monotonia como talvez pensaes, pois, aqui ha encanto por toda a parte. O brilho da natureza tão variada, prodiga e bella, o canto dos passaros, o azul doirado do céu, tudo nos força a participar da sua interminavel alegria! Tudo nos fala da bondade inalteravel e infinita do Creator, que não se cansa de apresentar os seus filhos.

Ah! quanta coisa tocante e simplices na fazenda! Se quizessemos somente olhar e estudar aprenderiamos grandes lições que não se encontram nos livros e que nas grandes cidades (onde não ha tempo para nada) nós passaríamos despercebidas.

Como que absorvidos por esta felicidade sentimos um bem estar que fortifica os nervos e tranqüilliza o coração.

As vezes a solidão é uma necessidade para o nosso ser, um poderoso auxilio á vida moral e physica.

Assim é que neste meu descaço, eu me lembro que, lendo com especial interesse uma excellente revista estrangeira, se me deparou um artigo da Sra. Olette B. a qual pensa exactamente como eu, a respeito de tão palpitante assumpto — o feminismo. Peço ás caras leitoras um pouquinho de paciência. Apesar de longo, o assumpto é interessante.

— "Até agora, eu me julguei feminista, no sentido que eu desejava ardentemente certos melhoramentos na sorte da mulher. Por exemplo, sobre a lei do trabalho, eu me lembro que, lendo com especial interesse uma excellente revista estrangeira, se me deparou um artigo da Sra. Olette B. a qual pensa exactamente como eu, a respeito de tão palpitante assumpto — o feminismo. Peço ás caras leitoras um pouquinho de paciência. Apesar de longo, o assumpto é interessante.

— "Ao trabalho igual, salario igual. Leis novas tornam a mulher livre de posar o seu ganho dispondo ou administrando segundo sua conveniencia", ha algumas coisas ainda!

Mas, eu vejo bem que tudo isto é brinquedo de creança, comparado ao systema novo que deve reger a humanidade futura, segundo o dizer das "superfeministas".

Eu acabo de ler seu jornal (orgão deste novo systema), cujo titulo eu prefiro não dizer para de forma alguma lhe fazer "réclame". Fiquei estupefacta, não sómente pela leitura de certos artigos que eu me approvo em parte, mas pelo espirito de exaggero que os anima e não lhe faz justiça.

Antes de tudo devo dizer que, sempre desconfiei tanto de um feminismo como de um socialismo sem Deus. Este ultimo conduz o bolchevismo; quanto ao primeiro, Deus sabe onde elle poderia chegar se não lhe disséramos — até lá!

Eis aqui, entretanto, em algumas linhas (que não tem certamente a pretensão de serem tão bem escriptas como os artigos destas senhoras o resumo das ambições novas exigidas, sim exigidas neste superfeminismo, se eu as bem comprehendi. Primeiramente guardar bem isto na memoria

— O homem, eis o inimigo!

Desconfiemos pois, e lutemos.

Entretanto como é preciso — a casar — a primeira condição é ser inteiramente independente. Devem tornar-se independentes pecuniariamente, seja pela quantia dum dote sufficiente, seja pela possibilidade de um trabalho remunerador.

Com isto o marido nada tem que se envolver. No primeiro mal entendido e por pouco que Madame seja intelligente, ella vai embora toda convencida de ser sufficiente a si propria e a seus filhos, se ella os tem (autorisando-lhe dois ou tres, nunca exceder a este numero).

Além disso, tendo o seu dinheiro particular, ella, a jovem esposa não precisa dar satisfação a ninguém, podendo-se facilmente imaginar o quadro seguinte:

— O marido e a mulher, voltando ambos dos seus respectivos escriptórios, ella em toilette elegante (a superfeminista não fazendo desapparecer, eu presumo, todo o instincto da vaidade feminina).

— Hum! diz o marido, com os actuaes preços das coisas, — "tu deves saber" quanto "te custa" esta toilette chique!...

(Remarque-mos de passagem que o marido está sufficientemente adestrado e sabe bem differenciar entre "o meu e o teu").

— Depois, responde secamente a mulher, eu ganho não é?

— Isto não foste tu que pagaste?

O marido, desapontado, se refugia num silencio prudente, atraz das folhas do seu jornal. E as scenas deste genero podem-se multiplicar infinitamente e a proposito de tudo.

Sómente, dir-me-eis, eu acho já um primeiro ponto fraco. E' que a mulher pode ficar doente e se ella não tiver algumas economias guardadas, cae forçosamente sob a dependencia de seu marido.

— Não tenhas este trabalho de pensar nisto. As superfeministas devem ter prevenido este caso e haverá logo, não divididas, um syndicato, para mulhres casadas, a qual responderá (para se de defender) um syndicato dos maridos infelizes.

Vedes já que partindo deste principio — desconfinação e independencia fóra dos limites, pode-se ir longe.

Este programma vae além.

As creanças pertencem "essencialmente" á mãe, elles são seus filhos e, como ella é perfectamente independente (esta palavra se repete sempre) se a cousa lhe convem, ella sae levando-os consigo.

Ora parece-me que o sentimento da paternidade não está geralmente tão desenvolvido para que se venha a extinguir.

— Estes filhos são meus, diz a mãe...

— Muito bem, retorçe o marido, neste caso todo conta delles, e eu devo mihius mihi. Vedes as bonitas scenas que se passam neste lar superfeminista. Não ha cohesão, muito menos união. De um lado a mãe e os filhos na defensiva. De outro... o pae sózinho, nada tem a fazer no meu modo de ver, senão tomar o seu chapéo e vagar indefinidamente pelas ruas além!

Vós exaggeraes, dirá algum talve!

Na realidade, eis a que podem conduzir as leis superfeministas. Estas leis que querem por a mulher fóra do lugar que Deus lhe designou. A mulher foi creada para o homem diz a Palavra Divina e deve obedecer seu marido em tudo que é direito e justo.

E é ter esquecido e desprezado esta lei divina, por má comprehensão talvez, que nos é dado ler mais uma vez as divagações das superfeministas.

Para vos rejeitarem destas idéas revolucionarias, vinde e eu vos levei a um jovem lar, moderno sem luzidia; mas onde se conta de um feminismo curto e muito simples.

Não tendo tido dote, a jovem esposa continúa tanto quanto pôde o seu trabalho de dactylographia, dizendo que, tinha ganho tanto de modo a conseguir uma economia que puzeram cuidadosamente de lado, (em commun) para os dias de adversidade.

Depois, quando o lar for augmentado com a chegada de um filho, a jovem mãe se viu obrigada a deixar de lado todo o trabalho de fóra tornando-se extremamente occupada com o seu interior.

E, pois, o marido unicamente quem supporta as despesas do lar; sua jovem esposa não se acha absolutamente humilhada de lhe dever o simples, porém, pratico vestido que ella usa e a comilita que ella come. E assim deve ser, porque elle é o chefe da familia, aquelle que a dirige, sobre quem pesam as responsabilidades, zelando com ternura o bem estar do querido lar. Ella é a rainha docil e paciente, aquella que, falando baixinho, aconselha e encoraja sem jámal se cansar.

Como o seu marido não se acha absolutamente humilhada de se ver lar! Jámal teve a idéa de para salvar a sua dignidade de mulher, ella deveria ser independente do seu marido e nada lhe dever. Por conseguinte, não entrega o seu filhinho a uma ama ou de não interromper o seu trabalho de escriptorio.

Assim é que, este jovem lar fundado sobre a estima e a confiança reciprocas, ambas partilhando da mesma creença e servindo a Deus com um coração sincero, vive pacificamente em uma atmosphera de alegria e de felicidade.

E agora, seria pueril proclamar que não pôde haver lares infelizes onde o marido, sendo um verdadeiro despota, torna a sua vida insupportavel, fazendo a infelicidade de sua mulher?

Que haja leis para defender os legitimos direitos da mulher, nós o desejamos ardentemente!

Porém, esperando até que o voto feminino nos seja concedido, ás mãos está reservado o nobre papel entre todos, o de educar os seus filhos no respeito da mulher em geral, e da sua mãe em particular.

A ellas compete inculcar-lhes as lições de justiça, rectidão, bondade, etc. Assim veremos brevemente uma sociedade reformada e harmoniosa em vez de incoherente e revolucionaria. Uma sociedade em que a mulher, estando no seu lugar, ao lado e não acima do seu marido, como querem collocar-se as superfeministas no seu zelo imperativo. E sobretudo, oh! sobretudo, que Deus reine nos lares, e tudo será facil e suave, facil. O marido saberá tomar a responsabilidade dos deveres e das alegrias do seu lar.

A mulher obedecendo, sim, abedecendo em tudo o que for justo e bom, e ambos auxiliando-se mutuamente no tão bello e nobre papel de educar os seus filhos.

E' ao feminismo christão que está reservada a victoria.

Queem levará o estandarte?

Foço minhas estas palavras, pois, ellas estão de pleno accordo com o meu modo de pensar.

Contudo, confio o assumpto a outras pennas mais experimentadas, que nos queiram ajudar nessa importante questião.

A. A. PIRES DE CAMPOS

Fazenda S. Guilherme, 26 — 6 — 920.

JORNADAS NO MEU PAIS, interessanteissimo livro de viagens da grande escriptora brasileira D. Julia Lopes de Almeida, livro que todas as senhoras devem ler para educação e recreio do espirito. Um grosso e elegante volume. — Preço, 4\$500, registrado. Perdidos a esta redacção.

KOLA SOEL

Anemia, fragueza, rachistismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças

# SOCIEDADE HARMONIA

O carioca é eminentemente sociável. É tal o seu prurido de sociabilidade e tão grande o seu prazer de comunicação, que, sob qualquer pretexto, promove saraus dançantes, seja qual for a estação, seja qual for a intensidade do calor. As famílias do Rio, em sua maior parte, cultivam a amizade dos vizinhos e chegam até ao exagero de cultivar relações com os próprios transeuntes assíduos da sua rua. Um indivíduo que passa habitualmente por uma rua, começa por arriscar uma saudação a certa família que alli mora, e ao cabo de algum tempo se torna um comensal, um amigo, um confidente. Nas reuniões dançantes não é necessário que os moços sejam previamente apresentados ás damas para as convidar a dançar. Elles próprios, emquanto dançam, fazem a sua apresentação, dizem o seu nome, e como são febrilmente loquazes e communicativos, contam tambem da sua vida íntima, dos seus ideaes e aspirações.

E no dia seguinte, se encontram essas damas na rua, num cinema ou numa confeitaria, cumprimentam-n'as familiarmente e são correspondidos com sorrisos familiares.

Esse modo de proceder, que alguns attribuem á ingenuidade, a um certo primitivismo, e outros á falta de polimento e distincção, é uma herança do norte do paiz. A maioria da população carioca é de origem nortista. Ora, no norte do Brasil, mesmo nas capitães, ainda ha, hoje, os individuos chamados "serenos". Sabem as leitoras o que são "serenos"? São moços que, sabendo que certa familia realisa um saraão dançante, vestem a sua rou-



Exmas. sras. d. d. Elvira de Paula Machado Cardoso e Herminia Pereira de Queiroz, duas representantes da nossa alta sociedade, directoras da Sociedade Harmonia.



O nosso director; sr. João Salles, em companhia das exmas. sras. d. d. Elvira de Paula Machado Cardoso e Herminia Pereira de Queiroz, no belvedere, á tarde, observando, daquelle eminencia o panorama da cidade estendendo-se ao fundo num effeito de luz maravilhoso.

pa melhor e poem-se a passear por deante da casa, com parasolas propositas sob as janellas. As moças, que os vem, apressam-se em convidal-os a entrar; e elles, que ninguem sabe quem são, vão fazer parte do baile, insinuam-se na intimidade das senhoras e d'ahi a instantes é um "velho" amigo da casa. No ponto de vista moral, não ha nenhum inconveniente nisto, porque essa facil familiaridade não exclue, é certo, o respeito, e as familias nortistas são tradicionalmente ciosos da sua honra.

Ora, no Rio, a sociabilidade não chega a esse ponto, mas, á parte essas demasias, é quasi a mesma.

O paulista tem uma indole inteiramente diversa. O paulista tem indole de sobrecenho, é pouco communicativo, quasi nunca loquaz e muito difficilmente cultiva as amizades novas. Essas differenças, que extremam as duas populações, notam-se a cada passo e são tão profundas, que dir-se-ia não serem as duas populações oriundas do mesmo tronco e formadas, inicialmente, com os mesmos elementos ethnicos.

Acontece, porém, que, mercê da immensa corrente de estrangeiros que demandam estas plagas e aqui se estabelecem, im-

pondo neste meio os seus usos e costumes, o velho character paulista tem passado por grandes modificações. As familias, que, antes, muito orgulhosas das suas tradições, nunca abriam os seus salões senão para receber os seus intimos, já hoje condescendem até em acolher pessoas alheias ao meio, cuja origem não indagam de saber, bastando que tenham corquizado fortuna para te-

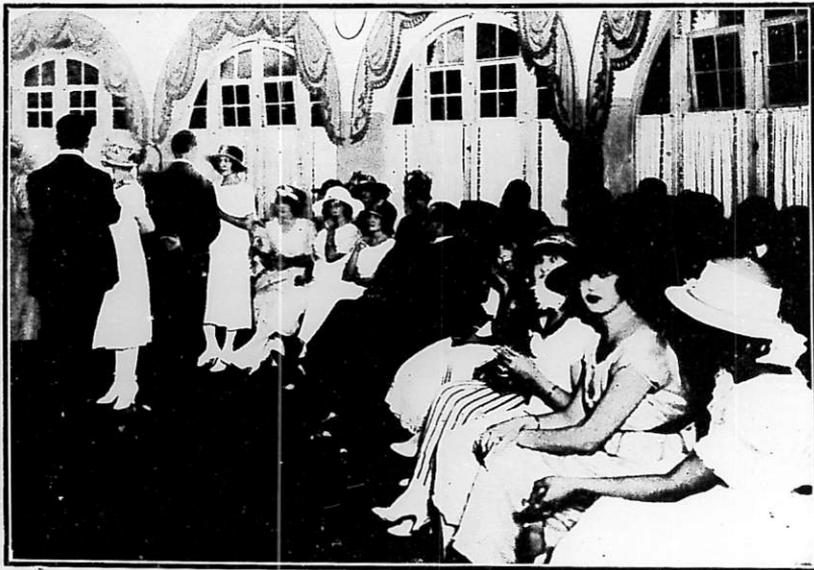
rem o direito de ser acolhidas. Geralmente, essa origem é bastante conhecida, é mesmo conhecida demais, e não falam muito em favor dessas pessoas, cuja compostura ou ausencia de compostura, trae, a cada momento, o "rastaquere"...

Felizmente, porém, algumas famílias, poucas é verdade, ainda se conservam inacessíveis a essa onda invasora de elementos estranhos e sem raízes na raça, e entre ellas apontam-se legítimas representantes dos antigos bandeirantes. Essas famílias são as unicas que representam a pura nobreza paulista. Fazia-se mister, pois, que essas altas senhoras e esses distintos cavalheiros se unissem para formar um bloco de reacção. Eis ahí a origem da Sociedade Harmonia, a sociedade mais selecta de quantas se têm, para os mesmos fins, organizado.

Fundada ha quatro annos nesta Capital, veio ella preencher uma lacuna que de ha muito se fazia sentir,

os titulares de nobreza de ultima hora. Ora, em S. Paulo, essa reacção ia-se tornando cada vez mais difficil, porque muitos estrangeiros e muitos enriquecidos, tendo-se tornado victoriosos neste meio, entraram a alliar-se ás melhores famílias. Sem embargo, graças á iniciativa de um grupo de senhoras, fundou-se essa sociedade, que, além dos seus intuitos nacionalistas, do seu programma de patriotismo, fosse destinada a offerecer resistencia á maré de costumes estranhos, preservando-nos desse contagio e, ao mesmo tempo, facilitando um contacto constante entre os velhos ramos dessa grande e nobre familia, que é a sociedade paulista.

As reuniões da Sociedade Harmonia, constantes de bailes, concertos e conferencias, são encantadoras. A todas ellas preside um indiscutível bom gosto. Os seus bailes á phantasia, sobretudo, caracterisam-se pela suntuosa riqueza, sendo de crer que, mesmo no Rio, nunca se tenham realizado festas que se lhes comparem. Des-



Aspecto da ultima soirée dançante da Sociedade Harmonia realisada nos salões internos do Belvedere.

proporcionando, a um numero limitado de senhoras e cavalheiros da melhor sociedade paulista, um meio de reuniões periodicas em que se congregassem os elementos mais representativos, os nomes mais em evidencia, as mais illustres familias representativas da nossa velha aristocracia.

Como é de ver, a Sociedade Harmonia, organizada sob taes auspicios, tornou-se, desde logo, o alvo para o qual convergiu a cobiça de todos quantos almejam fazer parte da nossa "élite" e confundir-se com ella.

Em todas as capitales da Europa ha sempre uma sociedade, constituída dos melhores representantes da sua nobreza local, destinada a guardar as tradições da sua nobreza, onde não tem accesso os estrangeiro nem

de a sua fundação, o Harmonia tem tido em sua direcção, que é composta de quatro senhoras, duas directoras effectivas e duas substitutas, nomes altamente conceituados e superiormente representativos.

Embora todas as directoras se tenham esforçado para o cabal desempenho da missão que lhes foi commettida, não podemos, emtanto, deixar de pôr em relevo o nome da illustre paulista exma. sra. d. Elvira de Paula Machado, que foi a alma-mater, o espirito creador, por excellencia, a quem a Sociedade Harmonia deve a sua existencia, e tambem o da exma. sra. d. Herminia Pereira de Queiroz, que lhe tem prestado a sua preciosa e efficaz coadjuvação.

Essa sociedade possui já em caixa uma elevada quan-

ta com que vai ser construída a sua sede social. Verdade é que essa quantia podia ser notavelmente maior, mas é verdade também que essa sociedade, desde que o Brasil entrou em guerra, fornecia cincoenta por cento da sua renda líquida à Cruz Vermelha e ao Governo, afim de ser applicada nas medidas attinentes á nossa defeza.

Actualmente, a sua directoria é assim constituída: exmas. sras. d. d. Elvira de Paula Machado Cardoso, Herminia Pereira de Queiroz, Olga da Silveira Campos e Alzira Salles Martins Siqueira.

Mas o seu programma tem uma amplitude, de que não suspeitam as pessoas que estão fóra da "élite" que compõe essa sociedade.

taca-se, pela sua importancia e pela utilidade dos seus fins, o estabelecimento de escolas publicas para o ensino primário e profissional. Quer isto dizer que, d'aqui a pouco tempo, graças ao sentimento de piedade dessas dignas senhoras que fundaram a Sociedade Harmonia, muitas creanças pobres terão a sua escola e muitas moças pobres obterão, no apprendizado profissional, meios de subsistencia para a luta honesta da vida.

Estão aqui perfeitamente accentuados os traços moraes que caracterisam as senhoras paulistas. Porque nunca é demais recordar e trazer a publico o sentimento de philanthropia que sempre demonstraram as nossas patricias, toda vez que uma oportunidade se apresente, toda vez que urge enxugar uma lagrima, levar um conforto ou attenuar um soffrimento.



Grupo de senhoras e cavalheiros, socios da Sociedade Harmonia, posando para a "Revista Feminina".

Durante a guerra, a sua directoria se esforçou, com notavel efficacia, para que fossem sempre vultuosas as quantias destinadas a amparar o Governo e a Cruz Vermelha Brasileira, com sacrificio da sua caixa de reserva. Logo que se complete a quantia, que será, por certo, elevada, para a construcção do prédio em que a sociedade manterá a sua sede e ponto de reunião diaria, outras iniciativas serão postas em pratica e todas ellas encartadas nos seus estatutos sociaes. Entre essas des-

Mas, para que essa fina sensibilidade não embote, para que esse espirito de caridade não esmoreça, para que essa delicadissima esthesia se mantenha sempre tensa, é necessario que as nobres damas paulistas sejam sempre as primeiras a dar o exemplo, a fazer o sacrificio, a iniciar o bom movimento em prol dos infelizes e desprotegidos; e é o que fazem as distinctas senhoras que presidem aos destinos da Sociedade Harmonia, honra desta terra e honra desta raça.

## ONZE HORAS

*Mãe eu não quero mais estudar agora.*

*A manhã inteira estive lendo os meus livros.*

*Tu dizes que são onze horas somente.*

*Mas imagina que não é tão tarde. Porque não poderás pensar que é de tarde, quando são apenas onze horas?*

*Por mim eu posso muito bem fazer conta que nesta hora o sol já chegou ao extremo daquelle arrozal e que a mulher do pescador está colhendo hervas, á beira da lagoa, para fazer o seu jantar.*

*Posso muito bem imaginar, fechando os olhos que sob as arvores vai crescendo a escuridão, e já têm um brilho sombrio as aguas da lagoa.*

*Se ha onze horas quando é de noite, porque não poderá ser noite agora que são onze horas?*



LINDO CATALOGO  
DE MODAS

Enviaremos o nosso ultimo Catalogo  
de Modas para Senhoras, Homens e  
Crianças, a quem solicitar.

AVISO — Pedimos o obsequio  
de indicar claramente os nomes  
e endereços

MAPPIN STORES

CAIXA POSTAL 1391

S. PAULO

# A EDUCAÇÃO DA MULHER

Algumas considerações feitas por Honorina da Silva Mattos, em Cravinhos, no Club daquela localidade.

A acção fecunda da "Revista Feminina", espirito vivo da sua fundadora e nossa grande patricia Virgínia Salles, dia a dia colhe seus fructos, contente por ter assim despertado em nosso Estado e no Brasil, tantas e tão bellas energias até hontem latentes.

Inda ha pouco foi com satisfação que lemos as vibrantes palavras de D. Honorina da Silva Mattos, pronunciadas no seu discurso feito em Cravinhos, no Club daquela localidade. A these escolhida foi a "Educação da Mulher", dissertada dentro das normas serenas que fazem o programma desta revista.

D. Honorina, fazendo um rapido e synthetico estudo da eclosão de todas as liberdades, neste seculo de luzes, ponderou que deante desse evoluer de forcas o papel da mulher, tornou-se um complexo de conhecimentos e de energias mais amplas, sendo que ha poucos annos ainda se restringia em normas angustiosas.

A sua acção, pois, tornou-se mais efficiente e pratica. "A barreira social que a separava dos demais elementos activos, tenta a desaparecer e toda a mulher, numa ancia enorme, numa conquista que domina o espirito, numa victoriosa demonstração de força, coragem e valor, tenta procurar definir e preparar o futuro que deve garantir

Com raro criterio e observação, nota que a mulher brasileira, emancipando-se pelo seu proprio esforço,

Incita, com phrases vibrantes, a reagir-se contra a inacção marmorea e acoção a mulher paulista a irradiar a sua attitudede na conquista dos ideaes do feminismo consciente e militante.

Numa critica acre e justa, sarcastica e espirituosa, ataca frivolidades de certas senhoras, voltadas unicamente para as preocupações das toilettes, que, pelas suas audacias, caminham para se tornar attentados vivos á moral e elementos dissolventes da familia. E, aproveitando a oportunidade, com razão e justiça, verbera o descaço dessas damas pelas coisas do espirito, pelas leituras instructivas e saudias, dessas que podem formar o espirito estoico das Cornelias, a alma heroica das Cawell, a sabbedoria gloriosa das Carolina Michaëlis. Nos jornaes, essas almas irrequietas e pueris, só procuram chronicas de sangue, tragedias de adulterio, onde ás vezes, inno-

centes victimas são atassalhadas pela curiosidade criminosa e metidica dos reporters. E, em uma acuidade critica admiravel, onde a ironia estála como azorrague, verbera a doentia curiosidade da mulher moderna para o cinema, onde a piégue sentimental de certas meninas vae ao ponto de se apaixonar por sombras, isto é, por artistas da tela, ás vezes brutaeas e ás vezes ridiculos e tolos.



Religiosa da Ordem de S. João do Jerusalem.

O trabalho de D. Honorina, como se vê, é de uma utilidade imminente. Elle representa bem o espirito da reacção intelligente contra a mediocridade frivola e dominadora. Produz um pensamento sereno, rude na sua sinceridade, util na sua franquesa. E, terminando, numa peroração vibrante, faz um apello á mulher brasileira para que reaja e termina em estas lindas palavras:

Sejamos entusiastas, deixemos que se afaste de nós o indifferntismo, este mal que não deve continuar a ser contagioso nem hereditario; deixemos de lado as banalidades frivolas, que costumam caracterizar nosso sexo, e estudemos, com affinco, com verdadeiro amor e dedicação, para que possamos tambem, numa santa cruzada, dar á nossa historia, a historia do nosso povo, de nossa raça, grandiosas paginas de civismo, de uma civilização regenerada."



"A divisão da Polonia", desenho de Erimelú, que obteve grande successo nos principios do seculo XIX.

## DOR DE AMAR

Iniciamos neste numero o encantador romance "Dor de amar", para o qual chamamos a attenção das nossas leitoras. O autor, H. Arde, é um escriptor de fogosa imaginação, e que, a pir de uma linguagem sempre elevada e nobre, sabe tratar os episodios do coração com uma delicadeza verdadeiramente commovelora. As novellas de amor são sempre interessantes, porque são as que falam mais de perto á alma de todo mundo.

De resto, os episodios principaes que formam a trama desta encantadora novella, são episodios reaes, colhidos em flagrante, e muitas das personagens que tomam parte nel'a ainda vivem. E', portanto, uma obra de ficção pela fina delicadeza com que a ornou o romancista, e é ao mesmo tempo uma obra vivida. Quem a ler obterá duas vantagens: recreará o espirito e tirará lições proveitosas, porque é uma obra que encanta e edifica.

Quem ler as primeiras paginas, sentir-se-á logo acorcentado pelo interesse que ellas despertam. Demais — e nisso não reside o menor dos seus elogios — trata-se de um romance ricorosamente moral, que tanto pôde, ser lido por uma senhora como por uma menina.

Tal é o romance que offerecemos á apreciação das gentis leitoras da "Revista Feminina".

"A dor de amar" é um grosso volume de trezentas paginas, nitidamente impresso, que vendemos nesta redacção a \$4000.

## RENDA DE IRLANDA

XIX

## ESPIGA DE TRIGO COM BARBA

**O grão.** — Deve-se servir de uma linha como cordão; faça-se um anel com o cordão, 6 m. s. sobre o anel. Prender a ultima m. á primeira e fechar o cordão de modo que não fique nenhuma abertura. Retoma-se o cordão e não se deixa mais.

Faça-se uma fila de m. s., aumentando em cada ponto de maneira a ter 12 m. na 2.<sup>a</sup> fila. Segundo a espessura que se quer dar ao grão, augmenta-se o arredondado com uma ou mais filis, tendo cuidado de fazer bastantes augmentos para que o arredondado fique inteiramente chato.

A barba se colloca em um ponto qualquer da penultima fila. A barba é feita com a linha que serve do cordão. Força-se essa linha entre o polegar e o index cerca de tres dedos do ponto onde foi presa. Logo que ficou torcida, approximem-se os dedos que prendam a linha do ponto em que está presa, e dê-se-lhes direcção. A linha torcida, entregue a si mesma, formará um pequeno cordão, que vae constituir a barba.

Recomeça-se o trabalho sobre o arredondado tomando a linha cordão com o primeiro ponto para o fixar bem, e em seguida continuando-se a servir della como cordão.

Terminado o arredondado, fecha-se o cordão, o que permite dar uma fôrma perfeita ao grão; pare-se, servindo-se da linha que serviu de cordão e conduz-se á extremidade, bem defronte da barba. Conduzindo-a, prende-se ligeiramente, sem que o pareça, ás duas pregas do grão na parte de baixo affim de dar mais solidez. Vae-se operar á montagem.

Façam-se numerosos grãos proporcionaes ao tamanho que se deseja dar á espiga. Não devem ser feitos do mesmo tamanho, claro está. Montando a espiga, collocam-se os grãos mais volumosos em baixo.

Tome-se um cordão ordinario, montem-se cer-

ca de 100 m. s. em cima, deixe-se livre cerca de 8 centimetros de cordão no começo. Volte-se o trabalho e torne-se a descer com o cordão fazendo m. s. tomados nas duas hastes, ponto por ponto. Corte-se o cordão de comprimento igual da extremidade que ficou livre.

Colloque-se o mais pequeno dos grãos na extremidade da haste opposta nos cordões. Prenda-se solidamente cada grão com sua linha, mas sem sobrecarregar de pontos; e, dissimulando estes pontos no tecido, faça-se deapparecer no tecido cada um delles.

Os dois segundos gãos se collocam em baixo do primeiro. a ponta com barba sahindo um pouco para fóra; a extremidade destes grãos attinge pouco mais ou menos a metade do primeiro. O quarto grão se colloca no meio da haste, ligeiramente abaixo dos dois precedentes.

O processo é o mesmo para toda a espiga.

**Primeira folha.** — Deixem-se livres 6 centimetros de cordão. Montem-se 80 m. s. sobre o cordão.

Volte-se e trabalhe-se com o cordão; 6 m. s. mas 6 primeiros m., 3 m. s. sobre o cordão só, 1 br. corrida na 3.<sup>a</sup> m. que segue, 3 m. s. sobre o cordão só, uma br. corrida entre a 3.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup> m., 3 m. s. sobre o cordão só, 1 br. entre a 3.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup> m., 4 m. s. sobre o cordão só, 1 br. entre a 4.<sup>a</sup> e a 5.<sup>a</sup> m., e assim até aos tres ultimos "jours", onde se substituirá a br. por uma br. corrida.

Volte-se, faça-se seguir o cordão, e remonte-se toda a folha por m. s. nas 2 br. Chegando-se á extremidade, façam-se 7 m. s. sobre o cordão só, 2 p. cad., e desça-se de novo com o cordão por m.

s. tomadas nas duas hastes das 7 m. que se acabou de fazer. Desça-se por m. s., sempre com o cordão até á base da folha. A folha está terminada.

A outra folha se faz da mesma fôrma, com a differença que nesta se empregam 120 pontos.

**Para montar as folhas.** — Junte-se o hastil da espiga e o da folha, trabalhe-se sobre os 4 cordões ao mesmo tempo, fazendo m. s. um pouco fechadas, 60 ou 70 ao todo.



FIGURA 19.

Junta-se a outra folha ao hastil pelo mesmo processo; sómente como o hastil não tem cordes a juntar nos da folha, isso é obviado fazendo pontos nas duas hastes, m. s. sobre os quatro cordões.

## XX

## IRLANDA MODERNA

## GENERO PASSAMANARIA — BRINCO DA PRINCEZA

Faça-se um pequeno anel com uma só volta da linha. Sobre este anel, feche-se mas deixe-se uma estreita passagem.

**2.<sup>a</sup> fila.** — 2 m. s. em cada m., 5 filas de m. s. sem augmentar. Ter-se-ão feito 7 filas. (Trabalhe-se de dentro para fóra).

**8.<sup>a</sup> fila.** — Diminuem-se 6 m., o que conduz ás 6 m. do início.

**9.<sup>a</sup> fila.** — Augmentem-se 4 m.

**10.<sup>a</sup> fila.** — Augmente-se 1 m.

**11.<sup>a</sup> fila.** — Augmente-se 1 m.

**12.<sup>a</sup> fila.** — Augmente-se 1 m.

**13.<sup>a</sup> fila.** — Augmente-se 1 m.

**14.<sup>a</sup> fila.** — Augmente-se 1 m.

Ter-se-ão agora 15 m. na 14.<sup>a</sup> fila, 6 fila sem augmentar.

Tem-se 20 filas.

5 filas augmentando uma m. em cada fila.

Attingimos a 25.<sup>a</sup> e têm-se 20 m. O calice está terminado. Façam-se as petalas. 5 m. s., volte-se, 5 m. s., volte-se, 5 m. s. Têm-se 9 filas compreendida a ida e a volta. Uma vez as 9 filas terminadas, continue-se a ir e a vir, diminuindo um ponto na extremidade de cada fila. Deve-se ter cuidado que a ponta da petala seja bem aguçada. Para a segunda petala procede-se como na primeira e do mesmo modo que nas outras.

Terminadas as petalas, tome-se uma linha como cordão e contornem-se as petalas por m. s. Attenda-se bem á fôrma potuda, pare-se cada linha unindo-a á linha cordão para 5 ou 6 pontos, e logo que se tenha terminado o contorno, remate-se bem com a agulha.

Emquanto se contorna, tenha-se bem presente a fôrma das flores afim de bem reunir as petalas entre si. Ergam-se as petalas um pouco para traz e torne-se na terceira fila em baixo das petalas, exactamente defronte da funcção das duas petalas, "um ponto que não abra". Neste ponto faça-se uma m. s., 4 p. cad. um pouco fechados, 1 m. s. defronte da outra junção de petalas e sempre na mesma fila. 4 p. cad., 1 m. s., e assim até ao primeiro ponto desta fila. Façam-se agora 4 m. nos 4 p. cad., salte-se por cima o ponto a prender;

4 p. cad., e assim por deante para toda a fila. Na fila seguinte façam-se quatro augmentados, o que perfaz um total de 20 m.

8 coltas sem augmentar sobre estas 20 m. e pare-se.

Ponha-se uma mechasi-nha de algodão no calice para o manter.

Tome-se uma linha de cerca de 25 centímetros. Dobre-se em duas partes eguaes, forme-se um pequeno arredondado no seu centro e façam-se 8 m. s. sobre este anel, pare-se. Feche-se a linha o mais possível afim de formar uma bolinha.

Coloque-se um alfinete na bolinha e prenda-a bem ao bordo de uma toalha de mesa, de um braço de poltrona, de uma almofada, e faça-se, como se segue, uma pequena cadeia em ponto de macramé. Temos duas linhas. Tome-se uma em cada mão. Mantenha-se a linha esquerda muito esticada; faça-se sobre esta linha estreada um ponto de festão com a mão direita e com a linha da direita. Faça-se remontar este ponto até ao nascimento da pequena bola.

Agora mantenha-se a linha direita immovel e esticada, e faça-se em cima um ponto de festão com a mão esquerda e a linha esquerda e remonte-se a ponta contra a primeira. O mesmo processo até ao fim. As argolas do festão devem não seguir na mesma direcção, mas em direcção opposta.

Ha quatro pistolos: 3 eguaes, um mais comprido. Todos são feitos da mesma maneira. O mais longo tem 3 cent. 1/2 de macramé, os outros 3 cent. sómente.

**Montagem da flor.** — Reunam-se os 4 pistolos



FIGURA 20.

por dois ou tres nós. Faça-se passar o pequeno cabo formado pelas linhas reunidas na flor através do chumacinho de algodão, que elle fixa, e faça-se resaltar á base da flor. Esta operação é facil com o auxilio de uma agulha de crochet. Divida-se agora as linhas em partes eguaes, faça-se com ellas cerca de 1 cent. de macrané, depois retome-se linha e agulha e façam-se m. s. bem fechadas sobre as linhas reunidas do pistilo, e termine-se assim o hastil da flor, que desaparecerá no hastil maior.

**O botão.** — Faça-se uma pequena argola com uma só volta da linha, façam-se em cima 6 m. s., feche-se.

Na segunda fila façam-se 2 m. em cada m. (Trabalha-se de dentro para fóra).

**3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª, 7.ª filias:** malhas simples sem augmentar em diminuir.

**8.ª fila:** diminua-se um m. em cada 2. Attingimos a 6 m. do inicio.

**9.ª fila:** augmente-se 4 m. (Já se têm 10).

**10.ª fila:** augmente-se 1 m.

**11.ª, 12.ª, 13.ª, 14.ª filias:** augmente-se uma m. cada uma. No fim da 14.ª fila, têm-se então 15 m., 6 filias sem augmentar. (Já se têm 20 filias). 5 filias augmentadas cada uma com um ponto. Têm-se 25 filias e 20 m.

**As petalas.** — 5 m. s., volte-se e recomece-se por 5 m. s. 9. vezes. Têm-se ao todo 9 de ida e volta. Agora continue-se a ir e a vir do mesmo feitio, deixando um ponto em cada fim de fila até acabar. Volte as petalas sobre o calice e costurem-se juntamente do lado interior, menos um lado que será costurado depois de ter sido cheio com algodão.

Juntem-se algumas linhas ao concavo da base, e servindo-se dellas como cordão e fazendo por cima m. s. segundo o comprimento que se quer dar ao hastil do botão.

**As folhas.** — Fazem-se todas da mesma maneira, variando de tamanho segundo o caso. Começa-se pela ponta. 35 m. sobre o cordão só. Volte-se e deixe-se o cordão. Faça os m. na haste superior; a outra haste servirá para descer e é que forma a parte do meio da folha. 3 m. s., 1

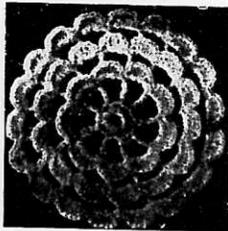


FIGURA 21.

br., 1 cad. de 6 p., 2 m. s., 7 p. cad., 2 m. s., 8 p. cad., 2 m. s., 9 p. cad., 2 m. s., 9 p. cd., 2 m. s., 8 p. cad., 2 m. s., 7 p. cad., 2 m. s., 6 p. cad., 2 m. s., 5 p. cad., 2 m. s., 2 br., 1 br. corrida e o resto em m. s.

E' a primeira metade da folha. Volte-se. Torne-se a descer como se subiu, mas agora observando a ordem inversa.

Em baixo da folha retome-se o cordão e fa-

çam-se com elle m. s. tomadas nas duas hastes das 3 m. s. e da br., 1 m. s. sobre a 1.ª cad., 1 m. s. sobre o cordão só, 1 m. s. na 2.ª cad. (a cavallo) 1 m. s. sobre o cordão só, e da mesma forma até á ultima cad. 1 m. s. nas duas hastes de cada um dos pontos que se seguem até ao ponto do alto. 2 p. cad., 1 m. s. no mesmo ponto e torne-se a descer exactamente como se subiu.

Reunem-se os 2 cordões e façam-se em cima 3 m. s. bem fechadas afim de juntar facilmente a folha ao hastil grande.

#### A mo ntagem.

— Estão todas as peças feitas. Tome-se a mais pequena das flores, que deve ter cerca de 1 cent. 1/2 de cabo. Junte-se o seu cordão ao da primeira folha, a mais pequena.

(As folhas devem estar collocadas gradualmente quanto ao tamanho, e as maiores em baixo).

Façam-se sobre a folha e o cordão, reunidas, 22 m. fechadas.

Colloque-se agora o botão pelo mesmo processo e façam-se 15 m. s. fechadas. Corte-se de quando em quando um cordão afim de não enfiar muito o cabo. Junte-se uma outra for, deixando-lhe cerca de 2 cent. de cabo. 15 m. s. bem fechadas. Colloque-se a 3.ª folha, 15 m. s. E' a parte baixa do cabo. Volte-se e remonte-se, tomando nas duas hastes da fila que se acabou de fazer, faça-se seguir o cordão; os outros devem desaparecer pouco a pouco. Logo que se chega em frente da primeira folha, é preciso collocar a primeira folha "do lado" sobre o qual se está agora trabalhando. Para isso, corte-se o cabo ou hastil de modo que a sua base se chegue cerca de 5 cent. mais baixo que a 2.ª folha e seu cordão. 1 o nível da primeira; façam-se então sobre o cordão livre e sobre o cordão da folha algumas m. s. bem fechadas. Colloquem-se as outras folhas e flores segundo o mesmo processo. Tenha-se muito cuidado com a montagem, tanto á solidéz como quanto á graça e á semelhança da flor natural. Imprima-se em baixo do cabo um movimento de anel para alguns pontos.

#### XXI

##### PEQUENA RODA

Sobre a argola formada com a aza, fazer 18 meias bar. Para fazer tres voltas de festão compostas de duas filias cada uma.

**1.ª filias.** — 10 m. s. cad. X 1 dupla bar. na 2.ª meia bar, da argola, 5 m. cad., repetir 8 vezes desde o signal X.

**2.ª filias.** — Fazer sobre as 5 m. cad. um festão de: 1 meia bar., 1 bar. corrida, 5 bar., 1 bar. corrida, 1 meia bar. Para as outras duas voltas do festão, fazer uma bar. em vez de uma dupla bar. a primeira fila, e collocar esta bar. á base do festão da volta precedente e por baixo afim de que este festão fique em relevo.

#### XXII

##### PEQUENA ROSACEA

Fazer 35 meias bar. sobre uma argola formada pe'a aza enrolada 3 vezes; voltar e fazer uma segunda fila de 35 meias bar. tomando a malha por baixo para formar o lado.

**X. 15 m. cad.** sobre as que se volta a fazer 1 meia bar., 1 bar. corrida, 1 meia bar., passando a primeira malha cad., 1 m. s. sobre uma meia bar. da argola, voltar e contornar esta folha com uma fila de meias bar. tomando a aza, fazer 3 meias bar. na mesma malha na extremidade da folha. Uma m. s. sobre a argola, voltar e fazer uma segunda fila de meias bar. tomando a m. por baixo, 1 m. s. sobre 3 meias bar. da argola, repetir 6 vezes desde o signal X. Repetir estas folhas entre si, fazendo a sexta malha ad ultima fila de meias-barrettas.

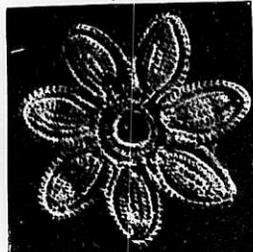


FIGURA 22.



**MENDEL**

E' a marca que VE<sup>x</sup>  
deve exigir quando  
pedir o pó graseoso,  
por ser o unico  
legitimo.

Unicos depositarios no Estado de S. Paulo

**OSCAR FLUES & C.<sup>ia</sup>**

Largo de S. Francisco N. 5 — S. PAULO

## A MODA

Os modelos que estão em voga são de uma variedade que se pôde dizer infinita. Mesmo que se classificassem esses modelos em grupos, escolhendo-os por esta ou aquella uniformidade, esses grupos seriam incon-



1. — Lindo vestido para verão em batista, com salpicos grossos. Corsage kimono; gola chale bordada com volante. Cinto chato. Saia de pregas largas.
2. — Vestido para passeio campestre, de linha muito simples, em tussor, guarnecido de duas faixas da mesma fazenda, rematadas em choux. Corsage kimono, chato. Cinto chato da mesma fazenda.

táveis. De resto, nem essa uniformidade existe, a não ser um ou outro elemento de composição. A nossa estação é propícia para a adopção de qualquer genero de toilette, porque, para falar verdade, nem sabemos qual é a estação que nos rege. Não sabemos se estamos a sahir do inverno ou se estamos em plena primavera ou se já se annuncia o verão. S. Paulo possui o clima mais variavel do mundo, acontecendo, não raro, encontrarem-se as quatro estações representadas no mesmo dia com intervalo apenas de algumas horas. Para

as senhoras elegantes deve ser uma tortura adoptar um genero de toilette conforme o aspecto do dia, porque succede constantemente que o dia que se annuncia hibernoso, com ventos frios, se aquece de subito, illuminado de sol vivo, como se fosse um dia estival.

Acontece, pois, que os abrigos de pelle, que se tornaram indispensaveis ao meio dia, são inteiramente importunos ás tres horas. Mas as senhoras elegantes não devem importar-se com isso. O que lhes cumpre é mandar confeccionar as suas toilettes de accordo com a estação marcada pelo calendario e não de accordo com o aspecto com que se apresenta o dia.

A proposito dessas alternativas de temperatura, occorre-nos uma anecdota, que não deixa de ser interessante. E' o caso que, em Lisboa, ha alguns annos, havia um janota, que se tornou celebre pela sua janotice. Foi o Brummel da cidade e do seu tempo. Ninguem, no Chiado, apparecia vestido com tão rigorosa correcção, com essa correcção excessiva, um pouco chocante por certo, que caracteriza os elegantes de Lisboa, aos quaes se dá a alcunha pejorativa de janota, que lhes vae a calhar.

O tal dandy do Chiado foi visto em plena rua, sob um terivel aguaceiro, trajado com uma andaina de flanela creme, sapatos amarellos, chapéo de palha, bengalinha de junco e com uma enorme camelia branca enfiada na botoeira do jaquetão. A despeito da chuva, que era abundante, lá estava elle atravessando a passo a rua enlameada, com o fato encharcado grudado ao corpo, enquanto os outros, bem forrados nas suas capas de borracha, se abrigavam sob o toldo das lojas. Perguntando-lhe alguém a razão daquella extravagancia, respondeu elle com a serenidade de um verdadeiro

Brummel:

—Cumpro o meu dever vestindo o meu fato de verão. O tempo que faça o mesmo.

Essa anecdota, que de resto, é verdadeira, não deixa de ser, sob o ponto de vista da elegancia e da moda, edificante. Nós não nos devemos vestir de accordo com o dia, mas de accordo com a estação.



Encantadora toilette em gábarde de seda lisa "vieux rose" bordada com grandes rosas e trança de seda azul da China

De pouco tempo a esta parte, a silhueta da mulher passou por uma pequena modificação, que, ao que parece, se irá accentuando cada vez mais, sendo de presumir que, mais tarde, essa modificação se torne absoluta. E' o caso que a silhueta da mulher, vista de perfil, se apresentava com o ventre proeminente e com o collo chato. Senhoras havia que, possuindo um collo alto, tratavam de o achatar e o abaixar, no interesse de lhe diminuir a saliência e a altura. Pois a modificação que se está operando é precisamente em sentido inverso: o ventre tende a tornar-se concavo, como nos omi-



Suggestivo vestido de verão em batista. Coraço kimono e saia píssada na frente. Decote redondo. A gola e o cambão da manga em linon branco. Gravatinha de seda. Cinto de couro branco envernizado. Este modelo impõe-se pela graça e simplicidade.

tanto assim é, que as elegantes de hoje não o são mais que as do seculo dezoito, do tempo das horrendas crenolines, nem que as de 1890, do tempo das inacreditáveis anquinhas. A mulher é sempre a mesma, sejam quaes forem as modalidades da sua indumentaria. E é por isso mesmo que ella se torna encantadora. Se, ao contrario, se creasse uma moda estavel, um uniforme

nosos tempos dos colletes "devant droit", e o collo a tornar-se alto. Essa mudança é muito mais séria do que á primeira vista parece, porque ella não depende apenas da costureira e porque ella não se obtém sómente por meio do córte do vestido ou dos elementos que sejam empregados. Essa modificação acarreta fatalmente a modificação dos manequins e dos colletes. Por ahí já vêm as leitoras que a coisa tem uma importancia muito maior do que se pensava. Os fabricantes de manequins, que os fabricam aos milhares para a exportação, variando apenas as escalas, mas não as proporções, vão-se ver obrigados a fabrical-os segundo outras proporções e modelos, o que lhes acarretará, sem duvida, muitos prejuizos. Acontece ainda que essa modificação na silhueta, que agora é apenas vizível, ameaça tornar-se contrastavel e profunda, o que obrigará os industriaes de manequins a fabrical-os novamente de accordo com as modalidades que se forem, por capricho dos costureiros, operando.

Com eguaes difficuldades vão arcar as colleteiras. D'aqui a pouco tempo, pois, os manequins e colletes, que actualmente se vendem nos mercados do genero, vão tornar-se em genero "alcaide", vocabulo da gyria, significativo de artigo fóra de moda.

Com essa transformação, a graça ou a belleza da mulher será sacrificada? Não. No ponto de vista "natural", parece que a silhueta actual traduz com mais precisão as fórmas femininas. De facto, a mulher não tem o collo alto, como a obrigavam os colletes de 1850, de maneira a tocar com o queixo no collo, nem tem o ventre concavo, como a obrigavam os colletes "devant-droid". O vestido moderno, de uns annos a esta parte, tem caprichado em apresental-a tal como ella é "naturalmente". Mas a verdade é que, feita a modificação, por mais que essa modificação a desvie da linha natural e lhe empreste uma linha artificial e convencional, a mulher sempre será interessante.

A mulher elegante é um protêt, tem todas as fórmas e apparencias, e debaixo de qualquer dellas apparece com uma graça nova. E

invariavel para todas, ellas ficariam diminuidas perante a admiração dos homens. De resto, a moda não é creada pela mulher, mas para a mulher. E' o homem, é o mestre costureiro parisiense que se incumbem de estudar o modelo, desenhá-lo e mandar confeccional-o. A' mulher não incumbe outra cousa senão vestil-o e "lançal-o". As senhoras elegantes não são ouvidas nem



Gracioso vestido para verão em marqui-sette raiada, cortada em dois sentidos. Tunica plissada. Mangas curtas pouco acima dos cotovellos. Neste modelo, que é de um effeito encantador, ha muita unidade na concepção e disposição dos adornos.

consultadas ácerca da novidade creada. Porisso, se ha modelos extravagantes, attentatorios da moral, nenhuma culpa cabe á mulher, senão ao artista desenhador ou costureiro, que os lançou para o fim de obter um contraste ou provocar um escandalo. E como, em geral, em questões de moda, só as coisas contrastantes é que forçam a attenção, succede sempre que as creações concebidas com um gosto discreto quasi nunca obtêm exito.

Para illustrar esta nossa chronica, apresentamos alguns modelos, que são realmente interessantes. Entre elles vêm-se dois modelos de blusas, que, a despeito da sua extrema simplicidade, se caracterisam por muita distincção. As blusas continuam a ser bafejadas pelas sympathias geraes. Ellas são um elemento de toilette muito economico, com a vantagem de variar o aspecto dos vestidos e proporcionar muitos recursos de elegancia e de graça.

Entretanto, a tendencia actual mais accentuada é compor a toilette com blusa e saia do mesmo tom, combinando tambem com o tom das meias e do chapéo. O vestido é em geral simples de linha; mas os enfeites são necessarios para quebrar em parte essa simplicidade. Usam-se bordados e guarnições de todos os feitios, as contas de todas as variedades, os bordados em ouro, em prata, em bronze, em cobre, de linho, de seda, de palha, de rafia, em fitas, em coral, em trança e em "paillettes", sendo que a ultima novidade é a "paillette emailée".

Estão muito em voga o organdi bordado e o tafetá bordado. O plissé tem actualmente muita applicação.

As fazendas envernizadas que, ainda ha pouco, se usa-



1.—Blusa camiseta em linho, com um pequeno decote em ango, abotoada na frente com sete botões da mesma fazenda. Mangas justas. Guarnições de rucles plissadas. Gola simples. Usa-se com saia de outra cor e fazenda differente.  
2.—Blusa camiseta em batista, enfeitada de bordados a cores. Gola larga. Cinto echarpe. Muito proprio para combinar com saia de outra fazenda.

vam como elementos para o vestido, combinadas com rendas ou fazendas de lã, já começam a ser empregadas para os vestidos inteiros.

Embora em Paris, em Londres, em Nova York e em todas as capitales onde se presta um exaggerado e superstitioso culto á elegancia, esteja adoptado o véo como elemento indispensavel das toilettes da noite, as nossas patricias e principalmente as paulistas teimam em não adoptal-o, mesmo quando a moda o impõe e mesmo quando a estação o exige. Não comprehendemos, por mais que agucemos a nossa psychologia, a razão dessa repulsa por parte das nossas elegantes indigenas. Que as senhoras cariocas não usem o véo, comprehendese, porque no Rio o inverno é uma ficção. Mas em S. Paulo o inverno, a despeito da sua ausencia de neve, é uma realidade, e, ás vezes, é mais rude que o inverno europeu por causa dos ventos cortantes e da humidade da atmosphera.

Na estação hybernal o véo impõe-se, não só como moda senão tambem como hygiene para a pelle.

Dessa teimosia as nossas patricias são constantemente castigadas, o que não obsta, entretanto, que continuem ellas a manter o seu proposito.

O véo empresta muita elegancia e é ao mesmo tempo uma necessidade de hygiene. Expór a cutis aos ventos cortantes e á humidade da noite, equivale a não prezar a mocidade e a saude, é um descuido imperdoavel. Durante essa estação as senhoras se apresentam com a pelle do rosto enfarinhada de pelliculas, com os olhos irritados e humedecidos e com os labios gretados. A pelle, nessas condições, nega-se á adherencia do pó d'arroz, e, seja qual fór o preparado ou "maquilage" empregado, tem sempre um máo aspecto.

Convém sempre, durante as estações asperas, usar o véo, porque tem a virtude de proteger a pelle.

E' por essa razão que quasi nunca offerecemos modelos ás nossas leitoras, adornados com véos, sabido como é que as nossas lindas patricias os repellam com uma irritante teimosia, que não se justifica.

Entretanto, embora seja inutil a nossa affirmação cumpre-nos repetil-a: — os véos estão em voga e é urgente e de toda a conveniencia usal-os!



Elegantissimo vestido em tafetá preto guarnecido de grupos de plissés. Toilette de chaatung "bayadère". Em suas linhas geraes esta toilette tem uma rara distincção.

# A doutora

— Não te dou menos de seis semanas. Tres para ficares no leito a caldos de galinha, e tres para a convalescença.

Isto dizia o dr. Martins, depois de auscultar, com uma atenção exaggerada e silêncios significativos, o peito do dr. Ernesto, seu amigo e collega.

— Que aborrecimento! exclamou este.

— A marcha do coração deixa muito a desejar. Precisas descançar seis semanas pelo menos. O melhor que podes fazer é ir passar uma temporada em tua cidade natal, junto á tua mãe. Isso te fará bem.

— Maldita gripe! Ter que ausentar-me precisamente nesta época em que tenho varios casos interessantes a estudar...

— Por enquanto contenta-te com o teu, que é tambem um caso interessante, a julgar pelas pessoas que perguntam por ti.

— Os amigos, é claro; talvez algum cliente...

— Nem amigos nem clientes.

— Alguns conhecidos.

— Nem isso.

— Não te compreendo.

— Quem pergunta sempre por ti é uma pessoa que não conheces.

— Quem é?

— A Juanita, homem!

— Juanita, a doutora?

— Ella mesma.

Juanita Barbosa era doutora em medicina, e amiga íntima do dr. Martins e sua esposa.

Ernesto, apesar da velha amizade que o ligava ao collega Martins, amiga nascida na escola, continuada nas aulas da Faculdade e consolidada na luta profissional, conhecia apenas de nome a dra. Barbosa, por quem o casal Martins tinha muito affecto.

A dra. Barbosa, ou simplesmente Juanita, como era chamada pelos seus amigos íntimos, era uma linda moça, de excellente caracter, que ficou orphã quando contava apenas dez annos.

Quando lhe morreu a mãe, foi recolhida por uma velha tia, que vivia na mesma cidade, um povoado afastado da capital. A menina era intelligentissima, já estava muito adiantada nos estudos. A tia, pois, mandou-a para a capital, para a casa de uns parentes.

Aos vinte annos terminou o seu curso medico e abriu

um consultorio, dedicando-se com especialidade ás molestias das senhoras e creanças.

O dr. Martins e sua esposa, que conheciam a familia da Juanita, tinham um particular interesse em que Ernesto conhecesse a

moça. Tanto lhe interessava a sorte de um como de outra. Conhecendo o caracter de ambos, estavam seguros de que elles haviam de estimar-se e depois... quem sabe?

Mas Ernesto não era partidario das mulheres medicas.

Sempre que lhe faziam uma insinuação no sentido de estreitar relações com Juanita, franziu o sobreolho e pronunciava invariavelmente esta phrase:

— Não me venham com doutoras!

Ernesto, decidido a seguir o conselho do seu amigo e collega, foi convalescer para a roça, disposto a passar uma larga temporada com sua mãe.

A cidadezinha onde vivia a mãe de Ernesto distava uma legua escassa do povoado em que vivia a tia de Juanita. Apesar desta vizinhança, Juanita e Ernesto não se conheciam senão de nome.

Passados os primeiros dias, que foram de íntima satisfação para a velha senhora, Ernesto começou a estender os seus passeios para fóra do povoado, tanto quanto lhe permittiam as forças. A medida que recuperava a saúde, as suas excursões iam-se estendendo cada vez mais. Uma tarde de verão, sentindo-se elle muito melhor, dirigiu-se por um atalho sinuoso, que, bordando uma collina, conduzia para a cidade onde residia a tia de Juanita. A caminhada era demasiada para as suas forças. Teve pois elle de convencer-se de que a façanha era temeraria. O seu peito arquejava, tremiam-lhe as pernas. Para não cahir, sentou-se num velho tronco derrubado e ali permaneceu para descançar.

Passou assim um quarto de hora. Quando pensou em regressar, surgiu-lhe pela frente, a uma curva do atalho, uma figura feminina, de belleza radiante. Ali, em pleno campo, aquella figura era menos uma mulher que uma nympha grega que escapou das paginas da mythologia. Foi pelo menos a impressão que teve o medico ao ver de perto a airosa moça, cujo vestido vapo-



## REVISTA FEMININA

roso, proprio da estação, lhe dava um encanto particular.

O rapaz quiz levantar-se para saudal-a, mas teve que apoiar-se em seguida a uma arvore para não cahir.

— Sente-se mal? indagou ella, aproximando-se.

Ernesto não poudé dissimular o aborrecimento que lhe causou esse contratempo. Contou então á moça a sua recente enfermidade, notando, com extranheza, que esta lhe fazia certas perguntas que denotavam conhecimentos medicos pouco communs ás pessoas não iniciadas na sciencia de Esculapio.

Sua extranheza augmentou ao ver a desconhecida tomar-lhe o pulso.

— Está um pouco agitado. Não é coisa de perigo. E' canção. Sente-se.

Ernesto obedeceu. Ella sentouse ao lado delle. Falaram de mil assumptos. Ernesto falou de sua velha mãe, do seu povoado natal, dos seus amigos da capital e dos esposos Martins, seus melhores amigos.

Juanita, ao intear-se de que estava tratando com o joven dr. Ernesto, cuja opinião ácerca das mulheres medicas conhecia pela esposa do dr. Martins, teve cuidado de não dar-se a conhecer.

O dia ia declinando.

— Faz-se tarde, disse-lhe por fim a joven. — O senhor precisa voltar. Sentirá forças para regressar á casa da sua mãe?

Ernesto, elevavado como estava, preferia prolongar ainda mais um pouco a agradável conversação, mas, ante a insistencia da moça, dispoz-se a regressar.

— Tome uma gottas deste liquido. Se se sentir mal novamente, estes saes o reanimarão. Sempre os levo commigo.

— Antes de separar-nos, não poderei saber quem é, minha bella samaritana? — perguntou Ernesto supplicante.

— Muito pouca coisa é um nome, — respondeu ella com evasiva. — Prefiro que me chame pelo nome que acaba de dar-me.

— Está bem. Será a minha bella samaritana. Vel-a-ei amanhã, neste mesmo logar?

Juanita parecia indecisa.

— Responda. Virá a senhora amanhã aqui?

— E' possivel... Não sei... Até amanhã, doutor.

E Juanita, apanhando a sombrinha que tombou na relva, levantou-se e afastou-se, enquanto Ernesto, com os olhos enamorados, contemplava aquelle vulto gracioso, cheio de viço como um rebento de arvore.

Ernesto emprehendeu o penoso regresso, entre triste e esperançado. Mil coisas lhe tumultuavam no cerebro.

No dia seguinte, á mesma hora, estava Ernesto no logar em que a encontrou, sentado no velho tronco. A hora avançava, e quando começava a desesperar de enconral-a, cil-a que surge de improviso com a mesma fórma em que se apresentou no dia anterior.

Juanita vacilava muito antes de acudir ao appello, mas o desejo de ver novamente o lindo moço teve mais força que os seus escrúpulos. Ella não occultava a si propria a impressão que Ernesto lhe causara e a si mesma perguntava com anciedade: "Quando souber que eu sou medica, que dirá elle?" E o coração opprimia-se-lhe ao pensar na aversão que o rapaz sentia pelas mulheres da sua profissão.

Como no dia anterior, os dois passaram a tarde em

animada palestra. Elle, de vez em quando, insinuava uma pergunta tendente a descobrir o nome da moça, mas esta, com a natural perspicacia das mulheres, torcia a direcção ao assumpto, e entrava a tagarellar sobre outras coisas.

Fazia-se tarde. Varias vezes tinham postergado o momento da separação, mas Juanita, decidindo-se por fim, resolveu despedir-se.

— Amanhã nos encontraremos de novo, minha bella samaritana? — perguntou elle usando das mesmas expressões da vespera.

— Amanhã, não. Devo assistir a uma festa de familia.

— Onde?

— O senhor não sabe? — fez ella com um sorriso garoto.

— Pois se a senhora não disse...

— Logo saberá.

— Quando a verei então?

— Logo. — E ella estendeu-lhe familiarmente a mão.

Ernesto, em pé, quedou-se a contemplal-a, com um enlevo maior que o da vespera. Já agora a necessidade de conhecê-la, de saber quem era, dominava-o inteiramente. De resto, era-lhe isso facil. Numa cidade pequena, onde todos se conhecem, onde são familiares até as gallinhas que debicam o lixo da rua, a satisfação da sua curiosidade dependia apenas de uma pergunta a qualquer dos moradores.

E prometteu a si mesmo seguir-a, acompanhar-lhe os passos, e apresentar-se em sua casa.

No dia seguinte havia uma pequena festa em sua casa. A mãe de Ernesto, no interesse de proporcionar-lhe alguma distracção, convidou diversas familias das suas relações para jantar.

— Convidei tambem d. Mathilde e sua sobrinha Juanita, tua collega. Verás que é uma moça muito sympathica.

— Não me interessa.

— Mas tu não a conheces, homem!

— E' o mesmo. Deve ser uma pedante.

— Ao contrario, muito simples. Quando a vires, mudarás de opinião.

No dia seguinte achava-se Ernesto conversando com alguns convidados, quando sua mãe o chamou á porta:

— Vem cá, Ernesto.

O rapaz, ao entrar, pelo braço da mãe, na outra sala, esteve a ponto de lançar uma exclamação de alegria. Junto a uma senhora edosa estava a formosa desconhecida, a sua bella samaritana.

— Por fim vou saber quem é, disse de si para si. Cumprimentou a senhora, de quem já se não lembrava, e ao saber que a moça era sua sobrinha, ficou muito surprehendido.

— Então... a senhora...

— Sou a sua collega, Juanita Barbosa.

Momentos depois, os dois, alheados de tudo mais, passeavam juntos pelo jardim. Não conversavam já com a mesma desenvoltura das outras vezes. Entre elles pesavam certos silencias cheios de embaraço e commoção...

— Para mim, Juanita, você será sempre a minha samaritana.

Juanita nada respondeu, mas o brilho dos seus olhos trahia a ineffavel alegria que lhe produziam as palavras do rapaz.

Tres mezes depois estavam casados. Os seus preconceitos contra as mulheres medicas desapareceram por completo. — J. DELM.





As conquistas do progresso vão matando lentamente os mais caros ideais. Sim, nós progredimos; cada passo que damos hoje é um passo agigantado no caminho do progresso; mas, para falar verdade, este progresso é obtido á custa das nossas mais romanticas illusões.

Basta dizer ao leitor que toda enfermidade é causada por um microbio, e que os estados d'alma, as tristezas e as alegrias são enfermidades passageiras e o proprio genio é uma doenca chronica. Assim, por exemplo, se algum nos vier dizer que está triste e que a sua tristeza é proveniente disto ou daquillo, devemos-nos rir e propor ao doente uma injeção contra o "cocus" responsavel pela tristeza. Ha tambem uma especie de microbio, um "néo-formans" qualquer, que se installa numa das circumvoluções cerebraes do individuo, e faz d'elle um genio. Ruy Barbosa, pois, não passa de um doente. Se se conseguir, por meio de uma trepanação habilmente executada, extrahir da cabeça do Ruy toda a colonia de "cocus" que lhe inflamma o cerebro, elle deixará de ser o que é para se tornar um individuo igual aos outros, ou a mim, por exemplo.

Eu mesmo, que estou lendo agora este jornal, rimlo-me das idéas que um grande microbiologista externa a proposito do "Amor microbico", sinto-me vagamente desconfiado de que esta alegria é causada por algum microbio que me entrou pelo nariz no momento de abrir o jornal. Tudo é possível. Este mundo perence ao infinitamente pequeno. E' elle que rege o nosso organismo, que nos dá coragem ou desalento, maguas ou desillusões, talento ou estupidez; é elle, que, sem que o saibamos, forma os preconceitos sociaes, cria as modas, inspira as obras d'arte, preside ao espirito das nossas leis... Terrivel o animalzinho!

Mas a minha alegria calou-se. Estou triste. Imagine a leitora que o articulista, que é, de resto, uma immensa autoridade na materia, acaba de afirmar, por meio de palavras scientificas de formação grega, que o amor é tambem um microbio. Pois que! o amor, essa coisa sagrada, essa coisa que até agora foi respeitada pelos laboratorios, o amor então pôde submeter-se a um exame bacteriologico! Oh! é demais! Que todas as coisas do mundo, alegrias ou tristezas, genio ou mediocridade, covardia ou coragem, sejam produzidas por um micro-organismo, vá lá; mas o amor, isso é que não! Contra as affirmações da sciencia protesta o meu coração, que, desde ha dias, anda batendo de amor por uns certos olhos negros...

Mas o diabo do articulista diz estas coisas com tanta seriedade, que sou forçada a esposar as suas idéas.

Sendo assim, o nosso dever é atirar para o lixo todos os livros de poesias que ha por ahí, tirar os poetas dos pantheons e collocal-os nos hospitaes. A poesia amorosa é um vehiculo de contaminação, porque predispõe

o corpo a ficar contaminado.

Não vale a pena de viver esta vida.

O medico assegura ter descoberto que o amor não é nenhum sentimento nem manifestação espirital, senão simplesmente um insignifican-tissimo e vulgarissimo microbio que ataca o organismo, nem mais nem menos como os seus distinctos correligionarios do cólera, do cancro, da

tuberculose, do typho, etc. E o medico se propõe atacar-o em sua zona preferida, que é o coração, preparando uma especie de soro anti-amoroso.

Bastará portanto inocular umas tantas injeções desse admiravel serum para acabar com a paixão mais avassalladora e tenaz.

Quem o diria! O amor é um microbio! Valha-nos Deus!

Em cada dia que passa, colhemos um desencanto ou uma desillusão. Mas de todas as desillusões esta é a maior.

Affirma o tal sabio que o amor não é outra coisa mais que uma especie de estado transitorio de loucura, produzido, já se vê, pelo micro-organismo. Elle o qualifica de monomania affectuosa.

Mas o interessante está no tratamento. Conta elle que as pessoas victimas de uma grande paixão amorosa, têm o lado esquerdo do corpo muito mais sensivel que o direito, e que este phenomeno observou-o elle em quarenta pessoas nas quaes fez a curiosa experiencia.

Que sorte que teve o doutor! Encontrar quarenta pessoas apaixonadas! Eu, que me gabo de ser observador, nunca encontrei nenhuma, senão a mim neste momento, por causa dos taes olhos...

E sabem as leitoras em que consiste o impulso amoroso?

Diz-o o doutor:

"Consiste na harmonia que existe entre as idéas fixas affectivas e a semi-anestesia da parte direita da periphéria. A cura é facil."

Pois se o amor é uma idéa fixa que causa anestesia (uma especie de cocaina) na periphéria da parte direita do corpo, emquanto a maxima sensibilidade se localisa no pulso, na mão, na perna do lado esquerdo, que é que devemos fazer? Nada mais do que restabelecer a sensibilidade do lado direito, e com isso teremos curado o amor.

Todas estas coisas são muito engraçadas, a despeito de serem profundamente scientificas. Mas eu, á minha parte, não lhes agradeço nenhuma. Imagine a leitora que eu estou, neste momento, apaixonado. E' a primeira vez que isto me acontece. Vi por acaso uns olhos... Nunca vi olhos eguaes. Não lhes digo o tamanho nem a cor nem a expressão, porque a linguagem humana é escassa para lhes medir a profundidade e o infinito. Esses olhos, ao ver-me, tornaram-se ainda, se é possível, mais infinitos e profundos. Quer isto dizer que a dona deles tambem me ama.

"Amar e ser amado, que ventura!"

Isto disse Gonçalves Crespo, sem acreditar muito que tal coisa fosse possível. Pois é. Eu sou possuidor dessa ventura.

Imagine agora a leitora que os paes da minha amada tomam a resolução de se oppor á nossa união. Eu nem



quero pensar nessas infelicidades. Mas tudo é possível. Admittamos, pois, que se dê esse tremenda hypothese. Eu não temerei esse facto, se a opposição dos papás della se traduzir em conselhos, em intrigas e em mil outros recursos dessa natureza. Porque o amor resiste



a tudo, ou melhor: o amor, quanto mais resistencias se lhe oppoem, tanto mais valentemente elle se affirma. O que eu temo é que elles mandem buscar o tal medico em França e o incumbam de fazer em minha amada uma inoculação do serum anti-amoroso. Isso é que será o peor. Porque a menina, resfriada por meio da injeção, mortos os microbios causadores do seu amor, é hem capaz de me despedir com uma fosquinha garota no instante emocional em que lhe vá declarar-lhe a minha paixão.

Mas, não. Não sei por que, eu creio mais no amor que na sciencia. O facto é que a sciencia é uma coisa que constantemente fracassa. Ha disso exemplos constantes. Mas o amor, ao que me conste, nunca fracassou. Ao contrario, faz fracassar os corações, transforma as pombas em chacaes e vice-versa. A historia e o noticiario dos jornaes estão cheios de factos dessa natureza, comprobativos da minha asserção.

Porisso, aguardo com serenidade qualquer tentativa que queiram fazer os papás da minha Dulcinea no sentido de lhe esfriar o coração inflamado por meio dos processos recentemente descobertos pelo sensacional microbiologista. Eu mesmo sou capaz de me submitter à prova, e juro que, depois da infecção do tal serum, continuarei tão apaixonado como antes e capaz de fazer por minha amada os mais tremendos sacrificios.

De resto, ella é uma moça excepcional. O destino deulhe todos os dotes, os physicos, os moraes, os intellectuaes e os pecuniarios. Ella é bonita, simples, intelligente e rica. Oh! o facto de ser rica é um simples accidente, o que importa dizer que se o não fosse não seria menos interessante do que é. Verdade é que é filha unica de pae banqueiro... Isso tem sua importancia, tem mesmo muita importancia, a despeito da sinceridade e da pureza com que o amo. O que quero dizer é que o amor pode independe do dote, mas, na maior parte das vezes, o dote, quando é gordo, se torna um elemento de conservação do amor.

Não é necessaria muita perspicacia para comprehender isso. O amor é simples egoista, é simples exclusi-

vista. Elle exige das pessoas uma dedicacão constante, elle não admite que a imaginação dos amorosos se distraia com outra coisa, que tenha outro alvo senão a pessoa amada, que te nha outra preoccupação além das juras e carinhos trocados. O amor tem a sua base na vida. Isso é obvio. Para que duas pessoas se amem é mister que vivam. Ora, a mola real da vida é o ouro, esse ouro tão calumniado, que serve para adquirir confortos, que constituem o adubo indispensavel para que o amor medre. Se os amorosos, pelas contingencias da vida pobre, se vêm forçados a pensar seriamente nos seus meios de subsistencia, e se se acabrunham ante os obstaculos que se lhes antepoem para a conquista do pão, claro está que já se não dedicam, como deveriam, a cultivar a doce ternura que os acorrentou um ao outro. Ha entre elles intervallos de se-

paração. O amor, nesse caso, deixando de ser o objecto exclusivo do pensamento ambos, acaba por esfriar e desaparecer.

O amor é uma flor delicadissima. Deve viver numa estufa, rodeado de mil cuidados. E para que esses cuidados não se desviem, preciso é que não haja outros.

Não sei que pensador — provavelmente grande pensador — disse que o amor é um luxo de gente rica. A palavra "luxo" é chocante. Seja como for, o conceito é profundamente verdadeiro.

Só o ouro é que garante a perpetuidade do amor.

Mas, a que vêm todas essas considerações? Ah! sim, a proposito do dote da minha amada. Ella tem um dote respeitavel... Não foi elle quem guiou os meus olhos para ella. Não, palavra de honra. Se o meu coração bate por ella com tanta ansiedade, é por causa dos seus olhos, que, como já disse, são profundos e infinitos, e por causa do seu corpo fino, tem a graça de uma libellula em pleno vôo.

Entretanto, se não temo que lhe appliquem o serum anti-amoroso, não é por falta de confiança no seu affecto, mas pelo receio do que me fuja o seu ouro...

Sinto-me apprehensivo, na verdade.



Resta-me porém a esperança de que os seus papás não tenham lido o artigo do celebre microbiologista.



## Paginas Infantis

### DEBAIXO DA TERRA



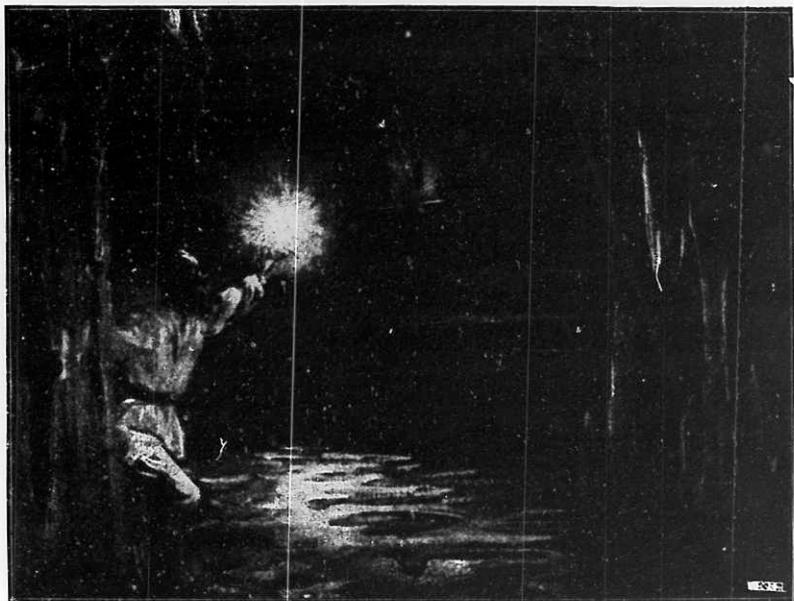
AMOS, tudo já está preparado. A' borda do abysmo está suspensa a escada de corda, perdendo-se nas trevas interiores. Os homens, distribuidos convenientemente ao redor da abertura do precipicio, aguardam as minhas ordens. Eu visto os meus trajes de trabalho;

cinjo á cintura o resistente cinturão do qual pendem os apparatus de geologo; levo ao lado a garrafa da cognac. Depois de beber um goles e cobrir a minha cabeça com um forte chapéo de couro, disponho-me a descer aquelle poço natural em cujo fundo nenhum sêr vivo poz o pé.

Querem vir commigo, meus queridos meninos? Querem visitar as entranhas da terra, para saber como ella é formada e o que se passa em seu interior? Pois sigam-me, sem medo ás mil e uma lendas e superstições

com que a imaginação das gentes simples povoa estes logares. Não tenham receio ás bruxas nem aos sêres phantasticos que, dizem, habitam estas profundezas; tudo isso são mentiras. E' verdade que vamos affrontar outros perigos e mais serios, mas a minha experiencia nestes trabalhos e o excellente material de que me sirvo nos porão a salvo de accidentes desagradaveis. A caminho, pois, para baixo!

Os homens, que estão ao meu serviço, começam a soltar a corda a que estamos amarrados, e nós descemos suavemente, sem pressa, degrão a degrão, attentos a tudo que vemos em torno. A primeira impressão é de frio: um frio humido, que nos faria mal se não estivessemos vestidos de lã, dos pés á cabeça; logo, a poucos metros, a luz do dia, que ficou em cima, vae amoretendo, e, ao cabo de alguns minutos de descida, já não a distinguimos. Parece que fluctuamos no vacuo. Em baixo, a escuridão é mais profunda; as paredes em



A' luz do magnesio fulguraram as estalactites maravilhosas

torno do abismo, são de um verde negro proveniente dos musgos que alli se criam, e em cima vemos um trecho de céu azul emoldurado pela bocca da mina.

Já viajámos cincoenta metros. Descançemos um pouco, sentando-nos nas travéssas da escada.

— Alto!

Nossa voz foi ouvida pelos homens e parámos de descer. A luz chega-nos agora tão amortecida, que não enxergamos nada. E' preciso accender a lampada, que serve não só para nos alumiar como para nos dizer se o ar que iremos encontrando é respiravel. Sim, a luz é boa. Olhemos as paredes e o terreno: já é tudo diferente do que viamos no exterior. Observemos as camadas de terra que se superpoem umas ás outras.

— Abaixo outra vez!

Voltamos a descer com pausas, balouçando-nos no ar, porque a escada já não toca as paredes. A luz do dia é cada vez mais debil. Estamos em trevas absolutas. O rumor e as vozes dos que ficaram em cima não se ouvem quasi. E' necessario lançar mão do telephone para comunicar com os homens. Descemos cem metros, e o abismo parece ser fundo. Não tenham medo. Minha lampada arde bem, o que prova que não ha perigo. Olhem: ao redor da chamma vejamos as mariposas. Que fazem ellas nesta escuridão? São mariposas proprias das cavernas, que fogem do sol e da luz, como as outras mariposas do campo fogem das trevas. A Providencia dotou-as de órgãos apropriados para viver nestes lugares, especialmente de um olfacto e tacto extremamente sensíveis, porque, como não podem ver nada, servem-se destes sentidos para buscar os alimentos.

Baixamos cada vez mais. Se meus calculos não fallham, estamos perto do fundo. Olhem. Mais alguns metros, e tocamos o chão. Como o nosso coração palpita! Como a nossa voz roboa nestas profundidades! Isto indica que estamos numa grande caverna.

A primeira coisa que devemos fazer é examinar o sitio onde nos encontramos, accendendo a lampada de magnésio. Oh! Vocês ficaram admirados, não é verdade? ao contemplar a immensa caverna que se abriu ante nossos olhos, com suas admiraveis columnas de estalactites, de uma immaculada brancura. Gosem esse maravilhoso espectáculo, e enquanto descançamos, prestem atenção as minhas palavras.

Esta abertura por onde baixámos é um verdadeiro poço natural. Mas, perguntarão vocês, como poderia elle ter-se formado? A agua foi o unico autor desta maravilha. Foi ella que, aproveitando uma greta qualquer do terreno, se poz a corroer a rocha, desgastando-a, fazendo desprender-se os seus alicerces, desabando-os até formar a enorme garganta. Para isso a natureza gastou alguns milhares de annos, e, entretanto, o seu trabalho ainda não cessou.

Aqui poderão vocês ver melhor as camadas do terreno. Atravessámos uma porção dellas de diversas naturezas, e isto indica que se formaram umas depois das outras, com regularidade, exactamente como se vocês, meus meninos, apanhando punhados de terra de varias cores, as collocassem umas sobre as outras. Com o meu martelo de geologo quebrem vocês mesmos estas rochas. Olhem. Aqui está uma concha encravada dentro da rocha.

— Oh! quem a metteu aqui dentro?

Não cuidem que foi alguma bruxa. E' uma concha

verdadeira, como as que se vem nas praias, com a differença que esta não tem aquellas cores tão bonitas, porque ficou convertida em pedra; é um "fossil", isto é, o resto de um animal que viveu em outros tempos e que hoje está transformado em pedra ou mineral. Sua presença dentro da propria rocha, que causou tanta admiração a vocês, é coisa facilmente explicavel. Vocês mesmos é que vão responder. Que aconteceria ás conchas, que vocês vêm nas praias, se ninguém lhes tocasse?

— Ficariam enterradas na areia.

— Muito bem, meu queridinho. Pois foi o que aconteceu com a concha que encontramos dentro desta rocha. No tempo em que ella se formou no fundo do mar, morreu o animal, e a concha foi recoberta por camadas e camadas de terra, sem jamais ver a luz, até que nós, com o nosso martelo, a descobrimos. Vamos ver se encontramos alguma coisa mais.

As nossas marteladas vão repercutindo pelas cavidades, com um fragor extranho.

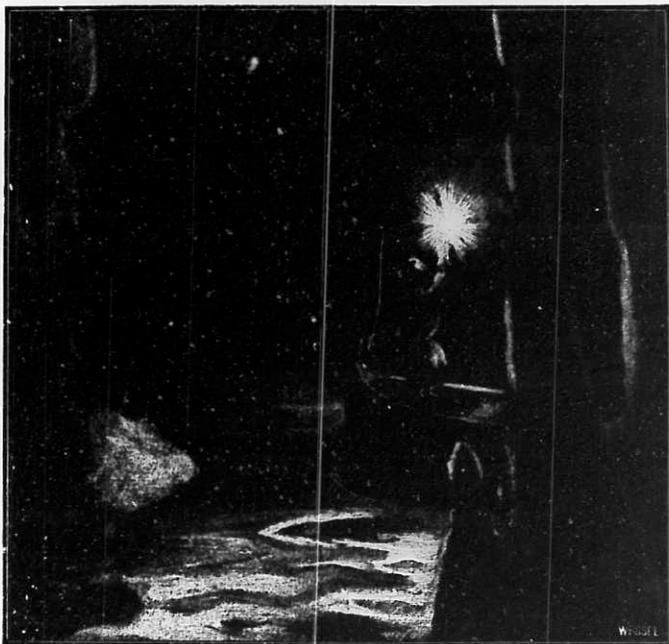
— Olhe, olhe, aqui ha ouro! Como brilha!

— Encontramos um mineral, mas não é ouro, é ferro. Podem guardar alguns pedaços nos bolsos; mas quero que attentem bem na maneira como elle se apresenta, não horizontal, como as camadas de terreno e rocha que o rodeam, mas vertical, cortando-as todas de cima abaixo. Isto é o que se chama um "filão" de minerio, o qual se formou mediante uma enorme greta originada por alguma das camadas do terreno, e por ella subiu em estado de fusão, insinuando-se por todas as fissuras. Outras vezes o minerio procede, não das entranhas da terra, mas do exterior, sendo arrastado pelas aguas e levado para essas fendas, onde se deposita. Muitas vezes acontece que estes filões chegam á superficie da terra atravez de todas as suas camadas, e, sendo descobertos, são logo explorados para usos industriaes; mas em outros casos, como este, o filão não chega á superficie e permanece ignorado, até que uma causa qualquer, um poço, um tunel, etc. o ponha a descoberto.

Continuemos a nossa exploração penetrando na caverna. O chão tem um declive tão suave, que não necessitamos de escada nem de cabo para baixar; contudo, convem que tenhamos muito cuidado para não escorregar e cair. Observemos bem o terreno, apalpando com os pés, passo a passo. Eu seguirei na frente com minha lanterna.

Que maravilha! Se não estivessemos vendo com os nossos proprios olhos, diríamos que era um sonho. O chão, o tecto, as paredes, tudo scintilla a cada movimento da nossa lanterna; tudo está recoberto de um tapete de marmore, adornado de caprichosas incrustações; do tecto caem formosissimos festões das mais variadas fórmãs, e elegantes columnas parecem sustentar esta nave immensa. Toda esta maravilha, que vocês contemplam, extasiados, obra da Natureza, que é o supremo Artista, foi produzida pela agua, essa agua que vae gotejando da abobada de pedra. E' ella que, cahindo sobre a terra, em dias de chuva, se infiltra pouco a pouco atravez das camadas da terra, aproveitando fendas e póros diminutos, e embora grande parte dessa agua permaneça no exterior, originando as fontes, outra grande parte se vae infiltrando, e, graças a um gaz chamado acido carbonico, de que ella se saturou ao cair pela atmosphera, dissolve o carbonato de cal das rochas que atravessa, até que, ao penetrar uma cavidade,

como esta que encontramos, se põe de novo a'agua em contacto com o ar; e, desprendendo-se aquelle gaz ou acido carbonico, deposita o carbonato de cal que levava em dissolução, formando uma delgadissima crosta ou pellicula, que pouco a pouco vae formando estas fessões que pendem do tecto e das paredes, chamados "estalactites". Mas a agua toca no solo, e como tem ainda carbonato de cal dissolvido, deixa alli outra pellicula dessa substancia, que lentamente vae formando esta especie de pilões ou "estalagmites", até que, após milhares de annos, se unem pelas pontas a estalactite e a estalagmite, produzindo estas lindissimas columnas, que dão á caverna o aspecto grandioso de uma cathedral de marmore.



E' um lago subterraneo onde ha peixes cegos.

Prosigamos a nossa exploração. A caverna continua abrindo-se nas entranhas da terra; umas vezes se estreita, outras, a sua abobada se alteia até perder-se de vista, outras vezes ainda, forma uma apertada garganta, por onde rastejamos como reptis, penosamente. Mas o seu aspecto é sempre deslumbrador por causa dos mil adornos caprichosos formados pelas concreções de cal vitreas e reluzentes.

De súbito, um rumor longinquo vem perturbar a calma de morte que nos rodeia; parece o mugido de um animal phantastico, é um "uh, uh" prolongado e cavernoso. E' uma cascata, é uma queda d'agua que não vemos. Adeante, pois. Vamos descobrir outras mara-

villas. Á medida que avançamos, aquelle ruído cresce, avoluma-se. Mais alguns passos, e eis que, a uma volta da galeria, se apresenta aos nossos olhos um espectáculo ainda mais extraordinário: é uma enorme caverna, cheia de agua crystalina, um verdadeiro lago subterraneo. Do alto da abobada, de uma altura de vinte metros, despenha-se a cascata...

Vocês nunca cuidaram que debaixo da terra pudesse haver cascatas e lagos. Ahí têm a prova.

Passeemos agora pelas margens do lago. Que vêm vocês?

— Olhem! peixes!

— E' verdade! peixes!

— São peixes de verdade, exactamente como os que

ha na superficie da terra, e se tivessemos tempo, poderiamos entreter-nos em pescar alguns. Esses peixes são diferentes dos outros, que habitam os nossos rios, apenas numa cousa: não têm olhos.

— São cegos? E como podem elles ver? Tontinhos, se aqui reina a escuridão mais profunda! Para que necessitam de olhos, se não ha luz? Porisso é que elles não têm olhos, ou melhor, têm os olhos atrophiados, mas em compensação, têm mais aperfeiçoados os outros sentidos.

Chegámos agora á margem opposta. aqui se nos apresenta uma nova galeria. Novas cavernas, cada qual mais bella, succedem-se umas ás outras.

— Isto não terá fim?

— Por certo que tem. Não julguem que, por este caminho, chegemos ao centro da terra. Mas cuidemos, por momentos, que este caminho nos guia até lá; se baixarmos mais umas centenas de metros, ficaríamos fritos como as sardinhas na braza. Vocês não notaram já que aqui ha mais calor que lá em cima? Observem. Daquelle parede brota uma fonte. Ponham alli a mão.

— Meu Deus! como queima! Pode-se fazer um cozido com esta agua!

— Nem tanto, menino, porque não tem os grãos de calor necessarios para a ebulição. E' uma fonte "thermal", como muitas que ha na superficie da terra. Tudo isso indica que deve haver um principio activo, um foco

de calor dentro da terra. E tanto assim é, que, segundo estudos e observações que se fizeram, se deduz que a temperatura das camadas da terra aumenta um grão em cada trinta metros para baixo. Com isto vocês já comprehendem que não é preciso descer muitos milhares de metros para chegar a um ponto onde exista a temperatura de ebulição; e se, com o auxilio da nossa imaginação, descermos mais ainda, chegaremos a profundidades onde a temperatura é tão alta, que mantém em fusão constante as mais refractarias rochas e mineraes.

Mas não se assustem, que não vamos descer até lá. Ao contrario, noto que já é tarde e devemos pensar na volta, porque os nossos companheiros, que ficaram em cima, nos esperam com ansiedade. Entretanto, observemos ainda as rochas destas profundidades: aqui já não formam camadas ou estratos, como as que vimos acima, senão uma massa homogenea, como se fosse uma pasta que se solidificasse de uma só vez. E effectivamente, foi assim que se formou. Esta rocha é o "granito", rocha ignea, fundida em outras eras, e que, ao solidificar-se, formou a primeira crosta da terra, e logo sobre ella se foram depositando outros terrenos; por isso se chama rocha fundamental, porque constitue a base. Isto não quer dizer, porém, que não appareça tambem á superficie da terra; o certo é que debaixo della não se encontrou ainda outra rocha.

Emquanto vamos voltando, permittam-me que lhes diga algumas palavras a proposito da formação da terra.

No principio, o planeta Terra, em que habitamos, era uma nebulosa, uma grande massa de nevoa; mas, com o tempo, esta nebulosa, na qual já se encontrava em estado de vapor tudo o que na Terra existe, foi-se concentrando a pouco e pouco, e a concentração acarretou o desenvolvimento do calor, que a converteu num corpo incandescente, como o sol que nos illumina e aquece. Nesta phase do seu desenvolvimento era a Terra uma massa fluida, pastosa, como o mineral dentro do crystal.

Com o andar dos tempos, foi perdendo o calor pela radiação, até que sobre aquella superficie pastosa se formou uma pellicula sólida, que foi engrossando e esfriando-se gradativamente. Desta maneira a massa fluida incandescente ficou encerrada dentro da cobertura da terra, e esta então poudo receber as aguas e outra multidão de corpos que estavam em estado de vapor, produzindo uma immensa atmosphera. O resto se fez com o tempo. Sobre aquella crosta fundamental foram-se depositando camadas e camadas de terreno, de cuja formação trataremos quando fizermos uma ascensão a uma montanha elevada, e assim ficou encerrada dentro da terra aquella massa pastosa, dotada de um calor proprio intensissimo, que se transm.ite ás camadas que a rodeiam. Com isto fica explicado porque ha fontes thermaes, porque é que augmenta a temperatura á proporção que se entra nas minas profundas e porque é que ha vulcões.

Façamos uma despedida a estas cavidades que talvez não-visitaremos mais. Admiraremos mais uma vez as maravilhas da natureza subterranea e recordemo-nos sempre de tudo quanto aprendemos nesta viagem.

A escada de corda alli está balouçando no alto. Os companheiros estão por certo apprehensivos com a nossa demora. Demos as nossas ordens pelo telephone. Dizem de lá de cima que tudo está disposto. Para acima, pois! Começamos a subir pouco a pouco. Olhem. Já principiamos a divisar a bocca do poço, pequenissima, como se fosse a abertura de uma galeria de formigueiro; mas, á medida que subimos, vae alargando-se cada vez mais. Uns minutos mais, e chegamos á bocca, fatigados, extenuados, enquanto os nossos companheiros nos fazem saudações de boas vindas... Lancemos um ultimo olhar a este abysmo tenebroso, que, segundo o povo ignorante, não continha senão duendes e phantasmas, e que para nós está cheio de maravilhas creadas pela natureza.

MARIA ANGELA

## UM VALIOSO MIMO ÀS LEITORAS

O presente mais util, o mimo mais gentil que devemos oferecer ás nossas assignantes é a edição de luxo que será publicada no proximo Natal, e que, só por si, vale pelo preço de uma assignatura annual da nossa revista. O numero de Dezembro futuro será mais bello que todos os outros, mais rico, mais volumoso, mais interessante, e será ornado de varias centenas de gravuras coloridas e collaborado pelas melhores pennas nacionaes. Todas as materias serão illustradas, e as illustrações coloridas serão tão bellas, que poderão ser destacadas do volume para figurar num quadro como ornato de gabinete ou sala. Já ha mezes que estamos confeccionando essa edição, que nos custará algumas de dezenas de contos de réis. Terá copiosa secção de literatura, historia, viagens, sports femininos, movimento feminista, critica d'arte, arte applicada, modas, bordados, costura branca, chronicas de phantasia e chronicas de elegancia, hygiene domestica, cultura da beleza, moral, secções infantis, poesia, contos, novellas, theatro, humorismo, caricatura, cozinha, tourismo romances, curiosidades, etc.

As nossas assignantes em atrazo não deverão, pois, descuidar-se de mandar reformar as suas assignaturas para não perder o direito a essa edição. Basta dizer que essa edição, que é uma verdadeira obra de consulta sobre todos os assumptos e um livro de cabeceira, vale por uma assignatura.

Rogamos ás nossas assignantes que mandem reformar as suas assignaturas antes de vencidas.

## MEIO DE DESENVOLVER A INTELLIGENCIA DAS CRIANÇAS

As mães, que se interessam pelo desenvolvimento da intelligencia dos seus filhos, devem, antes de tudo, estimular-lhes a curiosidade por meio de uma leitura que lhes fale de perto ao espirito. Os livros didacticos que as nossas escolas officiaes fornecem aos alumnos, não lhes interessam absolutamente; ao contrario, têm a desvirtude de lhe despertar o aborrecimento pelo estudo. Emquanto, na Inglaterra, os livros de leitura se resumem a oito ou dez, em S. Paulo eles contam-se por centenas de variedades. As nossas escolas os adoptam, e as crianças os repell'em. E essa repulção é justa, porque esses livros são inteiramente destituídos de interesse.

Dê-m, porém, as mães aos seus filhos a "Nova Seiva", e verão como elles, logo após as primeiras paginas lidas, começam a amar o lindo volume e a interessar-se apaixonadamente pelas suas escriptas narrações. Demais, "Nova Seiva" é um elegante, grande e grosso volume em magnifico papel, cheio de illustrações nitidas para elucidar cada episodio da narração.

Como obra didactica, é a melhor que ha em nossa lingua. Foi escripta com carinho, com arte, destinada exclusivamente a educar as crianças e a despertar-lhes o gosto pela leitura.

Um bello exemplar desse livro custa apenas \$5000; pelo correio, registrado, mais \$1000.

Pedidos a esta redacção.

# A RENUNCIA

Estiveram juntas no collegio e, braço dado passearam por tardes formosas, e por muitas noites festivas. Juntas, pelo estio, iam para a praia e entravam espuma a dentro, em busca das ondas bravas do Sardinero. Juntas, nas manhãs hibernaes, passeavam sob o sol, nas praias areentas; reuniam-se em serões familiares, rotas ás vezes pelos bailes nos salões do Club. Um dia a

sorte separou-as e deixaram de ver-se por muito tempo.

Longe da Cantabria soube Assumpção que o pae de Carmela havia tido desastres financeiros e a familia vivia modestamente numa população marinha; algumas cartas cruzavam-se entre as duas jovens; porém, solidada cada uma pelos graves cuidados do destino, deixaram de escrever-se sem que se esquecessem nunca.

Um dia Assumpção voltou à patria. Havia-se tornado esplendida formosura desta forasteira feliz, que trazia pela mão uma creança encantadora e se apoiava ao braço de um esposo nobre e amante.

A relembrar com delicia os seus primeiros annos, a doce memoria daquella amiga predileta tornara a reavivar-se como um incitante impulso da sua alma. Sem previnil-a quiz visital-a e, numa tarde, um pouco embrumada, um pouco triste, procurou o logarejo onde se escondia a antiga collega de Santander, que tendo fugido das sociedades não deixava sulco da sua juventude e dos seus encantos de mulher sempre apaixonada pelos prazeres do mundo, prompta a fulgurar na pompa da sua graça.

La pensando em tudo isso Assumpção: imaginava que algum obscuro segredo se escondesse nas luvas da ausente; talvez algum drama intimo de belleza destruida por um lastimoso azar; talvez o pesadelo de uma pobreza vergonhosa, sem um motivo cruel parecia-lhe absurdo o destino da sua amiga. Chegou o carro da senhora na entrada escarpada do caminho e ahi parou:

— E agora? — inquiriu a dama, saltando do carro.

— Agora, — respondeu o cocheiro — senhorita irá por ahi perguntando e chegará num instante. A meu ver essa gente que procuramos vive naquelle casarão alli em cima. — e mostrou com o indicador em riste, o perfil escuro de uma velha casa solitaria.

A forasteira encaminha-se pelo trilho enguirlandado de flores; seus pés escorregavam na humidade resvaladica do musgo, sem desfilar a velha moradia, erguida senhorialmente na escarpa. Dos alamos, esbeltos e esguios, erguiam-se como interrogações, aos lados da fachada principal.

Quando Assumpção chegava de baixo do docil humbroso, dois braços a receberam com vehementes caricias.

— Que linda estás! Que linda! — balbuciu Carmela com enthusiasmo. — Desde que soube que havias regressado eu te esperei. Mas vi que te approximavas daqui, reconheci-te logo. Ah! havia razão para estar eu hoje mais alegre que os outros dias! E teu marido? E teu bebê?

Iam subindo a escadaria, mãos dadas como quando meninas andavam pelos pinheares e pelas praias.

Assumpção estava espantada por encontrar sua amiga formosa e cheia de graça, encerrada nessa casa erma e conventual.



Soava no chão pedregulhoso o ruído de uns pés pequenos e o brando cício de vozitas pueris. As mulheres entraram num salão cheio de sombra, perfumado pelo cheiro de madeiras bizarras e flores em pleno viço e sentaram-se sem deixarem de olhar-se e sorrir.

As perguntas ansiosas da amiga, Carmela, calmamente, respondia baixando a voz em tom confidencial:

— Fiquei aqui sózinha com minha irmã, sabes?, — aquella que se casou quando ainda estávamos no internato. Seu marido abandonou-a; está pobre e muito enferma... E eu ajudo-a com o pouco que posso...

— Não pensaste, pois, na tua própria felicidade? Estás no tempo melhor da tua vida e mais bella que nunca...

— Pensei, disse Carmela, empallidecendo. Inclinou-se sobre sua confidente e ajuntou-lhe ao ouvido, cada vez mais emocionada. Tive um amor... tão verdadeiro; tão forte que, se me entregasse a elle teria esquecido minha infeliz irmã... Meu noivo era militar; não possuía outra renda além do seu soldo e eu, para casar-me, necessitava dispor meus haveres; pouca coisa; uma pobreza decente; esta casa, algumas terras e minha pensão como orphã de um coronel...

— E te sacrificaste?

— Sim!

A afirmação rápida e incisiva cahiu no silencio do quarto como um soluço.

— E's admiravel!

— Não muito — murmurou Carmela, vencendo valentemente toda a angustia das suas memorias.

Sorriu, passou a mão pelo rosto, como para afugentar as tentações que a sollicitavam, levantou-se e abriu a janella, por onde entrou um trecho sanguineo de crepusculo e a voz dolente do mar.

Assumpção seguiu sua amiga, recostou-se ao batente e poz-se a contemplar sua amiga com delicada ternura.

Carmela vestia um traje discreto e escuro, lindo na sua simplicidade, miuda, branca, esbelta, de cabellos castanhos e olhos vivos, tinha nos labios um sorriso muito doce e um ingenio ar infantil.

— E não gosas aqui alguma distracção, alegria, pasatempo? perguntou-lhe Assumpção cheia de lastima.

Carmela sorriu:

— Verás neste instante... Espera um pouco.

Sahiu; dali a instantes voltou com duas creanças pequenas, arrastando outras mais crescidinhas ariscas e cheias de acanhamento.

Assumpção reparou que eram seis; estavam todas limpinhas e bem cuidadas; tinham, porém, nos rostinhos pallidos, uma vaga sombra de tristeza.

— Meus sobrinhos, disse Carmela com simplicidade. São tão pequenos e requerem tantos cuidados! Como vês tenho minhas diversões...

Depois entrou a doente, uma pobre creatura soffredora, com apparencias de Maria Dolorosa.

O salão estava agóra quasi na treva. Um ar fino e salitrado vinha do mar, em cujas praias as aguas pareciam dormir mansamente depois que as ondas estouravam nas rochas do pharol vigilante. Do ceu brumoso descia, cadenciado, um bater de azas; eram as pombas que voltavam aos pombaes. Um corvo marinho adejava placido no alto. Toda a luz do ambiente cahia sobre Carmela, sorridente, rodeada pelas creanças.

Assumpção tinha vontade de chorar; fundas commoções, inquietudes obscuras entristeciam-lhe o rosto deante daquelle exemplo commovedor.

Precisava despedir-se; era mister que voltasse ao seu lar cheio de alegrias, aos prazeres do mundo, aos cuidados do amor...

Abraçaram-se as duas moças no ponto do caminho em que o carro esperava Assumpção. Carmela assecurou, entre sorriso, cheia de sinceridade que ella tambem, á sua maneira, era feliz. E, muda, no meio da estrada, corajosa e sózinha, ficou, alongando para a vida, ainda uma vez, os olhos fascinados e sedentos, onde resplandeciam como joias as lagrimas da renuncia.

\*  
\* \*

A' distancia, na nevoa do anoitecer, as arvores que cingiam o casarão sombrio, pareciam á forasteira dois enormes pontos de admiração, guardando uma historia sublime, sob a melancolia immensa do ceu cinzento e triste...

CONCHA ESPINA

## POEMAS HINDU'S

### FOCAÇÃO

*Todo o dia eu encontro o bufarinheiro a gritar: "Missangas, missangas de cristal", quando o sino da torre bate as dez horas e eu com meu caminho para a escola.*

*Nada lhe faz pressa, a nenhuma direcção se obriga, nenhum destino o reclama, para voltar não tem hora.*

*Eu quizerá ser o bufarinheiro que passa o dia na estrada, a gritar — "Missangas, missangas de cristal".*

*Quando volto da escola, á tarde, vejo, pelo portão do castello, o jardineiro que cava a terra.*

*Elle faz o que quer com a sua enxada; e ninguém lhe toma contas, se elle suja as roupas de lama, queima-se aos raios do sol ou volta molhado pela chuva.*

*Eu quizerá ser o jardineiro que cava a terra e ninguém me mandaria ficar quiéto quando eu cavasse o jardim. Assim que vem cahindo a noite, minha mãe manda-me deitar.*

*Pela janella aberta vejo o guarda que ronda acima e abaixo.*

*A rua está escura e solitaria, e os lampeões parecem gigantes de um só olho rubro.*

*Passo o guarda, que nunca dorme, balançando a lanterna, acompanhado da sua sombra.*

*Eu quizerá ser o guarda que ronda de noite as ruas, caçando a escuridão com a sua lanterna.*

### MERCADOR

*Imagina, mamãe, que tu tens de ficar em casa e eu estou de viagem para terras estranhas.*

*Imagina que meu barco está prompto para partir, com a carga completa, amarrado á prata.*

*Pensa bem antes de dizê-lo, mãe. Que quierias que te eu trouxesse quando voltasse?*

*Queres montes e montes de ouro, mãe?*

*Naquelle terra os rios doirados correm por entre searas d'ouro, e as aureas flores do ipê matizam os caminhos da floresta ensombrada.*

*Pois eu hei de trazer-te tudo isso, mãe, em milhares de céstos.*

*Preferes as perolas do tamanko das gotas de chuva no outono?*

*Eu demandarei as praias das ilhas herliferas.*

*Onde são perolas as flores que desabotoam á luz matutina, perolas — a relva dos prados, perolas — as arcas do mar que o vento agita.*

*Meu irmão terá uma parelha de cavallos que vdam até ás nuvens.*

*Para meu pae trarei uma penna magica, que escreverá sozinha tudo o que elle queira.*

*É a ti, mãe, eu darei, num escrínio, as joias dos sete reinos encantados.*

# UM PUNHADO DE NOTÍCIAS

O sport da natação é um dos mais uteis que se conhecem. Sobre ser o mais agradável de todos, tem a vantagem de fortalecer os pulmões, ampliar a caixa torácica, dar coragem, dar elasticidade ao musculo, garantir emfim a saúde. Neste particular não ha nenhum que se lhe compare. A natação tem todas as vantagens da gymnastica sueca, e não tem a sua grande desvantagem, que é, afinal de contas, o aborrecimento que nos causam os seus movimentos, os seus torcicollos, as suas caimbras... Quem usa a gymnastica sueca é um abnegado. Ella é util, na verdade, mas, para se experimentar a sua utilidade, a quantos esforços não somos obrigados! Na natação, ao contrario, tudo é agradável: o contacto com a agua, a sensação deliciosa de cortar a onda, o prazer da distancia vencida, o gozo que sente o nadador em ver-se alvo da attenção dos curiosos... Pois todos estes prazeres reunidos, que são tantos e tão intensos, convergem para um fim: para a saúde e para a força do individuo.

Pena é que as nossas patricias da capital não cultivem esse sport. Para moças é o que ha de mais proprio. Não nos referimos ás patricias do interior, porque essas, coitadinhas, não cultivam coisa nenhuma além do seu crochet e das suas séstas prolongadas. As moças do interior falta-lhes estímulo para tudo e principalmente para os sports; ellas vivem cercadas de uma atmosphera de preconceitos idiotas, que lhes prohibem toda iniciativa nesse genero. Nesta capital ha um grupo, bastante numeroso já, de senhoras que, pela manhã, vão fazer exercicios de natação no rio Tietê, como socias do Club Esperia ou do São Paulo Club.

Na praia do Flamengo, no Rio, certas moças elegantes, algumas das quaes são excellentes nadadoras, atiram-se ao mar de maneira a manter bem alta a cabeça para não molhar os cabelos e para não se lavarem do pó de arroz; sim, porque essas frivolas e encantadoras mocinhas, quando vão tomar banhos de mar, apresentam-se com tantos artificios no rosto como se fossem subir para o proscenio. O receio de que a agua lhes tire o pó d'arroz, lhes descobre o "rouge", lhes empaste a sombra negra com que accentuaram as palpebras e lhes molhe a cabecinha, obriga-as a nadar com a cabeça bem levantada e a mexer os braços com cuidado para evitar os salpicos da agua. Pois para essa especie de nadadoras é que um norte-americano inventou os collarinhos de celluloides. A gravura dá bem idéa do invento, que é engenhoso. O invento é recentissimo, e ainda não está, porisso, vulgarisado; mas é certo que daqui a alguns mezes seja elle adoptado pela unanimidade das senhoras elegantes do Rio, que se dão ao luxo de tomar banho sem lavar a cara.

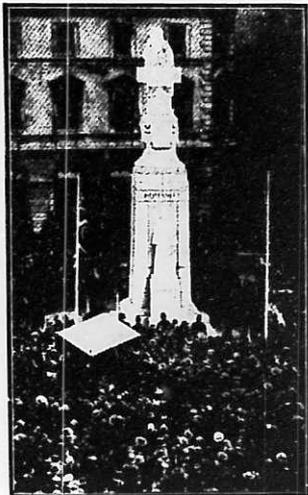
O tal collarinho semelha um abat-jour de porcelana. Deve ser terrivelmente desgracioso.

© © Na America do Norte continu'a intensiva a campanha contra o alcool. E' um paiz realmente maravilhoso aquelle. Se o governo americano conseguir, como é seu intento, deshabituatar a população de tomar as suas costumeiras carraspanas, a população d'aquelle

paiz, em menos de um seculo, será a mais bella e a mais forte do mundo. O alcool, mais do que a syphilis, mais do que todas as endemias é o agente mais poderoso da degenerescencia.

Conta um viajante francez que o povo mais bello e mais forte do mundo foi uma certa tribu australiana, da qual era chefe um marujo francez, que, salvando-se de um naufragio, aportou á ilha. A sua força, a sua coragem, a sua belleza varonil excitaram a admiração dos selvagens, que acabaram por elege-lo chefe. O marujo era um joven atleta, que tinha a nobre paixão pela força physica. Usando da sua autoridade de chefe, começou a treinar as crianças da tribu, de ambos os sexos, obrigando-as a exercicios gymnasticos. Ao cabo de trinta annos, toda a população d'aquella ilha apresentava um surprehendente aspecto de força e uma admiravel belleza de linhas. O ex-marujo, que era um convicto abstimente, prohibira, como é de ver, o uso do alcool. Pois, logo que elle morreu, os australianos, sentindo-se livres, começaram a tomar alcool. Hoje, essa tribu está inteiramente degenerada. E sabem as leitoras ha quanto tempo morreu aquelle chefe benemerito? Ha poucas dezenas de annos. O alcool, no decurso dessas poucas dezenas de annos, aniquilou aquella população. Hoje, quem aporta áquella ilha perdida no continente australiano, já não vê como antes, lindas mulheres, verdadeiras Venus cõr de bronze, nem os bellos rapazes de fõrmas de ephebos gregos, e sim mulheres immundas e homens rachiticos, inuteis e imbecillizados. Tal foi a obra do alcool.

Ora, o americano do Norte é, hoje, mercê dos desportos athleticos que apaixonadamente cultiva, um dos mais bellos do mundo, e se ainda não é o mais bello é devido isso ao alcool. Se, pois, o governo americano



Inauguração official, em Londres, do monumento erigido a Miss Edith Cavell, fuzilada pelos allemães em outubro de 1915



Uma nadadora norte-americana, com um novo collar de celluloides, destinado a proteger a bocca, os olhos e o nariz durante a natação

conseguir levar avante a sua campanha, e o povo loigre perder o habito do alcoolismo, a União Norte Americana será em breve o primeiro paiz do mundo.

E nós, os brasileiros? Que seremos nós, com as nossas endemias, com o nosso horror aos exercícios físicos, com o nosso amor pelo álcool, pelo tabaco, por tantos vícios deprimentes? Quando teremos um governo que consciente das suas responsabilidades e bastante popular, possa pôr hombros a uma campanha dessa natureza?

☉ ☉ Com que recolhimento, com que piedosa unção, com que commovida ternura o povo de Londres assistiu, não ha muito, à inauguração do monumento erigido a miss Edith Cavell! Miss Cavell era o anjo, cuja só presença bastava a alliviar o sofrimento dos pobres soldados recolhidos pela Cruz Vermelha Inglesa. Era ella quem lhes pensava as feridas, quem lhes lia a correspondencia, quem lhes contava lindas novelas para os distrahir, quem os consolava com a doçura da sua voz, com a alta espiritualidade que em seus olhos se reflectia, com a meiguice do seu gesto... Tanta bondade, tanta abnegação, tanta caridade, tantas noites passadas em claro, tantos dias curtidos em jejum, deviam ter um premio. E teve-o ella! O seu premio foi o martyrio, que a santificava perante Deus. Os allemães, em outubro de 1915, fuzilaram-na!

☉ ☉ Tocante tambem foi o gesto das mulheres alsacianas, que acabam de depositar uma corôa ao pé do monumento dos combatentes de 1870. M. Deschanel, presidente da Republica Franceza, que assistiu ao acto, pronunciou então uma commovida oração, que arrancou lagrimas às pessoas presentes.

☉ ☉ O brasileiro, com o seu eterno terror das constipações, profere sempre permanecer nos ambientes fechados. A' hora do jantar, manda fechar todas as janellas da casa, receioso de que o vento lhe entre em casa para purificar o ar. Quando se deita, não se esquece nunca de fechar as portas e janellas do quarto. Assim, vive elle uma vida anti-natural, cujo resultado é



Mr. Deschanel sauda a duas jovens alsacianas, que acabam de depositar uma corôa sobre o monumento dos combatentes de 1870

debilitar-lhe ainda mais o organismo, já debilitado por outras causas.

Ora, na Italia, actualmente, estão sendo distribuidos pelas escolas uns cartazes sobre os "Mandamentos da

saude". Um delles representa um menino dormindo perto de uma janella com as vidraças abertas, e tem em baixo esta inscripção: "Vae para a cama cedo e deixa as janellas abertas."



A prohibição, em Nova York, das bebidas alcoholicas. Um lar elegante onde, agora só se vendem livros e aguas minerais

A proposito deste mandamento, que é o setimo, o professor Mario Ragazzi escreve na revista "gine della Scuola" estas considerações, que são opportunas.

"Este mandamento, diz elle, tem suscitado muitas duvidas e preocupações entre os professores, os quaes, ao commentarem e divulgarem essa prescripção na escola, se vêm perplexos diante do contraste existente entre ella e a convicção muito generalizada, de que é perigoso dormir com as janellas abertas, por causa dos resfriamentos, bronchites, dores rheumaticas, dores de cabeça, de garganta, etc. A corrente do ar! — eis a preocupação constante do publico, que fecha hermeticamente portas e janellas, mesmo em ambientes estreitos, cheios de gente, onde a ventillação, mais do que util, seria indispensavel. E o cumulo da exaggeração se vê nos quartos dos doentes, os quaes, permanecendo continuamente no mesmo aposento, e produzindo maior quantidade de elementos malsãos, alteram e viciam o ar.

Nós conhecemos a necessidade do nosso corpo em receber oxygenio; sabemos que se pôde ficar alguns dias sem comer, muitas horas sem beber, mas não se pôde viver nem um quarto de hora sem oxygenio. Além disso, sabe-se o consumo que se faz do oxygenio, e o simultaneo acrescimo de acido carbonico no ar ambiente; e que muitos elementos concorrem para viciar ainda mais o ar de um quarto de dormir. Ora se nos 'embrarmos agora de que um terço da nossa vida, nós a passamos na cama, e que é precisamente durante o sonho que o nosso corpo deve eliminar os elementos da fadiga e restaurar as suas forças — é de se calcular a importancia que tem para nós o ar do quarto, que deve ser puro e são, eliminando-se delle todo o elemento nocivo.

**Creme "GABY"**

Embelliza a  
Cutis da Mulher!

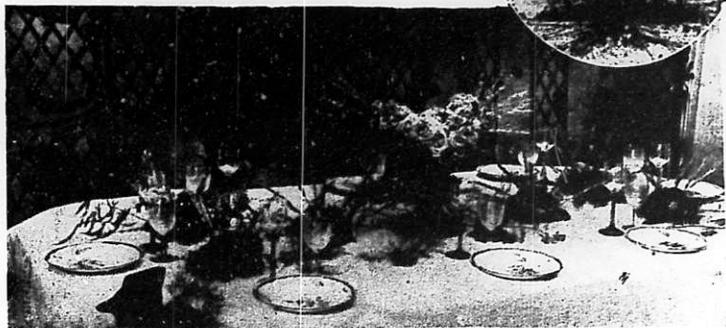
Vende-se  
em toda  
a parte

**Esmalte "GABY"**

Usado por toda  
Senhora Elegante!

# Como enfeitar minha casa

## AS FLORES



Lemos, num dos ultimos numeros da "Feminina", uns magnificos conceitos, firmados por mme. Albert Maumené, a proposito das flores como motivo decorativo para a mesa de jantar. Illustra o artigo a linda gravura, que reproduzimos, cujos modelos foram artisticamente compostos por mme. Edoourd Debric. Esses modelos servem, além de tudo, para suggerir as mais variadas idéas para preparar uma mesa. Poupamo-nos ao trabalho de traduzir o artigo, que é, aliás, interessantissimo, porque entendemos que basta observar a illustração para elucidar a imaginação e guiar o gosto, e porque tambem não necessitamos restringir o nosso gosto ao gosto parisiense, em materia de flores como motivo de decoração, visto como os elementos com que contamos, para esse fim, são immensamente mais valiosos.

As nossas leitoras, que prezam a elegancia do seu interior, não podem passar sem flores para ornar a "etagère", o tocador, a sala de vizitas e, sobretudo, a mesa de jantar. Sobre esta, uma corbeille dourada, estyio Luis XVI, de vime, muito esbelta, com largos bordos abrindo-se em feição de lotus ou campanula, constitúe o motivo central. Esta corbeille está representada á parte, numa pequena gravura, e poderá servir de modelo para outra que a leitora quizer mandar confeccionar.

E' sempre difficil dispor as flores com arte numa corbeille. O ramilhete de flores, tal como o vende o negociante deste genero, armadas em arames e contornadas em funil por um papel repicado a machina, é de um gosto tal, que admira haja quem tenha animo de incumbir o negociante de preparar tal ramalhete, e maior animo ainda de o comprar. As flores, sobretudo, valem pela sua variedade, variedade de fórma, de tamanho, de cor e de gradações. As folhagens, quando bem aproveitadas, valem tambem por si mesmas e pelo efeito que emprestam ás flores. Em França, as folhas

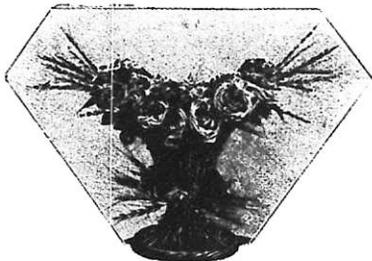
como elemento decorativo, são muito fracas. Nós dispomos de incalçaveis e bellissimas variedades, entre as quaes sobressaem as avenças, as palmas e as samambaias. Em cada uma destas especies encontram-se o mais lindos typos. Ha samambaias e avenças que têm delicadezas de rendas, com caprichos encantadores de desenho o recorte.

Pena é tambem que, por imitação ao gosto europeu, as senhoras elegantes só usam certas flores civilizadas, como a rosa, o crysanthemo, o cravo, a crysanthalia, a violeta, etc. Estas flores são, por certo, as mais bellas, mas á força de serem empregadas como ornamento, acabaram por perder grande parte do seu encanto e tornaram-se excessivamente vulgares. Para um pequeno vaso nada ha mais proprio que uma rosa de estyio, uma ou duas, com suas folhas e botões. Mas quando se necessita obter um grande efeito de ornamentação, são aproveitaveis tambem as

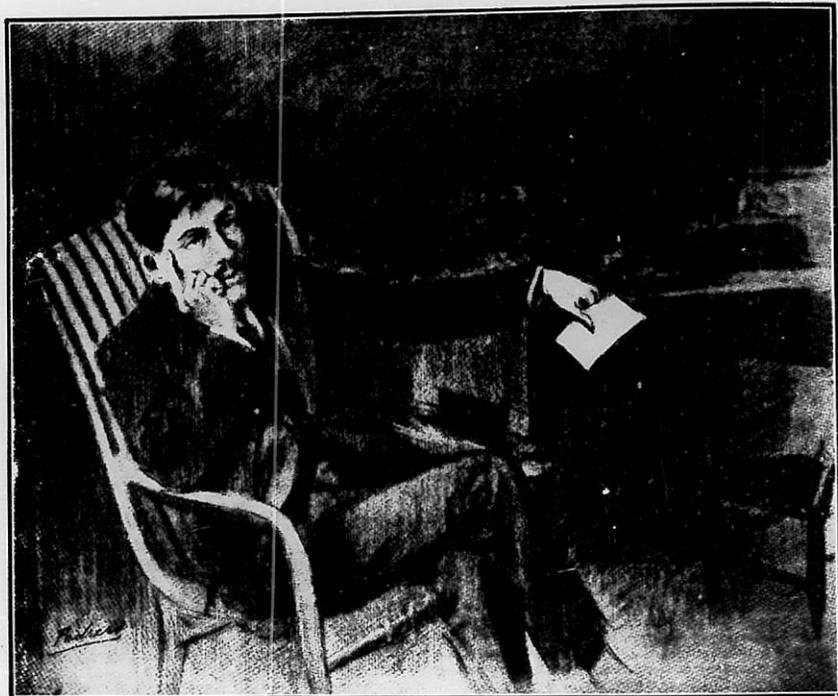
flores humilides, porque têm um encanto primitivo, todo particular o são muito suggestivas, como, por exemplo, as balsaminas, as que damos o nome de "beijos", e que são tão ricas de cores, as damas-entre-verdes, os rainuculos, as esporinhas, outras mais, que já se não cultivam em nossos jardins e que, entretanto, fazem o encanto dos jardins das cidades do interior. Além disso, temos ainda as infinitas variedades de plantas ornamentaes, como as orchideas, de que se faz tão pouco uso.

Observem bem as leitoras a gravura desta pagina e guiem-se por ella para ornamentar a sua mesa de jantar.

A decoração de uma mesa é coisa que apresenta muitas difficuldades. E' necessario muito gosto, muita arte para fazer sobressahir, entre os crystaes e garrafas, os lindos vasos com flores. Para falar verdade, as flores têm tanta graça, só por si, têm tanto efeito como ornamentação, que nem são precisos cuidados. Mas a arte lhes dá ainda mais relevo.



# COMPANHÃO



Quedou-se absorto, contemplando com um crystallizado olhar de estupor aquellas linhas: "Luiz casa-se com Margarida. Papae já lhe pediu a mão, e, comquanto não esteja fixada a data do casamento, é certo que se realizará antes de passar a Primavera."

A noticia pareceu-lhe horrivel, monstruosa, de uma refinada crueldade. O inesperado desse acontecimento foi como um golpe de cyclope que o privasse de todos os sentidos. Por fim, sobrepondo-se á dôr, fez um esforço sobre si mesmo, esfregando as palpebras para se dissuadir de que não fóra victima de uma illusão. Mas infelizmente, não lhe restava mais duvida alguma. Reconhecia muito bem a letra de sua irman Amelia, aquelles traços finos e aristocraticos que lhe diziam, sem piedade: "Luiz casa-se com Margarida".

Com Margarida! E essas palavras ao lhe passarem pelos labios pareciam requeimal-os dolorosamente, arancando-lhe do fundo d'alma, profundos suspiros. Revoltado ante a realidade do facto, não queria, porém, resignar-se. Comtudo com aquella compungente curiosidade do enfermo, que se empenha em conhecer a extensão da sua desgraça, voltou os olhos pela carta, no afan de descobrir pormenores que justificassem aquella tão repentina e lamentavel decisão.

Sua irman, porém, não lhe fornecia nenhum esclarecimento. D'aquillo, que para elle, era o mais importante, passava avisos banaes. Só um ponto lhe despertou a attenção: Margarida dizia-lhe: "Mamãe es-

pera que, aproveitando o motivo do casamento, você, virá ver-nos; pois, já faz tres annos que não nos visita".

Era uma quasi reprehensão; e isso lhe fez brotar lagrimas aos olhos e sentiu opprimir-se-lhe o coração. A' mente lhe vieram aquelles dias amargos que sofrêra desde que deixara o calmo lar paterno, onde sempre reinaram a paz e a abundancia e que, no prurido de tudo poetizar, comparou ao suave aroma dos castos labios de uma virgem. Nostalgico teve saudades do encanto bucalico daquella vida rural, sem emoções fortes, monotona e calma como o continuo tictac de uma pendulo de relógio. Pela retina lhe passaram a vigorosos traços as noites de inverno, ao carinho do lume, entre o sussurro das ave-marias e os suspiros da mãe pelos seus queridos que deixaram de existir; as polychromas paizagens do torrão natal, louçans e fragrantés como as faces de moçoilas lindas; as tortuosas viellas, cobertas de verde musgo, nas quaes a lenda criára lances cavalheirescos; as silentes alamedas, á sombra de cujos eucalyptus, cantavam as vozes seraphicas dos meninos os ingenuos romances infantis; os vetustos palacios em ruina, com os antiquados escudos de legendas obscuras, e entre cujas paredes revivia o espirito fidalgo da raça; o sombrio cemiterio de altos cypresses, bello livro de amor e de fé, em cuja desoladora melancholia acham thema para extensas estrophes de mystica fragrança...

E tudo aquillo que o seu espirito chorava no presente, abandonara por causa d'Ella, pela ingrata, que não soube esperar, por quem cegou o passado azul de seus sonhos de artista, obrigando-o a lançar-se á aventura para medir a resistencia de suas azas.

Que dolorosa experiencia!

Noites, sem dormir, dias sem pão, eternas horas de peregrinação esteril, em que o fracasso lhe cuspinhava o rosto com sarcástico jubilo. E assim, dia a dia, envenenando lentamente sua alma pela maldade dos homens, vendo como a perfidia e a traição o impelliam a cair, enquanto lhe offerciam uma protecção humilhante.

Parecia que um fado malefico se comprazia com a sua derrota. A' sua mesa fez sentarem-se Judas que o venderam; acreditou redimir Magdalenas e foi burlado em sua boa-fé; e quando abatido pela dôr, sentiu demasiado pesada carga para seus hombros a cruz da existencia, não encontrou Cyreneu, que o ajudasse,

Naquelle dia chorou de raiva ante a sua impotencia, mais do que nunca desconsolado e afflicto.

Ella, a mulher que idealizára e crera capaz de comprehender e sentir os grandes ideaes, revelava a sua grosseria espirital de uma maneira desoladora: "Bem vês, que todos se casam, menos eu, que para te esperar, réjeitei muitos e bons partidos, e agora ando na lingua do povo, charqueada por todos os moços. A filho do coronel X..., o Obiquinho, que tu dizias ser um bobo de marca, foi nomeado escrivão da colletoria, e vae casar-se pelo Anno Bom, com a Izabel, do Maneco; o Romeu, que julgavas um idiota, aqui esteve pela semana Santa, fazendo um brilhareto com a farda de alumno da Escola Militar. Certamente, haviamos de conversar; o que não extranharás, sabendo que, desde meninos, nos queriamos bem, e meus paes até queriam que fossemos noivos..."

Ante frivolidade tão offensiva, a dignidade do enamorado moço sentiu-se maguada e respondeu desabri-



nem mãos amigas que lhe enxugassem o suor do rosto...

Até Ella fôra ingrata. Depois de passar o primeiro anno e ainda não havia conseguido triumphar por uma definitiva consagração, que, moral e economicamente, o remisse dos sofrimentos, suas cartas tornaram-se mais tardias e circumspectas, até que cessaram, por completo. Os seus, os que deviam animal-o, não foram menos crueis. As missivas chegavam pletoricas de reticencias, de ironias, de zombarias. "Vê? Quem corre cança", "Bem diziamos que você de-animaria".

Si tantos talentos, como ha nesses grandes cidades, succumbem, como ha de vocês serem, sem preparo solido e cheio de pueris illusões?" Mas, nenhuma carta fez-lhe tanto mal quanto aquella em que sua noiva o aconselhava a abandonar os seus sonhos para jungir-se á realidade prosaica de um emprego publico, afim de que a velhice não viesse surprehendel-os em tão dilatada solteirice.

damente, com orgulhosa exaltação, dando o dicto por não dicto... Estava tudo acabado.

Elle, porém, abrigava a esperanza de que Ella, como aquella esposa do "Cantico dos Canticos", lhe diria um dia, cheia de ternura: "Eu dormia, mas, meu coração velava". E esta esperanza aguilhoava o seu animo, sem querer render-se á derrota, fazendo do seu triumpho questão de vida ou de morte.

E depurava as suas emoções, mortificando o espirito, revolvendo com os proprios dedos a sua ferida, entretecendo os louros da victoria qual cruciante corôa de espinhos...

Mais, ai, que dolorosa experiencia! Experiencia que lhe roubara a pureza da alma, convertendo os brancos roxos de suas juvenis chimeras em rubras flores de paixão, como si foram empapados no sangue das suas feridas. Bem sabia quão inutil era o sacrificio, quão ephemera e fallaz é a gloria que se consegue deixando a dignidade e o coração despedaçados.

Mas tinha de vencer, era forçoso vencer para desabafar os rancores e as amarguras. E quando tivesse vencido, já em plena posse do êxito, demonstraria poder prodigalizar os segredos de sua lyra com a mesma misericórdia com que Jesus prodigalizara as suas parabolias.

Ah! venceria, custasse o que custasse! Não lhe importava sua saúde, nem a morbida hyperesthesia do seu espirito. E ia por ahi fóra glosando suas dôres, fundindo no verso todo o pessimismo de seu intimo. Ninguem, como elle, soubera exprimir o martyrio de ouvir as alegres gargalhadas e os murmurios musicas de algum salão em festa, enquanto o poeta, orpham de todos os afagos, caminha tiritando, debaixo de chuva, e seus pés, mal calçados, chapinham na lama; o soffrimento de carcer de asylo e lobrigar, através dos vidraes, a "silhouette" dos enamorados que arrulham; o estoicismo e o valor, que são necessários, quando se vive lacerado por todas as miserias, para resistir ao desejo de fugir á vida...

De que lhe valeria aquella tenacidade?

Quando já se esquecera d'aquellas dolorosas desventuras, quando os seus trabalhos já estavam no dominio publico e eram applaudidos, quando uma legião de elogios lhe mostravam a rosada aurora de uma vida feliz e brilhante e só ansiava por ver realizados os seus anhelos de amor, a inexoravel fatalidade sahia-lhe, de novo, ao encontro para lhe roubar a mais acariaciada illusão...

Não; isso não era possivel; a sina de um homem não podia ser tão cruel... Mas, a carta estava alli, fria, impassivel, com a sarcastica ironia do verdugo que pede perdão ao condemnado que ha de executar. "Luiz casa-se com Margarida". Com Margarida!

Como era doce o seu nome! E á poderosa força de memoria que converte a evolução em realidade, viu-a bella e gracil, como naquellas horas resperginas em que glosava com suspiros os seus lyricos sonhos, aquelles versos de incipiente, cheios de ingenua sinceridade, que agora o faziam envergonhar-se por consideral-os mediocres. Ao evocar a sua gentil figura, rosada e perfumosa, qual divina Eunice, que amara Petronio, recordou os seus idyllios, os seus beijos, os seus romanticos arrebatamentos. E lembrou-se de quão leal e sincero fóra por vel-a sempre no candido esplendor de sua pureza.

A esta recordação, scu coração generoso esqueceu-se de que era seu irmão quem lhe roubava o seu carinho, o causador da sua mais cruciante tortura, e temeu por elle, experimentou a repugnancia de que aquella mulher manchára com tal enlace a nobreza de sua casta. Era preciso evital-o; Ella era indigna de trazer seu nome. Seu irmão era merecedor de uma esposa nobre e leal. Seu dever era avisal-o, desmascaral-a para que aquelles labios, que já haviam sido seus, não profanasse a neve dos cabellos de sua mãe ao tomal-a por filha.

Dolorosa seria a confissão, mas, em absoluto, imprescindivel. Diria a seu irmão que não a fez sua porque não quiz. Seria mesmo capaz de chegar á calunnia para evitar aquelle casamento... E em sua exaltação, estava disposto a escrever, esquecido da propria dôr, murmurando insultos á falsa que, com tanto deslombração, se atreva a enganar Luiz.

Logo em começo da carta, deteve-se. Como dizer-lhe as coisas, sem lhe causar um profundo pesar? Não seria uma crueldade desenganal-o? Conhecia o temperamento de seu irmão, quão sensivel era á minima contrariedade, a sua cega ira quando d'elle zombavam. Como poderia elle resistir a um tal golpe? Não seria elle capaz de uma loucura? Si elle, tão acostumado a todos os soffrimentos, pensou morrer ao saber que ella o olvidara, o que não succederia a Luiz, tão ingenuo e cheio de confiança?

Quanto mais reflectia, mais difficil considerava o seu proposito. A incerteza se lhe antolhava com mil pensamentos contradictorios. Finalmente, porém, venceu o coração. Uma vez que naquelle engano estava a felicidade, que elle, seu irmão, a desfructasse. Quanta vez não está na mentira a compaixão!

Porque não lhe pouparam tão horrivel amargura? Sim; era melhor calar-se, embora tivesse de estraçalhar o coração e afogar a sua sede de vingança...

Pobre Luiz! Quão alheado estava do abysmo em que o fazia cahir o amor!...

A elle, ao menos, lhe ficava a compaixão do pendor artistico, a esperanza de encontrar o olvidado na satisfação das suas vaidades, no gozo do triumpho...

E seu irmão? Que allivio encontraria se se soubesse enganado? Luiz não tinha ambições; não era capaz de se sobrepor á dor.

Que terrivel tortura a sua vendo-a todos os dias, renovando a sua magua a cada instante, sem saber si a estreitaria entre os braços, calando-se, sem rancor, ou si a mataria para que não fosse de outro!...

Sim; o humano, piedoso, era calar-se, eternamente... Ella, porém, não merecia perdão. A sua conducta era indesculpavel. Não pensaria que um d'elles pudesse ser Cain? Felizmente, elle comprehendia que Luiz não tinha culpa; que havia sido victima a mais da seducção d'aquelles olhos perversos que possuam o falso encanto da mais pura candidez...

A' força de meditar sobre o caso, morfiugava-se no pelago de paradoxicas deducções, que o faziam vacillar sobre a resolução tomada. Por fim, tomou um alvitre, e definitivo: Felicitaria os seus pelo proximo acontecimento, assistiria ao enlace matrimonial e dissimularia a sua vergonha e a sua tristeza...

Mas, ai! teria bastante animo de vel-a pelo braço de outro homem, embora do seu mesmo sangue? Não se deslembraria de que era seu irmão para nelle vér sómente o rival que lhe arrebatava a mulher que tanto amava?

Agora comprehendia ter-lhe enganado o coração; que, apezar de tudo, ella continuaria a ser para elle aquella outra mocinha encantadora, ingenua e sentimental, que lhe pedia em voz melodiosa recitasse seus versos enquanto abandonava as suas mãos entre as d'elle... aquelle amor havia creado mui fundas raizes para poder arrancar-o de prompto...

Esta perspectiva, esta certeza despertou a sua angustia. Reclinou-se sobre a mesa, sentindo-se mais só do que nunca, e rompeu a chorar amargamente.

Seus labios, no entanto, que bebiam o fel de suas lagrimas, repetiram, dirigindo-se á ingrata, os versos de Bécquer:

"Alguma coisa dentro em mim, que vale,  
I-so... nem tu o pudeste suspectar."

E. MUDICOR

## O MAIS VELHO

*Mãe, o teu pequenino parece doído.*

*Elle é tão absurdamente pueril.*

*Elle não faz differença entre as luzes da rua e as luzes das estrelas, no céo.*

*Quando brincamos de banquete, elle pensa que as pedrinhas são comidas devéras e quer levá-las á boca.*

*Se lhe mostro um livro aberto e lhe digo que leia o "a b c", elle rasga as folhas do livro e grila de contenta: é assim que o teu pequenino dá a sua lição.*

*Se me finjo zangado e ralho com elle e chamo-o mãe, elle ri-se, pensando que é graça.*

*Papai todo o mundo sabe que está longe; mas se por brincado eu chamo alto "Papai!", o teu pequeno olha afflicto para os lados, cuidando que papai está perto.*

*Quando brinco com os burrinhos da carroça do lavandiro, e lhe digo que sou o mestre-escola, elle não faz senão gritar e chamar-me "dada", "dada"!*

*Elle quer agarrar a lua com as mãos, o teu pequenino. Elle é tão engraçado com o seu tatebidite.*

*Mãe, o teu pequenino parece doído, elle é tão absurdamente pueril.*

# As mulheres olham umas às outras...

Os homens não olham uns aos outros. O homem não considera o homem como adversario, nem como conconcorrente, nem como rival; não o olha com amor, nem com sympathia, nem com azedume. Se o homem olha o homem que passa, fal-o por acaso, sem proposito, com indiferença; olha-o sem o ver, pensando em outra coisa.

Ha, por certo, homens que olham os seus "semelhanças com curiosidade e espirito critico: são os moços frivolos, de idéas vãsias, que vivem preocupados com questões de "toilette". Um moço desses, a que o povo deu a alcunha de "almofadinha", que lhe vae a calhar, quando olha o seu semelhante, igualmente almofadinha, o faz por critica: ou para louvar o paletot bem cintado ou para censurar o cörte mal feito da cinta. Mas essa especie de homens constitue excepção. São homens apenas pelas exterioridades, mas, no fundo, têm alma de mulher, e o que é peor, alma de mulher frivola.

As mulheres olham-se sempre umas às outras.

"As mulheres, disse Rivarol, interessam-se mais pelas mulheres que pelos homens." Este delicioso interesse offerece aspectos muito distinctos. Encarado superficialmente, parece prevenção e hostilidade. Mas, examinado com attenção, tem um fundo ou de admiração ou de sympathia.

Nada ha tão propicio para rebaixar uma mulher como outra mulher. Mas nada também, ha tão propicio para exaltar uma dama como outra dama. São dois estados d'alma latentes no mesmo espirito, dois juizes oppostos na mesma pagina.

Que é que a mulher costuma admirar em outra mulher? Que é que costuma criticar ou condemnar?

Para falar verdade, a mulher não olha a mulher, isto é, não olha na outra a sua belleza, nem a sua mocidade, nem o seu typo, nem os seus titulos de nobreza, nem o estylo do seu passo. O que ella olha é a "toilette", a qualidade da fazenda, a interpretação de um pormenor ou variante da moda, um enfeite, uma joia, o effeto dos arrebiques... Esses detalhes da indumentaria feminina, que para o homem não tem valor, porque o que este aprecia na mulher é ella propria e não o que a veste, tem para a mulher todo o valor. Quer isto dizer que se a mulher fosse um frasco de perfume, o homem buscaria o perfume, e a mulher a frasco. Isto dá bem a medida de quanto é diverso o modo de sentir de um e de outro sexo: o homem aprecia as coisas a começar pelas camadas mais fundas, a mulher contenta-se com as exterioridades.

Os don naturaes parecem encontrar na mulher certa resistencia e tedio, enquanto os artificiaes ou adquiridos lhe inspiram de prompto sympathia e admiração.

Será porque, admirando o artificial, a mulher assignala o rumo que orienta as suas esperanças? Ou porque, hostilizando o natural, se rende, sem o querer, ao irremediavel?

Estaes, por exemplo, num theatro. Apoia-vos ao rebordo da vossa frisa e olhae. As vossas vizinhas estão graves, recolhidas, silenciosas; apenas nos seus olhos ha um brilho excessivo, denunciativo de curiosidades. Ellas empunham os binoculos e olham. Estão-se rindo agora. Porque? Porque as nossas vizinhas são gordas e, porisso, estão-se a rir de um grupo de moças magras. Se, porém, ellas fossem magras, reservariam o seu riso para troçar das gordas. Esta é a regra geral. Entre as decotadas, as gordas riem-se das magras; mas entre as toilettes "de passeio são as magras que se riem das gordas. Tudo é questão de linhas, mais ou menos curvas.

Outro aspecto igualmente interessante: a posição social. Existe entre as mulheres o "odio de classes"? Isto se pode demonstrar em qualquer sitio e em qualquer momento. Estamos, por exemplo, num jardim publico onde se vëem reunidas muitas mocinhas e senhoras. Sentamo-nos num banco de marmore. Ao lado ha um grupo de mocinhas palciras que riem sonoramente em todos os tons. De repente sôa a busina fanhosa de um auto em disparada. Todas voltam o rosto. São damas que passam, fugazes como relampago, envolvidas em pelles carissimas e levando ao regaço caesinhos preciosos. Ha um silencio. As mocinhas deixaram de rir, esquecidas do assumpto que as divertia. O auto já desapareceu, deixando apenas no ar um pouco de poeira revolta e esse cheiro inconfundivel de gazolina, mas as moças continuam caladas. Pouco a pouco, vão comprehendendo que aquelle silencio é de não gosto e humilhante. A mais corajosa começa a falar e a mostrar-se contrafeito. As mais sinceras e ingenuas não se animam a falar. Porque estão tristes? Invejam o bem alheio, querendo-o todo para si? ou invejam esse bem sem querer despojar delle as suas possuidoras? E' provavel que ellas commettam o peccado mortal do primeiro caso, e não o venial do segundo.

Que estão a olhar essas duas moças tão attentamente? Olham um homem formoso como Alcebiades, rico como Cresio, elegante como Petronio? Nada disso. As duas mulherzinhas estão contemplando a esposa do homem, que não é nem joven, nem formosa, nem elegante, nem distincta. Essa mulher é quasi velha, é quasi feia, é quasi desgraçosa, mas traz, fulgurando sobre o decote, um "pendentif" de brilhantes entremeados de perola. E' o caso agora das feias se riem das formosas...



## Egoismo e desprendimento

Sem grandes abalos nem desilusões dolorosas, talvez sem o menor desenganho, passando seus dias serenos, calmos, perdendo, muitas vezes a noção das horas que transcorrem, deixando-as passar sem pensar que ellas deixam no seu trajecto rastros profundos, inapagaveis; contudo, sem que nada da vida houvesse ainda preocupado o seu espirito, Irene a conhecia de sobra.

Sem o ter estudado, sem ter ainda a consciencia responsavel dos grandes deveres humanos, sabia, por intuição, por esse dom da videncia e esse outro da assimilação do espirito das coisas, que são dons essenciaes da mulher, que o mundo não é só "o caminho para o outro", de que fallou o poeta, mas tambem um caminho que, toda a vez que o percorre, é preciso ir deixando nelle, não as pedgadas inertes que no pó das estradas se imprimem, sinão umas pedgadas luminosas, que possam ser guias dos que nos acompanhem, — pedgadas fecundas.

Acostumára-se a reviver as recordações da sua existencia para tomar as inspirações do porvir. Sempre em sua analyse retrospectiva, começava do mesmo ponto de partida.

Manhã luminosa de Maio. Irene levava um vestidinho curto branco e uma fita cõr de rosa na trança do cabello. Os sapatos desamarravam-se a cada instante. Tambem uma das ligas afrouxara e ella parava para esticar as meias.

A tia Elvira, ralhara:

—Jesus! Que bulhosa! não pode estar quieta! Que menina travessa! Parece um serelepe!

Um serelepe. O que seria isso? Mas como a tia era muito impertinente valia mais a pena de não perguntar. Além de que ella ia aborrecida e cansada, pois já levavam tres horas de caminho. A's oito tomaram o trem. A's dez e meia chegavam à villa e faziam dois kilometros até a chacara de tio Marcos.

A tia Elvira levava tres embrulhos, um cesto, o guarda sol e um saquinho de mão. Mas, não lhe cabia nada. Ella porém, a cada momento tropeçava. Tambem ia bem carregadinha: o pacote de jornaes para tio Marcos, um embrulho de biscoitos, uma gailinha, e sobretudo, o que era peor, o bengalão do tio que havia levado para pôr-lhe um novo castão de prata e que, a cada passo, fazia-a tropeçar, pondo-a em risco de cair.

Por isso, quando, dois annos mais tarde, tomou gosto à leitura e encontrou ternas phrases em Jorge Manrique, em sua mente de nove annos surgiu-lhe a vida como o caminho de luz: ao peso de uma carga heterogenea e o diabolico bastão a fazel-a tropeçar. E ella a viveu, caminhando direito com o coração alegre, como cheio de luz, cantando pela manhã como cotovia solitaria e de noite tambem, como o grillo que na sombra sabe vibrar ante a longinqua estrella que tremula silenciosa e alta.

Em meio do campo estava o casarão; uns altos muros a isolavam na solidão; por elles se debruçavam a era e as madresilvas selvagens perfumosas. O "casarão" como dizia Irene em pequeno, engrossando a voz para exprimir os seus vagos terrores diante dos salões immensos, na sombra, silencio e pó, diante dos corredores, compridos, apenas interrompidos por um raio de sol transversal, que como um genio magico, penetrava a furtadellas, ao descuido de uma porta ou de uma janella; o casarão era como uma senhora naquellas bandas. Recebia homenagem de pastores e labregos e sahia nos seus dias veletudinarios, em ruina o escudo da estirpe, manteve-se de pé, altiva.

Irene vivera allí desde pequenina. Não se lembrava do primeiro dia no casarão. Sabia que sua tia Elvira a levava para allí porque seus paes haviam morrido e não tinha outros parentes.

Era miuda e morena, cabellos negros brilhantes e longos. Algumas vezes, ouvira dizer que era bonita.

A sua gaiola foi maior do que a do grillo, mas, emfim gaiola donde o seu coração cantava às estrellas que brillam silenciosas como lagrimas no cõo.

Mas ella queria ser livre como a cotovia que annuncia as madrugadas.

Aos dez annos, seu tio que percebera a affeição que tinha pelos livros e estudos, sem sahir da sua frieza, do seu ambiente de isolamento espirital, resolveu que a menina estudasse para professora. Elle era professor publico aposentado. Em certa occasião, por causa de uns exames, questionou com o director da Instrução Publica, e por isso resolveu aposentar-se e ir para o casarão. Foi elle quem preparou a moça para o curso. De anno em anno levava-a à cidade para submettel-a a exame. Sempre irio, reservado, sem uma phrase de carinho ou de benevolencia. Dia a dia, entrava no velho escritorio para dar as suas lições, tremula de medo. Mas concluiu o curso com brilhantes resultados o que a todos do Instituto Superior causou assombro: — a moça da roça, lhe chamavam.

La pelos quinze annos de idade quando viu a morrer a tia. Era a primeira vez que esse irio mysterioso, que de subito se apodera dos mortos, havia passado ante os seus olhos secreta e subrepticamente. Não sabia como havia entrado. Como o raio do sol ou o raio da lua que interrompia a sombra do corredores. E chegou a morte ao quarto da tia, por uma alvorada muito branca e de improvisio.

O tio Marcos, pela primeira vez, tirou durante dois ou tres dias, os oculos que descansavam na metade do seu nariz para enxugar frequentemente as lagrimas.

Agora, só Irene e Sebastiana, a criada, deviam cuidar do casarão. Irene começou por fechar as portas dos salões immensos, e por reduzir o circulo de sua vida dentro da velha jaula em uma gailinha de grillo: seu quarto, a sala de jantar, a cozinha.

Para lá, o tio que andava toda a casa, sempre a revolver os velhos trastes de suas collecções, os moveis antigos de brilho apagado, com inumeras gavetas, guardando mysterios ao passado, memorias de outros que se foram em outros dias distantes.

Agora, mais do que nunca reviviam os vagos terrores que lhe infundia o casarão, sobretudo desde que a tia morreu e todas as penumbas e as silhuetas de todas as coisas haviam ficado envoltas no frio halito do grande mysterio. Mysterio da vida.

Comtudo, cantava; pelas manhãs como a livre cotovia, pelas tardes como os rouxinões nos castanheiros do jardim; à noite, ria-se, porque já era uma moça e bella, de tez alva, cabellos fereiramente ao alto da cabeça; e ria-se quando se comparava a um grillo.

Sentia o coração palpar anhelante anciando por algo desconhecido. A sua inquietação de menina succedera a inquietação de mulher. "Irene: Você é um "serelepe" lhe dissera muitas vezes a tia.

Mas vivia tão só, tão isolada naquella casarão! Seu tio pouco lhe fallava. Na mesa era o silencio o terceiro commensal.

Era um milagre uma phrase á mesa. Logo, o mesmo silencio e soledade, e o desejo de liberdade crescendo em seu coração, dia a dia, hora a hora. Sentia que poderia morrer como ha muitos annos havia morrido um grillo, que levára da villa fechado em uma gailinha; e um dia foi encontral-o negro, hirto, secco.

Um dia interrompeu-se a paz do coração... Muitos annos, muitos, viveram na America dois dos irmãos de seu tio; dois irmãos gêmeos, um imagem do outro; tão inseparaveis que, quando já se foram enanecendo, elles que haviam marchado pelo caminho da vida como dois soldados, sem que o passo de um se adiantasse ao do outro, se detiveram como em um "alto!" e dispuzeram-se a descançar. Com este intuito voltaram ao casarão.

A chegada do tio houve muita animação e esteve a pique de haver luminárias.

— Que lhe parece o tio Felix e o tio João — perguntou Irene a Sebastiana. — A cada momento eu os confundia, quando chegaram; mas, agora já descobri a diferença. Olha bem para os olhos...

— Mas, sinhazinha, todos têm os olhos eguaes, azues. — Você não sabe divulgar e não é tão experta quanto eu. Os olhos azues do tio Felix têm uma doce e suavissima claridade; os do tio João têm uma claridade de aço, dura, que faz calafrios. Agora os distingo como si fossem physicamente tão distinctos como os seus nomes que nem uma letra tem egual.

— Hei de reparar nisso. E que pensa do sobrinho que trouxeram, do sr. Carlitos?

— Penso ser um bom moço; mas, creio ter o mesmo defeito que eu. Vive mais de sonhos do que de realidade.

— Vosmecê diz-me sempre umas coisas que não entendo; decerto lhe nos seus livros que dizem coisas...

— Tem razão. Todos levamos uma vida cheia de complicações para o espirito. Você, no entanto, é feliz: caminha pela vida tão simplesmente, como si andasse pela estrada limpa e ampla por que vai á capella, aos domingos.

— Capaz! Nunca poderei entendê-la.

E' fóra de duvida que para a intelligencia de Sebastiana era incomprehensível tudo quanto Irene dizia. Todavia, ficava convencida de que o que dizia era verdade.

— Falle-me, então do sr. Carlitos.

— Mas o quê?

— Como é sobrinho dos srs. seus tios, como está com elles...

— Ah! quer que conte a historia delles? E' filho de uma irman dos tios, que levaram para a America muito mocinha. Lá se casou com um marítimo inglez, que morreu nas Indias, no proprio anno do casamento, ficando ella com o menino recém-nascido. Tudo, como num romance, Sebastiana: Muito lindo, terno. Sabes? tinha tambem os olhos azues, mas, meigos como os do tio Felix; e seu marido, como bom inglez, era ruivo. Por isso Carlos é tão ruivo. Perto d'elle eu pareço mulata.

— Não, nada disse: linda como uma flor. Parece os seus cravos encarnados, que junto dos jasmims são mais bonitos.

— Que é lá isso Sebastiana! você está me sahindo poetica e romantica. Ah! está porque você pára tanto diante dos prados verdejantes e das amendoeiras em flor. Gosto muito de você... Pois a mãe de Carlos morreu moça. Então os tios tomaram Carlos como filho. Elles não se haviam casado, nunca se casariam. As mesmas razões para que uma mulher se enamorasse de um havia para que quizesse ao outro, e a identidade de sentimentos levava-os a gostar da mesma mulher. Aconteceu uma vez que em seguida a uma rixa de irmãos, resolveram procurar noiva em logares differentes. E sabe o que aconteceu? Ao descerem do trem encontraram-se na mesma localidade. Tia Elvira explicava-me que jamais se casaram porque um e outro estavam enamorados da mesma mulher até a velhice. Isto é bonito e romanesco, não é verdade?

— Bonito me parece, mas não sei si é romanesco... Vosmecê o diz é porque é.

Naquelle noite, tio João e tio Marcos conversavam. tio Felix lia os jornaes e Carlos, que havia chegado tarde de uma excursão em motocycleta, ociava, enquanto Irene servia-o, movendo-se de cá para lá "como um serelepe" e pensando em tal teve vontade de chorar. Facto extranho: desde alguns dias, a cada momento era colhida d'esse mesmo enternecimento.

— Carlos, toma estas maçons; são da horta; eu mesma as colhi. São doces como mel.

Carlos mirou-a attentamente:

— Tu mesma as colheste?

Sem desviar d'ella os olhos tomou uma e mordeu-a com avidez.

— Póde comel-as sem receio. Sebastiana as lavou.

Carlos afastou seus dentes da maçã, com ar descontente.

Foi uma intuição tão rapida, que ella não teve tempo de repetir e murmurou:

— Mas eu as colloquei na fruteira.

E como elle tornasse a morder a maçã ella enrubescceu. Durante toda a noite não pôde dormir, e nem ella se olhavam ás furtadelas.

Aquella noite, porém, não voltou mais a pensar ser um grillo prisioneiro. Pelo amanhecer ouviu Irene cantar. Durante toda a noite não pôde dormir, e nem ella propria sabia a causa d'aquella insomnia. Nada lhe perturbava a mente e o espirito, mas o seu coração tinha o palpitar de uma ave assustada. Pensou Irene si não seria algum presentimento, de tantos que conhecia, que na vida assaltam o coração, mas os corações como o d'ella, cheios de sensibilidades, intuitivos.

Pela madrugada conseguiu conciliar o somno. Mas, de repente, despertou. Um rumor de vozes em tom surdo, de passos abafados no tapete, a havia assustado. Já a claridade do sol illuminava toda a estancia, os velhos moveis sumptuosos, o leito com cortinados de damasco.

Alli, junto d'ella, estavam tio Marcos e tio João, aquelle cujo olhar tinha duros reflexos de aço.

Tio Marcos vasculhava e revolvia as gavetas de um movel antigo, que ella nunca teve a curiosidade de ver. tio Felix dizia baixinho:

— Andem depressa, antes que ella desperte. Eu bem dizia que deviamos esperar quando ella sahisse.

— Nada. Tenho que tomar o primeiro trem, — retorquiu tio João.

Irene, surpresa, tinha os olhos muito abertos. Seu poderoso instincto avisou-a de que de algo ignoto devia defender-se. E aconhegon-se ao leito:

— Tio Marcos? Tio João? Que é? que aconteceu?

Tio João, a despeito dos annos, de um salto se pôz ao lado da cama e subjugando a moça pelo pulso, para que não sahisse fallou:

— Esteja quieta! Não é nada! Não é nada de sua conta.

— Como não é de minha conta! Deve importar-me muito desde que não querem que eu saiba.

Irene lançou a vista para os olhos azues de tio João, que tanto a intimidavam e interrompeu-se.

Tio Marcos, voltou-se tranquillamente, olhando-a por cima dos oculos como fazia quando ella era menina e ralhava:

— Quieta, Irene. Você nada tem que ver com isto. E tome cuidado de não dizer uma palavra a ninguém! muito cuidado!

Os frios olhos azues de tio João exprimiram muito mais ainda do que as palavras de tio Marcos.

Deixou-se cahir sobre as almofadas com desalento; voltou-se para a parede e, fechando os olhos, murmurou baixinho:

— Quieta, Irene; "és um serelepe".

E sentiu-se então só, muito só no mundo, como um grillo, preso a uma velha e enorme gaiola, na qual tambem havia outras velhas e perversas alimarias, e seu coração voltou a palpitar de ave assustada.

Tio Marcos fallou em surdina, mas ella ouviu:

— Aqui está afinal, como eu suppunha. A pobre Elvira era uma desmiolada. Apanhamol-o.

— O olographo? — perguntou tio João.

— Sim; vamos-nos embora.

Apenas sahiram, Irene saltou da cama e abriu as gavetas do velho movel, revolvendo-o todo, instinctivamente, sem saber o que fazia, nem o que buscava. Para logo comprehendeu que era um acto inconsciente, de teve-se e ficou pensativa. Penteou-se depois cuidadosamente, remirou-se ao espelho demoradamente, pensando, sem o querer em Carlos. Ao sahir do seu quarto, ouviu o remoroso trepidar de sua motocycleta que se afastava para a villa.

Tomando café, só, entre seus tios, esteve silenciosa: sentia-se como uma intrusa no meio d'elles, sujeita alli a um immerecido captiveiro. Era já mulher, e bem podia enveredar sozinha pelo caminho da vida, livre, se nhora dos seus actos.

Nem carinhos, nem affectos, nada a ligava a seu tio frio e egoísta, e muito menos aos dois recém-chegados que se apressaram do casarão ao lado do sr. Marcos. Morta a tia Elvira, o rude e ingenuo carinho de Sebastiana amenizara o seu isolamento.

E Carlos... Ella não era nenhuma tolinha; sempre comprehendeu a vida e sempre soube como havia de conduzir-se. Sabia perfeitamente que "Carlos gostava d'ella", e que tambem gostava de Carlos.

— Para que negal-o?

Não diria como tantas outras que se não havia apercebido dos seus sentimentos. Ella bem os conhecia, os entrevia e os classificava desde o primeiro momento. Para que Carlos continuasse a querer-lhe, não era mister manter-se prisioneira na velha gaiola, entre as antipathicas alimarias. Já se haviam fortalecido os seus anhelos de liberdade, de independência.

Ao meio dia appareceu em traje de sahir levando uma maleta. Deteve-se um pouco á porta do gabinete do tio Marcos.

— Titio; vou á villa. A professora d. Romana convidou-me, ha tempo já, a passar com ella um mez.

O tio respondeu friamente:

— Ha muito que tens liberdade de ir a onde quizeres. Já és uma senhora responsavel de seus actos.

— Sim, senhor. E sei tambem que devo preoccupar-me com o futuro. Não tenho herança, nem patrimonio. Não hei de viver eternamente, como reclusa, no velho solar dos Velasco. O senhor deu-me uma carreira. Sou professora e vou procurar logar.

Ella fallara friamente, sem baixar os olhos, enquanto o tio a remirava por cima dos oculos, surpreendido. Em seguida, abraçou-o e beijou-lhe a frente. Uma unica vez, até então, o havia beijado: no dia em que recebeu o seu diploma de professora.

E sahiu, preferindo não despedir-se nem de Sebastiana, nem de nenhum dos velhos criados.

Sozinha, emprehendeu a marcha de dois kilometros para a povoação. Sozinha, emprehendia agora o caminho para a vida, não como nos nove annos pensara que ella fosse, mas como uma carga de sentimentos intensos e heterogeneos, que pesavam, e entorpeciam mais a marcha do que os embrulhos da tia Elvira.

Porque a deixou sahir o tio Marcos? Poderia viver só o pobre grillo fóra da gaiola?

\*  
\*  
\*

D. Romana recebeu-a com exclamações de contentamento. Abraçou-a e fel-a passar para a sua alegre sala, limpa, banhada de sol. Irene estava absorta, atirribulada, desorientada, como si se visse desamparada no meio do espaço de um mundo sem fim.

— Que é que sentes? Porque não fallas?

Havia nas palavras e na attitude da professora um suave tom de consolo.

Irene fallou, fallou... Já o sol se apagára das vidraças da sacada, a penumbra discreta do oceano, propicia ás confidencias, envolvia suavemente a habitação, e ella ainda fallava.

— Não sei porque. Depois da scena d'esta manhan advinhei ser alli um estorvo.

Irene ficou com D. Romana. Exactamente precisava agora de uma auxilliar, pois a outra tinha-se retirado.

Dormiu bem aquella noite; mas, d. Romana, ouviu que ella soluçava. Tanta vez é a liberdade dolorosa no momento de obtel-a, produz um rompimento de liames, que ainda quando pensamos serem grilhões, são como laços que atam um periodo de nossa vida, para nol-a encher logo de nostalgia, de saudades de quanto sofremos e sentimos. Mas, era, livre senhora de si, caminhando só pela estrada da vida.

Naquelle noite Carlos encontrou sós os tres tios, sentados em redor da mesa.

— Que é de Irene?

Tio João respondeu:

— Foi á villa á casa da professora. Parece que a pe-

quenota tem sede de liberdade. Ora! E demais não é filha de nenhum de nós, nem traz o nosso nome.

Carlos insistiu:

— Não comprehendo... Assim tão de repente! Alguma coisa deve ter havido.

— Não, nada. É uma romantica, phantastica, sonhadora, que quer viver em um romance perenne.

Carlos observou os olhos vermelhos de chorar de Sebastiana. Mal comeu. Ao sahir da sala de jantar, em vez de accender um cigarro, como de costume, tomou uma maçã da fructeira e que ficára da vespera e mordeu-a com prazer. D'ahi a pouco, montando a motocycleta sahiu para a villa sob um luar de prata. Atravesou as desertas ruas e regressou ao casarão com uma vaga melancholia, depois de haver passado pelas silentes janellas da casa da professora.

Os dias se passavam. Carlos visitara Irene, que nunca quiz explicar-lhe o motivo da sua partida. Parecia contente e calma.

— Que fazem os velhos?

— Não sei; cochicham; parecem inquietos e preoccupados. Tu fazes falta; e o casarão perdeu a sua paz e alegria.

Uma manhã, na hora da aula, quando rodeada pelas meninas alegres e amaveis, foi sobresaltada pelo trepidar imprevisto da motocycleta.

Sem demora Carlos entrou. As alumnas miravam-n'o curiosas, exotico, como parecia com traje desportivo e seu typo inglez.

— Ha alguma novidade, Carlos?

— Sebastiana está de cama, e muito mal. Disse não querer morrer sem te vêr.

Irene pôz-se pallida e immovel. Depois voltou-se para a maior das meninas e disse-lhe:

— Mercedes, tenho que sahir. Previna d. Romana.

Tremiam-lhe as mãos ao pôr o chapéu.

— Pôdes montar atraz do moto? — Perguntou Carlos.

Ella, por não poder fallar, fez com a cabeça um signal de assentimento.

Carlos montou; ella, em seguida, abraçou-se-lhe á cintura, e envolto em uma nuvem de pó, perderam-se ao longo da estrada, como dois fugitivos, como se elle roubasse sua noiva. Ia muito triste, pensando na pobre Sebastiana, que ella havia deixado velha e só no "casarão" medonho; mas, apesar de tudo, as historias e lendas que sua cabeça phantastica conservava, a distrahiam.

Abraçada á cintura de Carlos, pensou em Andromeda sobre o Pegaso, cingindo Perseo...

— Irene, não te mexas tanto, sinão cães. — disse Carlos.

"Irene, és um serelepe" monologou ella e apoiou a cabeça ao hombro de Carlos. Rompeu, então, em choro, pensando que, de novo, o frio mysterioso da morte entrava de novo no casarão, para levar a outra que tanto a havia amado.

Sebastiana consolou-se immenso com suas doces palavras e caricias. Estava muito mal, muitissimo mal. Não tinha mais esperanças... Durante largo tempo esteve a seu lado. Por fim lhe disse:

— Esperem um momento. Vou ver os tios; não se zangue. Carlos ficará um pouco.

Deteve-se na antesala.

A porta do gabinete de tio Marcos estava fechada e havia um rumor de vozes lá dentro.

Que é que poderia interessar tanto aos velhos egoistarrões para alli estarem fallando, enquanto a pobre Sebastiana morria? Algo zangada, ia abater á porta para dizer-lhes o que sentia, quando ouviu tio João dizer:

— Quem, afinal, é ella para que tanto nos preocupe? Uma intrusa. Carlos é filho de nossa muito amada irman.

Irene apoiou-se á porta e escutou muito quieta: nunca havia estado tão quieta, tão immovel.

Tio Felix que era mais meigo, como os seus olhos, replicou:

— Mas ella é a herdeira legitima.

Então tio Marcos explicou com energia:

— Analysemos a situação com calma, friamente. Esta casa dos Velascos foi de Elvira, por um d'esses desvios de heranças, muitas vezes injustos: uma Almaraz viuha a ser senhora sob o escudo do Velascos. Elvira era nossa prima. Quando me casei com ella eu era o dono d'esta casa. Eu paguei e pago os impostos, e taxas. Dentro de uma ordem moral de coisas é logico que a mim me deixasse tudo.

Tio Marcos expendia innumeraveis razões para manter os seus direitos sobre a posse d'aquella casa. Porque, se o tio tinha razão, punha tanto empenho em provar-o?

Irene continuou a escutar:

— Em face da lei; eu sou o unico herdeiro, e por isso continuo com a propriedade de tudo isto. Um dia porém, disse Elvira: "Irene herdará tudo quanto possuo. Não tem parente algum, e nem um real de seu. Tu já estás velho, viverás para ella, e a criarás e a educarás". Morreu, no entanto, sem deixar testamento. Uma sobrinha remota não podia herdar antes de mim. Lembrei-me de que era tão extravagante que seria bem capaz de ter deixado em poder de Irene, algum testamento e que esta, esperta como é, o tivesse escondido até quando julgasse conveniente. Eu sabia que Carlos era pobre; seu pae nada lhe deixou e vocês não lhe deixarão um ceitil. Depois de tantos annos de America, vocês voltam tão pobres como quando para lá foram. Pensei ficar em condições de deixar-lhe bons rendimentos. Era, porém, preciso, a todo custo, saber si existia algum testamento que nos ameaçasse um dia. Pensei interrogar Irene; mas, logo receei que, no caso de não existir o testamento, ella se julgasse com direito a herdar e embarçasse o negocio. Melhor era procurar. Quando vocês chegaram, João me despertou os pensamentos — acerca de Carlos e de seu futuro. João queria ir ao tabellião afim de fazer secretas inscripções dos bens e, em seguida, fazer testamento em favor de Carlos. Mas era preciso antes saber si Elvira havia feito disposições testamentarias. E naquella manha as encontramos. Quando Irene retirou-se fiquei mais tranquillo percebendo que ella nada sabia. Como receava, Elvira constituiria Irene sua herdeira universal. Eu ficava sem um real. Nunca se viu tamanha injustiça! Uma parente longinqua, uma moçoila que já tinha o bastante para viver com a carreira que lhe dei, deixarme no andar da rua! E Carlos, tambem: pobre, quando a chacara e as terras rendem uma boa porção por anno!

Tio João approvava; tio Felix tambem, mas, com menos ardor. Por fim, "a uma voce", disseram:

— Pois que seja tudo para Carlos.

Irene, encostada na porta, escutava. Estava dolorosamente surpreendida, como si, de repente, visse o coração humano, por um desconhecido e terrivel aspecto. Os velhos, sós, sem filhos, egoistas, concentravam todos os seus affectos no sobrinho, de um modo avassalador e arbitrario. E a ella a repelliam, pisavam-na sem dó, como de noite pizavam um grillo na estrada. Mas, não teve a noção exacta d'este juizo. Tambem ella queria a Carlos. De certo tia Elvira havia sido uma louca, deixando-lhe tudo e Carlos sem nada! Os tios tinham razão. Ha pouco assim não pensava; mas agora via claro; uma razão muito maior mesmo do que o grande casarão. O que não comprehendia era porque lho haviam occultado, como si ella não fosse capaz de, immediatamente, renunciar a tudo em favor de tio Marcos e de Carlos. Era não conhecela.

Que idéa tinham do coração humano?

Ella, no entanto, é que ainda não o conhecia.

Não se julgava victima de uma injustiça, nem desherdada violentamente. Não comprehendia bem a sua situação naquelle momento, nem seus sentimentos; só sentia um vago mau estar, o peso de uma desconhecida preocupação. Advinhava que ainda quando com a razão, haviam commettido um acto máu, uma incorrecção. Assim, como ladrões, vasculhar os velhos moveis!... Ninguém tinha o direito de fazel-o. E comtudo... ella

não percebia bem... Porque d'esta vez não poderia ella, como sempre, discernir da moralidade de um acto? Nunca lhe passára caso semelhante.

Voltou para o quarto de Sebastiana, e de tudo quanto ouviu não disse uma palavra a Carlos. Pouco depois morria Sebastiana. Irene demorou-se mais dois dias no casarão. Os tios se mostraram affaveis.

Depois regressou á villa, á sua vida tranquilla e monotona da escola.

\*  
\* \*

Ao chegar a primavera Carlos declarou-lhe a sua afeição. Queria casar-se com Irene. Havia obtido excellente collocação como engenheiro.

Mas os tres tios negaram-lhe o consentimento. Carlos, por sua vez, fugiu do casarão, em busca de liberdade.

Por uma manha de sol radiante casaram-se vendo Irene em extasis despontar a aurora da sua nova existencia, ao canto mavioso da cotovia.

Foram á cidade. Na manha seguinte ao do casamento, Irene fallou gravemente a seu marido:

— Carlos: devemos escrever aos tios pedindo-lhes perdão por termo-nos casado sem seu consentimento. Pensei, para contental-os, escrever-lhes isto: (e muito depressa, sem se deter um momento a pensar, escreveu).

"Queridos tios. Espero que me perdoarão e a Carlos tambem. E porque espero, não me detenho a explicar-lhes porques fizemos isso, nem os abraço com as minhas razões que são tantas, tantas..."

Como temos de viver na cidade, queremos que a casa em que vivem seja sempre sua. Pelo verão, iremos passar ahi juntos. Haverá na velha gaiola um cantinho para um ninho novo?

Por isso é minha vontade que, como propriedade, seja a casa de tio Marcos; por esse motivo, queimei hontem, a duplicata do testamento ologographo qual tia Elvira me deixava como herdeira de todos os seus bens..."

Aqui se interrompeu Irene e sorriu: era a primeira vez que mentia em sua vida, e nunca imaginára que uma mentira lhe proporcionasse maior bem espirital. Via-se, outra vez, em um novo conflicto de consciencia sem poder discernir do bem.

E proseguiu:

"Como o outro testamento está na gaveta da commoda de meu quarto, rogo-lhes que o queimeim tambem.

Carlos assignará junto commigo, pois já nada posso fazer sem o seu consentimento, de modo que esta carta será sufficiente documento para o futuro.

Esperando seu perdão somos.

Sobrinhos affectuosos

IRENE  
CARLOS."

Carlos sentia-se demasiado enamorado e feliz para que pudesse negar a sua assignatura, e muito menos para que analysasse as razões e consequencias d'aquelle acto. Quando Carlos concluiu o seu nome, Irene o abraçou e mirou-o demoradamente, e enquanto elle a beijava, murmurou:

— Agora empreendemos juntos o caminho da vida. Si soubesses com que animo me sinto! Parece-me largo e plano como aquelle que vae do casarão á capellinha. Creio que na casa ficou um pobre grillo morto e d'elle renasceu uma cotovia que cantará sempre pelas alvaradas.

J. ALFAN

EM PLENO SONHO, lindo volume de versos da poetisa brasileira d. Maria Eugenia Celso. Ultima novidade. Um elegante volume. Preço, 4\$500, registrado.

## ARTE DA BELLEZA

IV

CURSO COMPLETO DE  
CONSERVAÇÃO E CULTURA  
DA BELLEZAAFFECÇÕES  
DA PELLE

No artigo do passado numero tratámos da pelle, das suas funcções e fornecemos algumas receitas, que são as mais efficazes para conservação e belleza da pelle. Agora vamos tratar das affecções e dos meios de as debellar.

**Manchas.** — As manchas que se desenvolvem debaixo da epiderme e atacam o brilho e a brancura da pelle, podem dividir-se em duas classes. A primeira pertencem todas as manchas que têm por causa a condensação do pigmento, como as ephélides e as manchas hepaticas; a descoloração ou reabsorção deste pigmento, como as "leucopathias" ou manchas brancas da pelle, e a formação de cellulas pigmentosas, como na "lentilha" ou manchas vermelhas, e nos signaes ou manchas pardas e negras. A segunda classe comprehende as manchas encarnadas, produzidas pela dilatação dos vasos capillares sanguineos, ou pela formação do tecido erectil, como nas manchas cor de vinho.

**Influencia dos raios solares e do calorico na pelle.** — O sol é um dos inimigos mais terriveis do brilho e brancura da pelle, a qual, exposta durante algum tempo aos seus raios ardentes, toma uma coloração parda amarelenta, semelhante á do cobre. Algumas vezes ganha rugas, e se a insolação se prolonga, pôde chegar a irritar-se e a cobrir-se de pelliculas, que se desprendem como no ultimo periodo de certas enfermidades cutaneas.

O ar demasiado frio ou demasiado quente, a luz excessivamente intensa e a escuridão completa são igualmente prejudiciaes á pelle, e sob sua influencia torna-se avermelhada, amarella ou escura. A pelle necessita ser protegida por uma suave claridade, e como as flores e frutas que ao abrigo dos ardores solares se cobrem de côres menos vivas e exhalam aromas menos fortes, mas mais delicados, exige uma leve pallidez para chegar ao seu mais alto grão de brancura. Esta opinião é confirmada pelas mulheres do campo, que se entregam ao trabalho debaixo da acção solar, e pelas senhoras das cidades, que vivem á meia luz dos toucadores. Porém, o exemplo mais notavel é o que nos offerecem as beduinas e mouras dos paizes do norte da Africa. As primeiras expostas continuamente aos raios de um sol abrazador, têm a tez de côr amarella tirante para o cobre, e as segundas, encerradas na

meia penumbra dos serralhos, têm uma cutis do admiravel brancura.

Não faltam receitas, formulas e conselhos destinados a fazer desaparecer as côres tsnadas que produz o sol; mas a maior parte dellas são inufruitiferas.

Existem dois meios racionais de destruir essas más côres. Consiste o primeiro em privar a pelle durante alguns dias do contacto da luz e satural-a de humidade, applicando um cataplasma emoliente, que deve renovar-se quando secca; e o segundo, muito menos incommodo que o anterior, exige apenas a applicação de uma mascara de pasta, composta em partes eguaes de farinha de centeio ou de linhaça, que se traz alguns dias seguidos.

As antigas romanas usavam constantemente no rosto, dentro de suas casas, uma capa artificial semelhante ao preparado que ficou mencionado, e punham e tiravam essa mascara como as elegantes modernas poem e tiram os seus chapéus. Os mercadores de escravas que surtem os serralhos do Oriente, costumam fazer viajar as jovens que constituem o seu commercio com o rosto coberto de uma pasta clara e gommosa, para lhes proteger a tez da acção do ar quente e da luz. Quando termina a viagem e ellas tiram a mascara, a cutis das escravas apparece com uma encantadora brancura de leite.

**Ephélides.** — As ephélides são manchas amarellentas, de matiz mais ou menos escuro e de differente tamanho. Deu-se-lhes este nome porque se julgou muito tempo que eram devidas á influencia solar. Em algumas circumstancias, a acção directa do sol pode occasionar na pelle manchas parecidas com as ephélides; porém estas apparecem de preferencia em regiões cobertas pelos vestidos, como o peito, as costas, os braços.

As ephélides apresentam varias fórmas e tamanhos. Ora são pequenas e irregulares, ora largas abrangendo grande zona da pelle. Em certas pessoas invadem todo o pescoço e os hombros, e em outras cobrem a cara formando como uma mascara. Estas manchas offerecem um phenomeno muito notavel, que as caracteriza: é a supressão da transpiração na sua superficie. Permanece esta constantemente secca, quando a pelle que a rodeia está banhada em suor, e isto indica que a funcção exhalante está interrompida no espaço que occupa.

As ephélides leves ou recentes não exigem trata-

mento interno, bastando, para fazel-as desaparecer, a applicação da seguinte loção:

Sulphureto de potassa concentrado . . . . .	30 grammas
Sulphidrato de amoniaco . . . . .	2 grammas

Humedece-se primeiramente a mancha com agua morna, enxuga-se, e, molhando um pincellinho nesta loção, vac-se tocando a superficie que occupa, até que fique bem impregnada do liquido detergente. Esta operação deve repetir-se varias vezes ao dia, tendo cuidado de lavar a ephélide antes de applicar o pincel.

Aos quatro ou cinco dias a mancha torna-se branca, desprende-se a epiderme e a pelle apparece debaixo em seu estado normal.

Quando a mancha resiste a este tratamento, aconselha-se o uso dos banhos sulphurosos, os laxantes, o regimen tonico e, como ultimo recurso, as fricções com a seguinte pomada:

Vaselina . . . . .	40 grammas
Biodureto de mercurio . . . . .	1 gramma

Este preparado é um pouco irritante. Deve-se, pois, usal-o sobre a mancha passando-o de leve com o dedo e enxugando-o de leve com um panno.

**Mofa.** — O mofa é uma variedade de empingem secca, que ataca a miudo as senhoras de habitos sedentarios. A sua cura é facilissima. Basta passar, á noite, uma camada de pomada de Elmerich. Todos os pharmaceuticos conhecem essa formula, preparada a base de enxofre.

**Sardas.** — As sardas ou lentilhas são muito communs na raça branca, mas muito raras nas senhoras brasileiras. Estas malditas nodos, verdadeiro escolho contra o qual têm fracassado todas as formulas, destroem a graciosa uniformidade de brancura da pelle, annullam a frescura da tez e matam a transpiração das carnes.

Existem alguns meios para combatel-as ou, pelo menos, para as attenuar?

Todas as aguas e pomadas chamadas "soberanas" contra as sardas, todos os maravilhosos segredos apregoados como infalliveis, produzem sobre o rosto semente de lentilhas o mesmo effeito que sobre uma cara de madeira. E, pelo contrario, se todas essas formulas contém substancias acidas, irritantes ou corrosivas, alteram a epiderme e podem occasionar irritações, sempre prejudiciaes para a louçaria da pelle e ás vezes perigosas para a saude geral.

Antigamente se elogiava a mistura de vinagre, mel, casca de ovo, amendoas amargas, os succos irritantes de diversas plantas bulbosas e de varios fructos acidos, e um grande numero de preparados cuja inutilidade tem sido sobejamente demonstrada pela experiencia e pelos progressos da sciencias quimicas e physiologicas. O dr. Withnig pretendia apagar a sardá com uma infusão de rabano em leite e agua; mas o uso repetido dessa infusão irrita a pelle sem tirar a mancha. Copland preconizava as loções feitas com uma dissolução de sub-borato de soda em agua de rosas, as quaes são tão innocentes como nulas.

Pearson combatia a lentilha com uma dissolução de sublimado corrosivo e arsenico, meio tão violento como perigoso, que deve ser regeitado, porque não só pôde corroer a pelle e deixar cicatriz, como tambem produzir envenenamento. Finalmente Alibert aconselhava lavar as sardas com agua muito oxygenada. Esta loção, porém, não apaga a nodos: irrita a pelle e causa um vivo prurido.

O meio mais poderoso é a "agua quimica contra a lentilha". Para que seu effeito seja mais seguro, lava-se antes a pelle com um sabão allumino-silicio, enxuga-se, e quando está bem secca, embebe-se um pincel em uma dissolução de gomma arabica e percorre-se com a ponta a pelle sã que ha entre as sardas, de modo que estas fiquem descobertas e unicamente se impregnem de vaniz gommoso os intervallos da pelle que não têm manchas. A applicação da gomma não co-

nhece outro fim senão circumscrever a lentilha e subtrahir á acção da agua quimica as partes da pelle isentas de sardas.

**Manchas brancas da pelle.** — Estas manchas, que se denominam tambem "vitiligo", "albinismo", "leucopatia", achromia, são de fórma irregular e variadas dimensões, dependendo ora de uma decoloração, ora de uma destruição da capa pigmentosa da pelle. A natureza faz desaparecer frequentemente por si só a falta de côr; mas, quando assim não succede, aconselhe-se uma alimentação rica em carbono e fricções repetidas sobre as manchas para regenerar o pigmento e activar a sua secreção. A formula seguinte é a mais preferivel para esta classe de fricções:

Tintura de pimenta . . . . .	75 grammas
Alcool camphorado . . . . .	75 grammas
Amoniaco liquido . . . . .	15 grammas

Depois de friccionar a mancha com esta tintura, unte-se com uma pomada simples ou cold-cream.

**Manchas de nascença.** — Geralmente acredita-se que são incuraveis, mas o certo é que são susceptiveis de apagar-se. O dr. Hogson usava vaccinar as crianças nas proprias manchas. A inflamação especial que se segue á vaccinação, destroe a mancha congenita, substituindo-a pela cicatriz esbranquiçada da vaccina. O meio é seguro. O dr. Lafarge servia-se de um recurso quasi igual a esse, e que consistia em praticar na propria superficie das manchas algumas punções, sete ou oito, com um alfinete cuja ponta se embebe previamente em uma gotta de oleo de "croton tiglio".

**Verrugas.** — Toda a gente conhece a affecção que se designa com este nome; mas muitas pessoas ignoram que estas pequenas e incommodas excrescencias têm o vertice na capa fibrosa da pelle e estendem as suas raizes pela superficie da epiderme.

A verruga nasce de uma ou duas prolongações fibrosas, que, atravessando a capa mucosa da pelle, se dividem em raizinhos mais ou menos numerosas, das quaes depende a largura da verruga, sendo isto causa de que ao destrui-las as raizes, fique illesa a verruga.

Distinguem-se tres especies de verrugas: as "pendentes", ou com pediculo, as "redondas", e as "planas". Ha pessoas em quem as verrugas pullulam na pelle das mãos, o que tem feito crer que o contacto dessas rugosidades, e especialmente do sangue que lançam ao destrui-las, era contagioso. Mas não é verdade.

Tem sido proposta uma infinidade de meios, alguns delles muito exquisitos, para a destruição das verrugas. Mas só indicaremos os mais simples e efficazes.

As verrugas pendentes tiram-se com um instrumento cortante, ou atando-as com um fio de seda encerado. Pratica-se a ligadura o mais proximo que seja possivel da base, e aperta-se até ao momento de se sentir uma dôr viva. Algumas horas depois torna-se a apertar e repetindo-se a operação durante dois ou tres dias até que a verruga murche, se desprenda e caia.

Para as verrugas planas e redondas o meio melhor é cortar-as, e depois de estancado o sangue, tocar a ferida com um pincel muito fino embebido em acido nitrico, tendo cuidado de que não caia sobre a verruga mais do que uma pequena gotta, porque uma dose maior de acido aprofundaria demais na pelle. Toca-se a verruga uma ou duas vezes ao dia, e quando se vê que as suas raizes se separam, arrancam-se com uma pinça, e a cura é completa. Recomenda-se ás pessoas que têm varias verrugas unidas na mesma parte do corpo, que só ataquem as mais volumosas, porque a experiencia tem demonstrado que a queda das verrugas grandes acarreta ordinariamente a das pequenas.

Se ellas são tão numerosas, que cobrem os dedos, as mãos ou qualquer outra parte do corpo, é preferivel applicar durante a noite um emplastro ou cataplasma, lavar na manhã seguinte a pelle com agua e vinagre, enxuga-la e esfregal-a com sal amoniac, repetindo quatro ou cinco vezes ao dia as fricções.

Dentro de quatro dias ou pouco mais caem por si mesmas todas as verrugas.



## O MENU' DE MEU MARIDO

### Gelatina de Peixe

— Mette-se um kilo de peixe em um litro e meio de caldo; ferve-se algum tempo. Passa-se em peneira o cozido que vai de novo ao fogo acrescentando-se meio copo de vinho Madeira; deixa-se reduzir, untam-se cinquenta folhas de gelatina dissolvidas meia hora em em agua fria. Clarifica-se a gelatina com 2 claras batidas e coa-se num panno humido. Esfria-se a gelatina com 3 centimetros de espessura. Uma parte da gelatina é conservada morna e com ella rega-se o peixe e friado e guarnecido de salsa. Cerca-se com uma parte de gelatina cortada em triangulos, losangos etc., o resto pica-se. Tambem se pôde collocar rodela de trufas e fazer acompanhar por uma molho de mayonnaise.

### Salada de frutas em "purée"

— Passa-se em peneira: 2.0 gr. de morangos, outro tanto de frambozas, de damascos e de pecegos. Misturam-se-lhe 250 gr. de assucar, baunilha, algumas colheres de "kirsch". Quem gostar, pôde acrescentar nata batida. Em vez de "kirsch" pôde-se empregar outro qualquer licor. E colloca-se a -salada na geladera.

### Couve-flôr á poloneza

— Retiram-se as folhas verdes, talos, divide-se a couvflôr em pequenos "bouquets". Demolham-se meia hora em agua fresca levemente acidulada. Lavam-se de novo em agua pura e exgotam-se. Mettem-se em agua fervendo salgada, onde fervem meia hora e esgotam-se. Colloca-se num prato que vá ao forno, regando com molho de tomate, acrescentam-se champignons picados e mantiga derretida. Fica dez minutos no forno.

### Rins ao molho branco

— Deita-se em 125 grammas de manteiga quente, uma cebola picada fina e deixa-se corar devagar; põe-se em fogo forte 400 grammas de rim em fatias e refogam-se em 2 minutos. Retiram-se os rins e colloca-se em logar quente. Deita-se numa frigideira um copo de vinho branco, um copo de caldo, chelros; deixa-se reduzir á metade coa-se colloca-se de novo no fogo, acrescentam-se 100 grammas de manteiga aos pequenos bocados. Palvilha-se com salsa e guernece o prato com umas dez torradas fritas em manteiga.

### Pato bravo bigarado

— Assa-se o pato no forno durante vinte minutos e serve-se a parte um molho bigarado que se prepara do seguinte modo. Mistura-se o succo que ficou na assadeira com araruta e acrescenta-se o succo de duas laranjas com araruta e acrescenta-se o succo de duas laranjas tendo o cuidado de não deixar ferver: coa-se o molho.

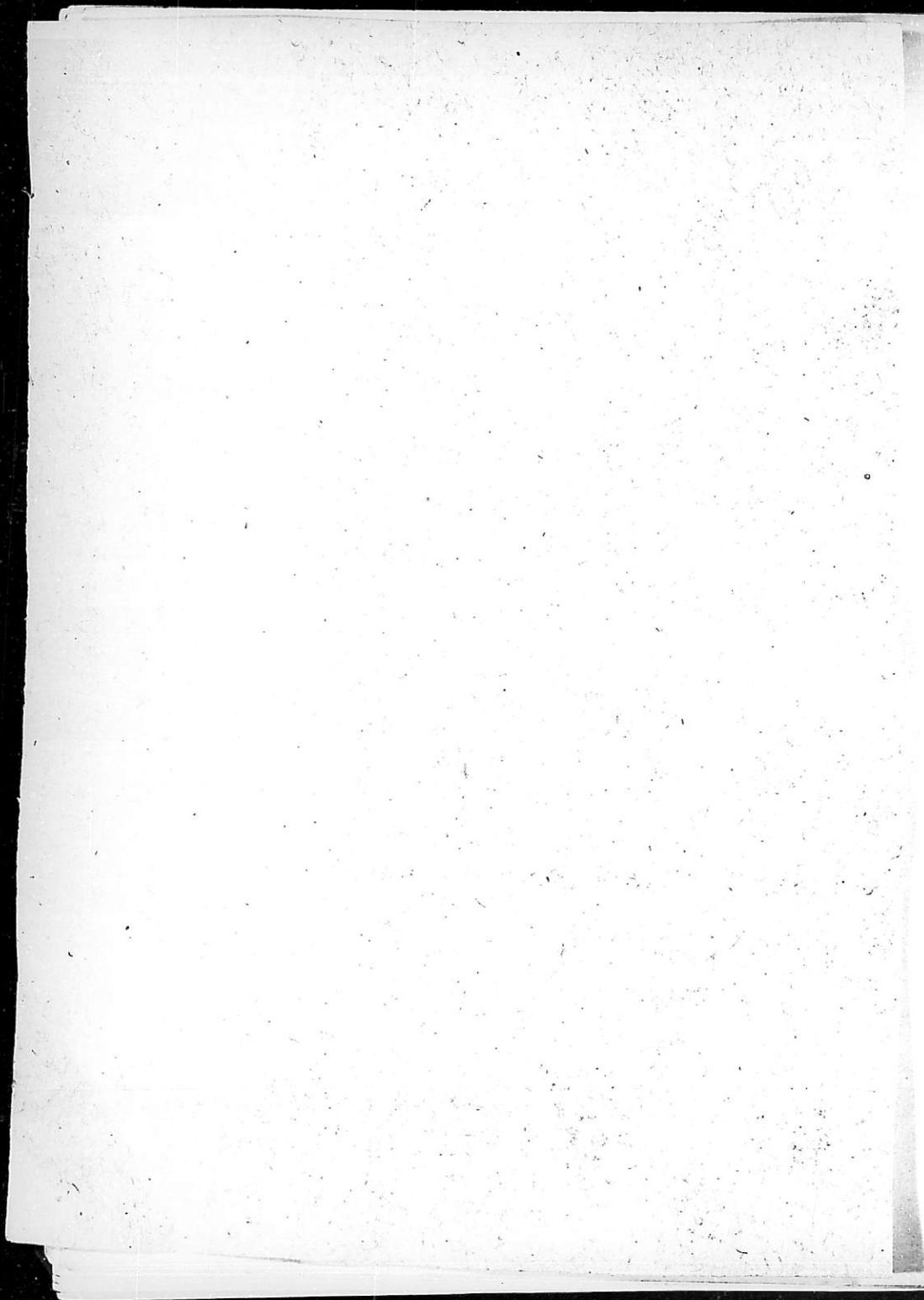
### MANJAR BRANCO

Pisa-se 250 grammas de amendoas, junta-se-lhes dois copos de agua fria e passa-se num guardanapo. Ferve-se um copo de leite com baunilha e deixa-se esfriar. Derrete-se ao fogo em meio copo de agua, 30 grammas de gelatina branca e mexendo-se sempre junta-se-lhe 200 grammas de assucar. Tira-se do fogo, passa-se num guardanapo e mistura-se com o leite, que já deve estar frio. Quando esta mistura estiver tambem de toda fria, junta-se-lhe os dois copos de leite de amendoas, que já está preparado, põe-se numa forma e vai para a geleira.

**TOLUOL** --

TOSSE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E  
GARGANTA.  
VENDESE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS





## A CHEIA

Toda a floresta se agitava ante os estampidos e estragos produzidos pelo Canavarro.

Arvores seculares estaladas e rudemente extrahidas do solo eram com velocidade carregadas pelas aguas tempestuosas do grande rio, que, derrubando e destruindo, esmagando e arrastando grandes calhaus e fragejis arbutos, deixavam por onde trilhavam a deso açao e a tristeza.

As aguas lodentas e vermelhas eram engrossadas por grande quantidade de folhas seccas e putridas disputadas gulosamente pelos piatados, matrinchans e grande infinidade de pequenos peixinhos que pela impetuosidade das aguas eram arrebatados dos lugares onde viviam.

Dos barrancos desmoronados, sobrenadavam milhares de minhocas renhidamente debatidas pelos insaciaveis papa-terras.

Loutras, ariranhas e capivaras empaturraladas olhavam a tudo isto gulosamente, deplorando o appetite satisfeito...

A' borda direita do caudaloso rio o Zé Sucury contrateito fitava o continuo crescer das aguas que vinham lambendo-lhe os p's.

Aves aquaticas voltejavam até junto delle e uma pequena ariranha de pé no seu lado olhava-o curiosamente.

O rapaz com a face contrahida fitava o rio prescrutando-lhe a profundez e os estragos que a grande enchente ia fazendo.

Não havia por todo o sertão um tarrafeador nem nadador melhor que elle.

Nascido e creado á beira do grande rio, pelo a palmo, trilhára a suas margens. Conhecia todos os feitos e segredos da caudalosa corrente d'agua, que o considerava e tratava como filho e, fosse tempo de seccar ou das aguas, a sua tarrafa nunca voltava do mergulho sem uma meia dúzia de peixes. Nesse momento, vinha da casa do fazendeiro Anselmo que morava dez leguas rio abaixo e onde fôra a busca de um remedio para a filha do Coronel Ignacio.

Essa moça, que viera em companhia dos paes e algumas amiguinhas a passeio pela fazenda, atacada de maleitas definhava sobre um girau, e o Sucury, que sempre permanecera impassivel ante os olhares e mimos das moças do logar, sentiu pela filha do rico coronel (inda mocinha de dezesseis annos), grande ternura envolta com adoração. O amor tinha domado o filho das mattas e, elle, quer chovesse ou fizesse sol, já diariamente até ao dar-lhe os bons dias, havia já quinze que não o fazia, permanecendo attento á porta do quarto da doente onde lhe aguardava os minimos desejos.

Arrancara todas as raizes e buscara todas as plantas applicadas para a molestia. Em vão... A moça não melhorava.

Na vespera, avistara-o em um dos cantos do quarto e com um triste sorriso perguntara-lhe se não lhe arranjaria entre os seus remedios certanjos um que a l'vrasse da tal febre.

N'õ quiz lançá-la ao desespero dizendo-lhe que já procurára tudo quanto conhecia e, não querendo tambem, mentindo-lhe, profanar o seu sagrado affecto, manteve-se calado e cabisbaixo. Duas grossas lagrimas rolaram-lhe sobre a face macerada pelas vigílias. A doente viu-as, com a grande intuição de mu'her adivinhou logo o amor e o desespero do pobre rapaz. Emocionada, estendeu-lhe as brancas mãos e trempilante balbuciou um agradecimento. O pobre Sucury não se conteve. Saliu soluçando com grande estupefacção de todos os presentes.

Partiu sem rumo e, insensivelmente tomou a estrada da villa. Recordando-se, porém, de que o coronel já lhe enviara um proprio em busca de remedios cortava rumo até a fazenda do Anselmo.

La chegara alta noite e tendo recebido das mãos, do fazendeiro dois vidros de um remedio que diziam ser infallivel contra as sezões, voltara sem descançar; e agora, defronte do tenebroso rio procurava um logar onde o podesse atravessar com mais segurança.

O Canavarro enchia-se cada vez mais, roncando e extravasando-se, parecendo ciumento do amor que o Zé Sucury lhe extorquiria para transmitir á doente. Vendo o rapaz, que, a corrente se tornava cada vez mais caudalosa, e que a noite não tardava a dobrar o seu manto, lançou-se resolutamente a agua... Bom nadador, já havia rapidamente transposto metade da corrente,

quando um enorme tóro de madeira, voltejando nas aguas, arrastou-o até ás profundezas do rio...

O Canavarro, zeloso do filho que viera nascer e crescer e que estava ameaçado de lhe ser arrebatado vira arquejante buscalo, e, com um ruído sardonico levava-o consigo.

Na manhã seguinte, quando o sol surgiu espalmeando a sua luz brilhante; veio illuminar o Canavarro, que, como uma serpente de prata corria mansamente sobre as alvas e brilhantes areias. O rio, que viera em busca do filho amado trazendo a destruição e a ruina tendo-o levado consigo, descançava. Suas aguas tranquilas e murmurantes, pareciam cheias de remorsos, soluçava pela pobre moça que, tendo fallecido ao annoitecer da vespera, era, n'essa mesma manhã, aos primeiros raios do sol, enterrada entre flores campesinas a beira do velho rio.

Goyaz, Julho, 1920.

CRESCEM

## Carta aberta ao Presidente do Estado

Subindo a tão grande altura, não temo o precipicio, porque no vôo audacioso, as azas do patriotismo deram-me novas forças.

E' preciso, senhor, que no alto pedestal, onde fostes collocado, pela honra e pelos merecimentos que vos cercam, escute-se o cantocho de um coração femenino, que sabe sentir e vibrar pelos interesses da Patria.

Apredij na escola paulista, a amar o meu Brasil, e prestar o mais elevado culto de veneração e carinho a tudo que nos faz lembrar uma passagem de gloria e nos transporta a eras longinquas, na evocação pura e sincera de um passado, que nos enaltece e orgulha!

Mas... como temos sacrilegamente reduzido essas visões, que deviamos illuminar, com olhares de gratidão, e procurar ainda sob esses tectos combalidos pelos annos e pelo nosso desprezo, ouvir ainda, nas occasiões precisas, as vozes dos nossos antepassados, falquejadores illustres, que pugnando sempre pela honra e pelo engrandecimento do seu Brazil querido, abreviaram a marcha que o conduziu ao apogeo da gloria!

Para saziarmos a sêde do progresso, do luxo e da ostentação, temos sacrificado impiedosamente todas essas reliquias, testemunhas sagradas dos fastos da historia!

A picareta do operario, irresponsavel e incauto, nada tem respeitado, tudo tem reduzido a um montão de ruínas e palmo a palmo transformado ao nada.

Entretanto, quando o bombardio inimigo alvejou deshumano a famosa cathedra de Reims, a alma nacional do povo brasileiro, num movimento amargurado, fez publico o testemunho de seu protesto. Tive tambem a minha parte no que me reservou a d'ôr; mas, era a guerra! Com que então, presenciamos, numa indifferença revoltante, quando nos toca de perto, voluntaria e impatrioticamente, a sarcha devastadora?!

Nas abobadas desses edificios, cathedras da nossa Patria, resdam ainda hosannas de paz e alleluias de gloria! Gloria e paz erigidas, lavradas trabalhadas, por artistas de fibra e por homens de merito!

Emquanto o Estado de S. Paulo, coordena o mais bello e pomposo programma para festejar com brilho a grandeza do nosso centenário, enquanto a mão do artista, eleva aos ares e cinzela no marmore, dando brilho á forma e animando a idéa, o monumento symbolico, da nossa Independencia, o operario empunha a picareta, implacavel e brutal ameçada destruir a casa em que nasceu José Bonifacio de Andrada e Silva!

Suspendei senhor, essa mão indecemente, que tenta derrubar esse edificio centenário, que hoje, mais do que nunca, nos honra com seu valor! Essa columna forte e grandiosa, ameaçada de ruina, é ainda o sustentaculo do monumento symbolico, que dentro em breve dominará os campos do Ypiranga! E num gesto patriótico o Estado de S. Paulo faz a mais justa, a mais sincera e a mais eloquente homenagem á memoria do grande Patriarcha! Sem o que as demais honras teriam brilhos de fogos fatuosos...

Santos, 25-7-920.

ROSALIA.

## LIVROS NOVOS

COLUMNAS, versos de Luiz Carlos  
Edição de Jacintho Ribeiro dos  
Santos, Rio de Janeiro, 1923.

Todos os nossos poetas, sem exceptuar mesmo os maiores, estrearam mal, lançando à publicidade as suas sensaborias rimadas de que mais tarde se envergonham. Conta-se até de um paulista, que tem tanto horror ao seu livro de estréia, que anda comprando todos os exemplares que por acaso encontra pelos beleiores. Essa aversão de publicidade é muito própria dos vinte annos, idade em que o poeta, por mais dotado que seja, ainda não tem a cultura necessaria para fazer arte a sério. Annos após quando penetra mais profundamente os segredos da lingua, quando consegue traduzir com mais justiça as suas idéas e quando tem estylo proprio, é que se arrepende de não ter refrutado a tempo os seus pruridos de publicidade e de não os ter adiado para muito mais tarde, para a phase da vida em que a febre e o impulso, que inspiraram os seus primeiros versos, são substituídos pelo senso critico e pela analyse.

O sr. Luiz Carlos, porém, ao contrario de todos, poz um freio a esses pruridos juvenis e manteve-se inédito durante toda a sua primeira mocidade. Durante esse tempo, leu, estudou, cultivou a lingua, observou, e quando se convenceu de que já t'inha realizado, ou quasi, a sua arte, reuniu as suas melhores composições e publicou-as. Delle, pois, não se pode dizer, como se diz dos outros, que progrediu ou que decahiu, porque elle não balbuciou promessas em nenhum livro anterior e porque elle está todo inteiro no seu livro "Columnas", que tem qualquer coisa de magestoso, e de solenne.

Muito lido nos poetas parnassianos francezes, da Escola de Bainville e de Heredia, não se deixou vencer por outras influencias, mantendo-se fiel ás velhas formulas da poesia. Não ha nisto enganação. E' o seu feito. E a verdade é que, dispondo apenas do cabedal antigo, como forma material e elementos de concepção, elle logrou compôr um livro magnifico, ardentemente inspirado.

O seu verso é sempre correcto, sempre nobre; as suas idéas, sempre elevadas, e a sua linguagem, sempre pura. Todos os metros maneja-os elle com desembaraço.

Não acreditamos que "Columnas" estejam destinadas a um grande successo de livraria. E' um livro escripto para uma restrictissima "élite" intellectual.

No interesse de illustrar esta simples noticia com um soneto extrahido das "Columnas", vacillamos durante muito tempo na escolha de um, porque todos, de que se compõe o farto e grosso volume, são dignos de menção. Transcrevemos ao acaso este bello soneto, que tem por titulo "Fidalga":

Garça ésvelta no porte assumindo a postura  
Airosamente real de uma joven ra'nha,  
Na alta cabeça, posta em luz, se lhe adivinha  
O correcto perfil da nobre raça pura.

Formalhe a iris do olhar a esphera em miniatura,  
Nos cambiantes do verde-azul da côr mar'nha.  
Diffundo-se-lhe a graça inquieta em toda a linha.  
Fidalgo, o gesto heril coroa-lhe a figura.

Nenhum traço, ao de leve, o typo lhe deforma;  
O pescoco... os quadris... tudo nella acompanha  
Justo, classico estylo esthetico da forma.

Vaga-lhe o rosto pulchro o riso a florescel-o...  
E revestindo-o Sol d'uma fulgencia extranha,  
Urde-lhe a fias de ouro as tranças do cabelo.

LETRAS FLORIDAS, de Amadeu  
Amaral, edição de Leite Ribeiro e  
Maurillo, Rio de Janeiro, 1923.

E' este o primeiro livro de prosa que publica o poeta paulista sr. Amadeu Amaral, que, seja dito de passagem, é tão fino prosador como fino poeta. Já se foi o tempo em que, em nossa terra, os poetas não cultivavam a prosa; e se a não cultivavam, não era por desprezo, mas por impotencia; e quando se arriscavam a ella, os periodos sabiam-lhes chochos, molengos, com um vago feitiço de verso a que, por capricho, se trasse a rima e se mudasse o rythmo.

O sr. Amadeu Amaral é, tanto como poeta, um excellentissimo escriptor, cheio de vigor, de brilho e profundamente conceituoso. Nas

suas "Letras floridas", que, por certo, terão um grande exito de critica e de livraria, porque é um livro, sob todos os aspectos, interessantissimo, estão enfiçados artigos de critica, chronica e conferencias. Dentro estas destaca-se a que elle pronunciou, não ha muito, no salão da Cultura Artistica, ácerca de Raymundo Corrêa, e que é um dos melhores trabalhos de critica que se têm feito sobre o grande poeta.

Os nossos homens de letras e sobretudo aquellos que se iniciam na carreira literaria, devem ler e meditar essas paginas de critica e arte, onde ha tudo a admirar, a pareça Va lingua, a belleza do estylo e o senso de analyse.

Gratas pelo exemplar:

DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do visconde de Taunay, edição da "Revista do Brasil", S. Paulo, 1920.

Como é sabido, o visconde de Taunay, o glorioso autor da "Innocência", deixou alguns trabalhos inéditos, e entre esses figura o presente volume, elegantemente editado pela "Revista do Brasil". Todos aquellos que se interessam pela nossa historia e geographia encontram em "Dias de guerra e de sertão" farta messe de suggestões e de estudo.

O illustre historiodor sr. Affonso d'E. Taunay, filho e herdeiro do grande romancista, deve ser louvado pelo gesto que teve, reunindo em volume essas memorias, das quaes eram conhecidos apenas alguns extractos publicados, de longe em longe, na imprensa do Rio, e que, sem duvida, passaram despercebidos a muita gente.

O livro é immensamente interessante como estylo e documentação historica.

Gratas à "Revista do Brasil" pelo exemplar que nos offereceu.

EM PLENO SONHIO, versos de  
Maria Eugénia Celso. Livraria  
Francisco Alves, Rio de Janeiro,  
1920.

D. Maria Eugénia Celso é uma das melhores poetisas da nova geração. Versifica com segurança e é familiar com todos os metros. A sua linguagem, embora ainda não escolimada de certas falhas, é, entretanto, sempre elevada, e, a par disso, simples e corrente. E' uma poetisa inspirada, cheia de ardor.

Uma das suas maiores originalidades é o uso constante dos versos agudos. Os poetas da lingua portugueza, e principalmente, os brasileiros têm uma certa ogeriza pelos versos agudos e só lançam mão delles quando a isso são forçados por circumstancias excepcionaes. Muita razão têm elles, porque os vocabulos agudos quasi sempre fornecem rimas vulgares, além de obrigar o poeta ao esforço, que tanto os embarca, de pôr esses agudos em symetria.

Entretanto, esta poetisa, que os adoptou e faz proposito em usal-os, fallo com tanta graça, que nem se lhes sentem as asperzeas.

O livro "Em pleno sonho" é excellentissimo, e as nossas leitoras, que gostam de versos, devem lê-lo, porque elle é muito rico de suggestões e de sonho.

Destacamos, ao acaso, este soneto, que é realmente lindo:

## TELEPATHIA

Tamos juntos pela estrada... O dia,  
Com tão rara belleza terminava  
Que ao nosso encontro passageiro dava  
Um painel de uma idyllica lingua.

E tão profunda suavidade havia  
Na paz augusta que do céu tomhava,  
Que o nosso enlevo mudo se augmentava  
De toda a esparsa e vespéral poesia.

Mas qualquer cousa no caminho escuro  
Alvejou bruscamente, ao longe: um muro  
De cemiterio abandonado alli...

Nós nos olhamos, rapidissimo momento,  
E, ante o terror do mesmo pensamento,  
Quanto nós nos queremos comprehendimos!

Informe correspondiente al 1.º trienio 1916-1919 y Memoria correspondiente al ejercicio 1918-1919, do Consejo Nacional de Mujeres del Uruguay.

Boletim da Associação Commercial do Paraná, números 87 e 88. *Mercurio Peruano*. O numero 20 deste magazine que se publica em Lima, vem cheio de materia interessante. Eis o summario: Adolpho Agorio, "Prometeo"; Henrique Sarreta, "Sonetos"; Horacio A. Urteaga, "Historia Nacional, Armamento Lucrico, La Estibion e Atlatic"; "Amalia Pua de Losada"; "Mieees de Francia"; Jorge Guilherme Seguis, "La ciudad de Lima em el siglo XXIII"; M. Iberico y Rodriguez, "Necessidad de una educacion idealista"; Carlos Enrique Paz Soldan, "La organizacion medico-

social del Peru"; Pedro Yrigoyen, "El carácter pacifista de la Diplomacia Peruana"; e "Notas Varias".

*Revista de Derecho y Ciencias Politicas*, organo de la Sociedad Juridica de la Universidad de Cauca, Popayan, Colombia. Eis o summario: "Sobre el divorcio", Rafael Olando; "Corrupcion de empleados publicos", Paulo Emilio Morillo; "De la capacidad como condicion de suceder y sus efectos", Fernando Medina; "Por el intercambio estudiantil"; German Arciniegas, "Una oportunidad para nuestra juventud", German Arciniegas.

*Redencion*, revista mensal feminista, Valencia, Hespanha, numero de Janeiro e Fevereiro.

## A pequenina flor azul

Até aquelle dia, tudo quanto para a loira Martha, tinha vindo d'elle, fora: — A ternura suavissima e avelludada dos seus olhos escuros e aquella pequenina flor azul — Estretando o seu coraçãozinho de pobre filha de pescadores, quasi analphaeta e semiselvagem, estava preso e bem preso nos fios daquelle amor.

Pobre Martha d'alma de elite de intelligencia rara, de bondade infinita estiolada nos trevos da ignorancia, na obscuridade das ultimas camadas sociais. Ah! como em principio ella fugira daquelle affecto, temerosa do seu coraçãozinho impressionado e extremamente inclinado para elle, como muitas vezes fize a corça selvagem julgando ouvir no rumor das selvas os passos cautelosos do caçador. Hoje, como ella sabia comprehendê-lo e amal-o com o extremo e nativo elevamento da sua alma poetica... Se o crisol da alta civilisação, se o butil das luzes inte lectuaes lhe cinselasse o espirito privilegiado e a alma de elite, certamente que a expressão de phrases mudaria de forma, o freio dos preconceitos sociais lhe tolheria as devidas manifestações d'alma impetuosa e decida. porém, na essencia a eloquencia de cada pensamento, as inspirações de ternuras supremas e de subtilezas divinas, que em seu cerebro incho se amelhavam diamantes não lapidados, pérolas na concha aspera que a gerou, seria a mesma, tão indefectivel estava a grandeza santa do seu sentir com o bello do seu grande espirito. Talvez, mais susceptivel, elle, talvez daqueles humildes roupis de linho ordinario, pulsasse coração tão magnanimo, espirito tão dignamente alto; coração, até então indomavel mas, que a ele serviria de joelhos na piedade affectuosa do seu primeiro sentir... Idolatrava aquella pequenina "flor azul" com o mesmo mystico afan com o qual adorava a medalhinha da Virgem que recebera da sua mãe agonisante... Quizera poder moldurar aquella florinha que a ternuraavel uddada dos olhos d'elle, em fragmentos do seu coração, guardara para que se não confundisse ou perdesse no espaço indifferente, a irradiação divina daquelle olhar de luz... Na vespera do Natal, Armando lhe enviara uma rica cesta de orquídeas e morangos. Porém, ella, com o seu instincto artistico, apenas via naquelas flores raras o que realmente ellas valiam em belleza esthetica; e a erudição nativa da sua alma sincera, sentia-se ligeiramente abalada pela extrema delicadeza da lembrança. Mas... olhava calmanente quasi indifferente para aqué a primorosa cesta de morangos que sobre a toska meza da humilde casinha onde vivia ao lado do seu pve, velhinho, e caxneido, caçado, porém ainda de lucida intelligencia e d'alma abregada e simples, da qual ella era um reflexo mais purificado e mais angelico, tinha a impressão nostalgica de um sorriso a través de uma lacrima ou a docura harmoniosa de um ar jo musical em meio a dissonancia de uma escala...

Ah! que misto de tristeza e de remorsos ella sentia no immenso da sua ingenuidade por não querer ao Armando, o maior desejo do seu pve velhinho... Quantas quantas vezes elle, o velho pescador, prevendo o brilhante porvir da sua filhinha idolatrada lhe fallava n'isto!... Mas, angustiada, mudava brevemente de assumpto, beijando-lhe a face enrugada e afagando-lhe as longas barbas de patriarcha.

Armando, tambem, lhe perguntara um dia, em tremula e respectosa linguagem, "se ella consentia em ser sua mulher"? Então, abalada, quasi perplexa, respondeu-lhe com aquella franqueza quasi rude da sua alma ingenua e sincera, mis velhita: — Eu "amo-o" e de todos os seus morangos e flores exquistas, nunca a lou ao meu coração a mesma ternura que a sua pequenina flor azul. —

Armando, tinha insistido: "Faria com que em pouco tempo ella se tornasse uma linda senhora ilustrada e digna de usar o seu nome". — Encolheu os niveos hombros. Joias e sedas não lhe atrahiam a alma modesta. O que desejava, oh, sim! o que desejava com toda a tristeza ansiosa do seu grande espirito era um raião de luz nas trevas da sua ignorancia. Saber dizer, saber escrever, saber comprehender, todas aquellas phrases bonitas que so letrava nas revistas e jornaes, unica litteratura que por acaso lhe chegava ás mãos! Era o anheilo infinito da sua alma de elite.

Como Armando, tocara na fibra sensivel do seu coração... Mas... elle, tambem não poderia fazer o mesmo, e má ainda com ternura infinita do seu amor correspondido? Curvou a linda cabecinha castanha. Uma lacrima, de infinita melancolia, crystallina, tremulou através dos longos cilios dos seus grandes olhos garços, e ella sahia a correr, temendo talvez trahir a immensa solididade do seu coração sohador... Em um movimento impetuoso tinha lançado ás vagas revoltosas a linda cesta de morangos. E de pé sobre a praia humedecida, com os longos cabelos a fluctuarem baloiçados pela aragem maritima, sentia uma vaga, uma longinqua reprobção por aquelle acto de ingratitude, porém, no intimo satisfeita e feliz com a sua consciencia, pois parecia-lhe que, conservando aquélla cesta, commettera uma transição a elle, era uma proclamação á pureza do seu amor...

A sensibilidade infinita do seu coração tinha subtilezas estranhas. Oh! os lindos dias de verão com as suas tardes primaveraes, a voz condorada das ondas batendo de e co tro aos seus rochedos que hordavam o mar, pyramide natural, magestosa em noites de plenilunio, como nostalgico e carecido pharol que a vustez dos annos lindara e revestira de duplas camadas de musgos marinhos... As jangadas dos pescadores, que singravam decemente com as suas velas ao vento como meigos cruzes d'azas diaphanas que deslizavam deixando após um aliojar de espumas fluctuantes: as conchas e sargazos, as gravotas que voeviam no espaço e pojavam sobre o rochedo; o sol que se reflectia no mar doirando todo aquélla fascinadora paisagem maritima... Toda aquella reunião de rythms que formava como que a musica agreste que desde o berço lhe emalbara o encanto infantil dos primeiros annos e depois a despreocupada creação semcivileza, já não tinha para Martha, a mesma alegria descuidada de outrora, tornava-se agora o reflexo do seu espirito poetico, o scenario nostalgico, simples e puro, que se fundia com a sua alma de filha da natureza, simples, inculca e infinitamente terra... Tornava-se pensativa, abstracta, e deixava-se ficar horas inteiras sentada sobre uma toska jangada, a contempar pensativa aquella linda paisagem maritima e a recordar o seu sonho gentil, que, como um pharol na sombra, muito tenue! Muito longe!... Deslaciava-se apenas a ternura avelludada dos olhos d'elle, e aquella pequenina flor azul...

LUIZA D'ALBUQUERQUE CAVALCANTI

## FALANDO A' TERRA

(Ao mimoso poeta Dr. Noronha Guarany).

O' terra, irmã do mar, immensa e bella,  
Que vives em constante movimento,  
Sob essa enorme e magestosa umbella  
Azul a que chamamos firmamento;

E gravitas em torno dessa estrella,  
O sol, o rei da luz, o rei portento;  
A minha alma extasiada, pensa e véla  
Nesse eterno gyrar, que e meu tormento;

Sem poder comprehender os teus arcanos  
Terra! eu te exalto os dons, os teus primores  
Que vens ostentando ha um milhão de annos.

Amo-te! (e que por toda não me tomem)  
Eu te admiro em tudo, até nas flores  
Pois do teu pó é que foi feito o homem.

ODETE DONAH

Pedra Branca, Minas.

## NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para creanças. E' um grosso e grande volume, nitidamente impresso, em finissimo papel e ornado de varias centenas de illustrações, onde se bem magnificos contos, instructivos, moraes e interessantissimos como enredo, que farão a delicia das creanças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de anniversario. Vende-se nesta redacção. Preço: \$5000. Pelo correio, registrado, \$6000 em vale postal.

# Consultorio Medico gratuito

## DA "REVISTA FEMININA"

SAUDADE — S Carlos — Concorde com V. Ex. A formula referida é composta de... uma só substancia, mas creia não sou o pae da dita nem sou o autor da asneira.

O mal de que V. Ex. se queixa — dilatação das veias dos braços depende de muitas causas e as suas informações não são detalhadas a ponto de eu descobri-las. Uma das mais frequentes é a syphilis, que ataca a tunica muscular das veias, dando em resultado a perda de elasticidade, outras vezes, a causa reside num embaraço da circulação de retorno, só diagnosticavel com um exame acurado, esse embaraço é muitas vezes constituído pela hypertrophia dos ganglios nas axillas e mediastino.

O facto de V. Ex. ter tido aborto expontaneo leva-me a receitar-lhe o uso de Iodolose: vinte gottas, 2 vezes ao dia.

A. B. C. — Embahú — Segui resposta.

M. V. — Aguas Virtuosas — Aconselho-lhe o uso de um tonico, pois o que V. S. me refere é um asthenis.

Tome por algum tempo Guderin ou Vibrona.

A. L. M. — O que V. S. tem é uma inflamação do ouvido médio com perfuração da membrana do tympano. Lave o ouvido por meio de uma seringa, com agua boricada e pingue, dez gottas tres vezes ao dia:

Acido salicilico . . . . .	0,20
Alcool a 60 graus . . . . .	20,0
Agua oxigenada . . . . .	20,0

R. P. — Para a extincção da caspa são usados diversos preparados de enxofre com excellentes resultados. Desde que V. S. não está satisfeita com os preparados que usou, experimente a loção seguinte:

Agua de Colonia . . . . .	300,0
Chlorhydrato de pilocarpina . . . . .	0,15
Salicilato de methyla . . . . .	4,0
Applique cada dois dias.	

Para os suores excessivos de seu marido, são necessarias informações mais detalhadas, para ver si é possivel descobrir a causa.

A. A. S. — Orlandia — O soffrimento de sua irmã com toda certeza se resume numa sinusite, inflamação de certas cavidades que se communicam com o nariz; para esse mal é necessaria uma peguena operação que deve ser feita por um especialista.

Como sua irmã tem algumas feridas na perna, julgo de bom conselho mandar pesquisar a syphilis, pois ha sinusites causadas por essa molestia.

Quanto á sua consulta sobre manchas do rosto e espinhas nos dois ultimos numeros da revista V. S. encontrará resposta satisfactoria.

E. A. C. — Burytj — Agradeço-lhe immensamente as amaveis expressões. Não seja tão acerrima inimiga da agua da belleza; posso lhe garantir que nunca prejudica a pelle, do mesmo modo que o oxido de zinco que é inoffensivo, os pós adherentes só são nocivos quando contém oxido de chumbo que pôde produzir intoxicação. No mais terei o prazer de a importunar em breve.



Molestias genito-urinarias  
— Partos —

**Dr. F. A. Dellape**

Res.: Tel. 2799-Cent.

Cons.: Rua S. Bento, 29-B - das 3 ás 5  
Tel. 146-Cent

# No Reino de OEdipo

Direcção: LOULOU & NANINHO.

Visto o vulto que tem tomado nestes ultimos tempos o "sport" charadistico, julgamos opportuno enriquecer a nossa Revista com mais esta secção que, esperamos, terá o melhor acolhimento por parte das nossas gentis leitoras.

Estamos certos que o interesse que esta secção despertará esteja ao par do zelo e carinho com que será dirigida. De facto, a direcção está entregue a dous jovens cavalleiros da nossa sociedade, que se esconderão sob os pseudonymos de Loulou e Naninho.

Iniciaremos hoje o primeiro torneio, que será feito em quatro numeros consecutivos desta Revista e para o qual serão reservados dous premios.

Cada solução ou charada (inedita) publicada valerá um ponto para o seu auctor.

O prazo para o recebimento das soluções será de quinze dias para o Estado de São Paulo e de um mez para o resto do paiz, a contar do dia da sahida da Revista.

As pessoas que desejarem concorrer ao torneio deverão enviar o nome, pseudonymo e endereço.

As soluções deverão vir acompanhadas do "coupon" do respectivo numero.

Os auctores que desejarem publicação das suas charadas ou enygmas devem indicar os dictionarios usados.

As charadas deste numero são da lavra da propria Direcção.

## NOVISSIMAS — 1 a 4.

- 1—2. O homem, por sua vez, estava no planeta.  
1—2. A unidade persegue-nos e mette medo.  
2—2. O casamento de primas é limitado em qualquer culto.  
2—1. A terça aberta e disfarça.

## SYNCOPADAS — 5 a 8.

- 3 — O instrumento briga. — 2.  
4 — Restitue á lei. — 2.  
3 — O homem usa-a para se abrigar. — 2.  
3 — Esta ave é divina. — 2.

## CASAES — 9 a 12.

- 2 — Na vasilha encontrarás o que nem todos têm.  
2 — Pois que a tens, procura-o na igreja.

## MEPHISTOPHELLICAS — 13 a 16.

- 3 — Na cidade estava o amigo de meu amigo.  
3 — Procura no sapato o facão.  
3 — Naquelle lugar tive uma briga com minha mulher.  
3 — Como retumba este tempero dentro de casa!  
2 — E' morno e toca.  
3 — Elle vae por ella.

## BIFRONTE — 17.

- 2 — A ave comeu a fructa.

## ELECTRICAS — 18 a 19.

- 3 — No navio elle fica mudo.  
2 — No tempo ha uma embarcação.

## METAGRAMMAS — 20 a 28.

(Por letras).

- Varia a quinta.  
7—2. O chapéo está pendurado naquella vigota.  
Varia a terceira.  
6—2. O melhor auxilio ao pobre é dar-lhe instrucção.  
Varia a terceira.  
7—2. Esta carne é deste homem.  
Varia a terceira.  
6—2. O jornal está na escrevaninha.  
Varia a terceira.  
7—2. Após meu enterro, na minha cabeça poderás sentar.  
Varia a terceira.  
7—2. Na estrada existe uma vasilha.  
Varia a quarta.  
7—2. Nesta cidade ha muita gente calva.  
Varia a terceira.  
6—2. E' quieto quando está preso.  
Varia a terceira.  
5—2. No meu armazem tenho uma arma.

## ANAGRAMMAS — 29 a 30.

- 5—2. Este animal é de bonito porte.  
5—2. Este animal fura.

# JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas communicações de nossas leitoras, bem como produções litterarias que não excedam de 60 linhas em prosa e de 14 em verso.

E' nosso intuito desenvolver assim o gosto litterario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções litterarias de-verão ser assignadas, sem o que não serão publicadas).

## AOS TEUS OLHOS

"De tudo guardo candida saudade.  
De uma illusão, de um beijo, da belleza  
De uns olhos de celeste claridade".

XXX.

Quiz aos teus olhos, minha amiga gentil, aos teus olhos travessos e scismadores, e exímio de doçuras infinitas, infinito de meigas alegrias!... Não foi o leve e incomparavel matiz do teu rosto oval, nem o lobulo delicado da orelha, e nem mesmo esta curva languida e mysteriosa dos teus rosos labios, que parecem reter as palavras que devias pronunciar... Sim, nem mesmo a tua bocca original, caprichosa, avara de sorrisos e prodiga de graça melancolica, o que me venceu, o que me hypnotisou! Mas, foram os teus olhos, minha amiga gentil, olhos nos quaes julguei ver a tua alma visível, Espelho, reflexo, harmonia, alma de tu'alma difficil, complicada, indefinida! Mas, que certamente um dia, outra alma irmã a levará docemente, docilmente sorrindo por uma estrada juncada de lyrios e illuminada pela sacrosanta luz dos bellos olhos teus!...

— No immenso e intangível avelludado das pupillas escuras, minha estrangeira gentil não tens a gelidez nostalgica das regiões polares e nem tambem o mystico azul das loiras filhas da nevada Albion, mas, a fludez hypnotica dos plenilunios tropicaes, ou a centelha embragante das tardes do meu paiz!...

Eu quiz aos teus olhos, minha amiga gentil, porque nelles divisei a doçura expressiva da tu'alma — chrysalida de lucidas irradiações!... Elles foram como um batel cinzelado em negro e ouro brilhante fluctuando sobre as vagas insondaveis do meu destino no oceano infinito do meu sentir... Depois... Um dia, como na embraguez de um somno hypnotico, sonhei que via Deus formando o sol para illuminar aos astros, e que na filigranna doada dos seus raios radia uma scintella viva e fluidicante que se transformava em teu olhar e que deveria illuminar-me a vida!... Desde este dia penso sempre dividir em teus olhos a predestinação de um privilegio divino, uma partícula do céu concentrada em um átomo de luz astral. Uma alma divina na força astral deste olhar, exímio de flammam infinitas, infinito de meigas harmonias!...

LUIZA D'ALBUQUERQUE CAVALCANTI

□ □

## NEM SEMPRE OS CONSELHOS SÃO BONS

Ora, não tivesse eu a idea de seguir os conselhos de Corinna, uma das amigas do "Jardim Fechado", que estaria agora a disfructar uma tranquilla felicidade. Assim me dissera uma tarde a minha amiga Cecilia, finalmente recordada nos amoladões ma-

cios do gracioso divan da sua saleta de palestras. Errava um perfume delicioso naquelle ambiente onde tudo era graça e amor. Um perfumeado ninho onde as setas de Cupido lizera o alvo.

E, como a seguir o curso d'uma idea que lhe martellava o cerebro, dando-lhe uma certeza comica, não reparara a minha amiga em meu aspecto assustado; dava-me tratos á imaginação para delectar aquelle mysterio, em que me enfiava aquella sua phrasa: "Não julgar-se feliz por ter seguido o conselho duma col-laboradora da Revista Feminina!" Talvez a felicidade transcorresse o cerebro da minha ouquinha!

— Fazia um meiz apertado, que ella estava casada com o idolo dos seus encantos, habitando aquelle recinto adoravel que invejaria qualquer pessoa de requintado gosto, vir agora com aquelle despropósito, quando esperava ouvir daquella ouquinha a rissonha palavra ternas referente á nova phase, de sua vida, ao espouso que tanto amava, imaginei o meu espanto!...

Depois d'um prolongado silencio, ansioso para mim, eis que a amiga n'um triste suspiro disse-me:

— Lembra-te daquelle conselho ha tempos de Corinna, em que te disse em hesitação a uma noiva — qual presente deveria dar ao noivo, adaptava-o conforme o gosto?

— Ah! lembro-me bem; até fizera me rir muito os disparates chistosos e tive bem pena da noiva, que, assim, se expunha a tamanha critica impudica.

— Isso mesmo; pois confesso-te envergonhada; cabi na ratoeira como qualquer rocinha ingenua: Sabendo pois pela minha futura sogra a tristeza do meu noivo por ter lhe morrido o seu querido gato Angola, lembrei-me de presentear-me com outro equalzinho; Oh! minha amiga Corinna, como desejaria conhecer-te para offere-te um ramalhete de flores! disse eu em meu enthusiasmo apaixonado. O teu consócio ho quadra-me lindamente. E aqui puz-me a procura d'um bello Angola para a tranquillidade do meu noivo. Como ficara elle contente, dizia-me o corcovo radiante! Para com alvoroço tamanho, quanto o tive em minhas mãos, aquelle minoso animalinho, todo elle um arminho tão alvo, reaçando os seus olhos verdes, assustados. Não me tarci de o acariciar, beijando-o, esquecendo-se mesmo que ao pé de si, lá estava a sua noiva meditando-lhe um affecto; contesse-lhe, horrorizada, tive uns laivos de ciúmes, coisa passageira, mas que, agora depois de casada se accretua horivelmente magoando-me a existencia! — Maldita seja tive-eu e pensar que eu mesma dera-lhe as armas contra mim propria!

— Como assim? Inquiri, entre rissonha e assustada ante as lagrimas que rolavam d'aquelles lindos olhos, dantes tão serenos onde se estampava a felicidade jovial.

— Pois não perdeste ainda que odio aquelle animalinho que se pusera feito um litruco entre mim e elle? Todas as caricias roubava-mas o damado; os melhores sorrisos são para elle. Emitim, um litterno. Nem comprehendo como o meu espouso sendo um rapaz tão fino, tão ligeiro, possa gostar dum animalinho deste. E o tyranno o tem-lhe tanto amor; de longe conhece-lhe os p.sos e todo dengoso vae-lhe ao encontro, enrodilhar-se ac'pe rosnando á espera duma caricia. E eu a olhar tudo aquilo ex'ata, cabistado, tive uma crumosa!

Nisto, sorrateiramente entra o bello tyranno, o mofivo das infelicidades de Cecilia; espreguica-se molemente como a fazer-nos uma cortezia e scaldando-se avo nos nossos olhares, fecha os olhos, tudo humildemente postar-se aos pés da dona.

— Oh, que lindo gato, exclamei eu!

— Sim, retruca a minha amiga e pensar que tenho de aguentar a vida toda! E num frezese enxota-o da saleta; sahindo numa disparada o innocente que assim era tratado, sómente por um capricho daquella ciumenta.

Não pude me conter, tive um accesso de riso e a minha amiga desconcertada olha-me delectada e diz-me:

— Se assim continuar, proponho-lhe o divorcio!

— A quem?

— Ora esta, a quem mais, a meu marido!

— Estás ho? muito excentrica, deixa de divorcio, o teu espouso quer muito e morrerá de despojo se isso souber!...

**A'S MÃES** — As mães não podem prescindir da "NOVA SEIVA", o magnifico livro de contos para creanças, devem compral-o para offerecer aos filhos. E' um presente encantador. Tem centenas de gravuras lindissimas. E' uma edição de luxo que custa apenas 5\$000. A' venda nesta redacção. Pelo correio sob registro enviamos por Rs. 6\$000. Pedidos á redacção da "Revista Feminina", Avenida São João, 87 + S. Paulo.

Despedi-me de Cecilia, magoada e ao mesmo tempo horrorizada d'aquella anomalia sentimenta e puz-me a matutar: Eis ahí o que é a humanidade; eternamente a queirar-se da sorte, talvez sóbe-me pelo prazer do soffrimento e dizer-se ainda que a felicidade é arisca e cega! antes, somos nós que nos cegamos com a sua presença.

Tempos passados recebo a visita de Cecilia. Vinha outra; a felicidade irradiava em sua physiognomia. Que transformação, santo Deus! parecia-me tal qual quando lá via antigamente, quando feliz, fazendo castellos matrimoniaes, mostrava-me as ricas peças do seu enxoval.

Fiquei um instante ppp'ena, sem saber o que dizer, quando percebendo o meu calico, entre risos e contristada contou-me a morte do pobre Angora:

Amanhecera o pobrezinho hirto; fora um reboliço em casa, a tristeza do esposo, que ainda não se acovava, jurara-lhe nunca mais apagar-se a essas animações, que, por duas vezes, o fizeram tanto soffrir:

— Deves então estar mais tranquilla, não?

— Porquê?

— O motivo dos teus ciúmes, o tyranno deixou-te o campo livre...

Oh! não! eu queria-o tanto!

E vi-lhe uma lagrima entre os olhos baebos!

Um pensamento não passou-me pelo cerebro! Teria morrido o Angora, naturalmente, ou...

Pobre humanidade; naquele momento odiei á minha amiga.

DEBORAH

## SILHUETAS

(Danilo)

IV

Mlle. é a encarnação da propria belleza. No rosto moreno de um admiravel colorido roseo, nos grandes olhos negros e velludos de oriental, no pequeno nariz de fórma graga, no talhe da bocca vermelha e voluntariosa, na vasta cabeleira castanha e ondulada, em toda ella — espelnde e fascina a belleza escravizadora e irresistivel!

Mlle. tem exccelente coração, espirito culto e a mais delicada alma de mulher — poética, sensitiva, affectuosa. Sua palavra espirituosa e viva, scintilla e offusca como pedrarias preciosas no sol, e seu sorriso espirital, — sorriso borboleta, sorriso flor, sorriso abelha, adeja e fluctua, encauta e entontece, brilha... e fere de leve, muito so de leve!

E que nos labios de Mlle. se occulta o florete da ironia — ironia p'ava — ironia sorriso, — a meiga, a indulgente ironia da mulher formosa.

Toca piano e sabe dar ás suas musicas adequada expressão. Ha uma vaiva de evocar melancolia que ella interpreta com especial agrado... por que foi ao delihiar os melancolicos compassos da "Quando o amor se despede" que, no coração de Mlle. despostou timido um terço affecto.

E enquanto os deitos de Mlle. erram preguiçosos, pelo teclado, sostrando phrases meliodiosas, seu coração soinha... soinha... que, um dia, loiro forasteiro deixaria longas terras em busca de um jardim encantado no qual vicejava uma flor maravilhosa de extraordinaria belleza — igual á mais bella das rosas — mas possuido a suave essencia da violeta...

E o oiro forasteiro vitta flor esplendida e não mais pôde esquecer-la...

Antes morrer do que viver sem ella...

Si a colhestei...

Estendeu a mão com infinito cuidado e — doce milagre! — sentiu que lhe fugia do peito o coração!

...e no coração de ouro da flor mirifica, no setineo estejo das petalas aromas, repousou feliz e tranquillo, — eternamente prisioneiro eiro — o coração do loiro viandante.

Dizem que o sonho de Mlle. em breve se tornará realidade, pois que ella como a flor mysteriosa do mago Jardim atrah pela essencia subtil que hebria os corações — e que todas as mulheres deviam possuir, — o da modestia!

MARILDA PALINIA

## SILHUETAS

(Danilo)

V

Mlle. ficára enciumada porque léra as exaltadas p'avras com que eu fizera a apothese dos olhos negros. E m'le, fitando em mim os luminosos olhos verdes, cecios de lagrimas, pesados de magua, disse-me:

— Para o Sr. só existem olhos negros... Só elles, lhe inspiram poesia apaixonada...

Disse que não, defendendo-me; que gostava de todos os olhos sem privilegios de cor, verdes — negros, azues e castanhos; que nos olhos a expressão era tudo, e que sempre formosos são os olhos das mulheres.

E quando Mlle. sahii, fiquei triste, immensamente triste!

Não saberás nunca, formosa dona de olhos verdes, não saberás nunca, que as p'avras de amor que tu leste, distillou-as o meu coração — lagrimas ardentes, — no dolorosa magua desse affecto ineliz...

Olhos teus! Si tu soubesses!

São os unicos que amo, os unicos que gosto de fitar, porque só elles me fazem estremecer de medo... de medo que os meus tristes olhos sombrios tenham na sua mudez a eloquencia da dor... Para mim, teus grandes e hos sonhadores são os mais formosos do mundo e de bom-grado passaria a vida, toda a minha vida, mergulhado na contemplação do mysterio profundo que tus pupillas encerram, sondando curiosamente os pequeninos lagos verdes, onde se encerra a minha felicidade... onde vive a minha alegria... onde chora o meu coração...

Mas, eu não posso dizer nem mesmo escrever, não devo, siquer, pensar, que teus olhos, esmeraldas fulgurantes que atraem os meus labios, — são os unicos que amo!

1917.

MARILDA PALINIA

## SILHUETAS

(Danilo)

VI

Mlle. passou hoje por minha porta com um lindo vestido azul claro e o encanto supremo dos seus olhos negros e profundos.

Mlle. ia apressada, um passinho meado e sacco, que e so della, e levava nos labios o sorriso feliz de quem acha a vida linda...

E para Mlle. que é moça e formosa, intelligente e boa, a vida reserva, por certo, venturas mil...

Depois á tardinha, Mlle. passou de novo pela minha porta, — trazendo o mesmo vestido azul claro e no cinto um ramo de rosas rubras.

Não vinha só, conversava com um bonito rapaz que conheço e é o ditto noivo de Mlle.

Foi por isso, talvez que Mlle. tinha nos olhos uma alegria tão viva e nos labios o sorriso encantado de quem acha a vida um lindo sonho...

"Amar e ser amado, que ventura!"

VII

Houve um tempo em que os olhos de Mlle. eram alegres, bulliciosos, vivos!

Hoje, Mlle. si sabé fingir um sorriso alegre, não sabe dar a seus olhos tristes o menor lampejo de alegria e extranha magua me aperta o coração, quando vejo os olhos de Mlle. negros, magoados, como que humidos de lagrimas nunca enxutas, fazendo pensar na vaua grande dor no sterio e occulta, que alguma suspeita siquer e que despedaça a sua alma sensitiva e delicada!

Ah! si eu pudesse advinhar que philtro magico, condico precioso ou mysteriosa agua de fougueira forte daria aos olhos de Mlle. a serenidade a gracia, a exacta luz; sem medo nem hesitações, qual meueve cavalheiro, iria intrepido e incansavel combater dragões desencantador princezas, vencer perigos mil e nas azas velozes no meu corcel, eu carregaria um dia, trazendo a agua, o philtro, o condico, o mago talsman que tornasse Mlle. feliz e desse a seus olhos leitucos o brilho forte da agracia.

Mas, hoje, ja não ha philtros, condicos ou aguis misteriosos que restituam a quem quer que seja a perdua felicidade, a agracia, o amor, e nem e permittido saber que fiteiro malato envia e ou a flor delicada da alma de Mlle. e lentamente, devagarinho, lhe vai matando o pequenino coração...

1917.

MARILDA PALINIA

## BARONEZA CORINNA

A sua consulta respondemos com o capitulo "A pelle", que é o quarto da serie dos artigos subordinados ao titulo "Arte da Belleza". A sua pergunta é immensamente complexa. Os melhores medicamentos para a curia são os que vendemos nesta redacção. Trata-se de productos hygienicos, e não de artigos de belleza. Entretanto, que a senhora illustre o seu espirito com a leitura da "Arte da Belleza", que é um repositório de conhecimentos de todo o que diz respeito ao assumpto, porque trata de todos os casos e traz as mehores receitas para conservação da belleza e da mocidade, a par dos mais profundos conselhos de hygiene.

O dr. Belisario Penna, referindo-se ás nossas praticas do interior, disse, recentemente, que ellas são feias e tem a velhice precoce. Olhe que é a observação honesta de um grande medico. Sem saude e sem hygiene é impossivel a belleza e a mocidade.

Leia, pois, os artigos "Arte da Belleza".

## UM FINO PRESENTE PARA SENHORAS

Vende-se, nesta redacção, por 258000, a collecção da "Revista Feminina", relativa ao anno de 1919.

É um lindo e grosso volume, encadernado em percaline a cores, constituindo o mais util e precioso presente que se possa dar a uma senhora ou a uma moça.

As leitoras da nossa revista, que têm a sua collecção desfalcada, devem adquirir a nossa collecção encadernada.



As mulheres no jury

Na Inglaterra, segundo fez saber lord Charcler e de accordo com os seus vovos ultimamente pelo Parlamento, as mulheres são obrigadas a servir no jury nas mesmas condições que o homem. E ocelso accrescentar que marido e mulher não podem fanceonar no mesmo jury.

Eis os graciosos commentarios que, a proposito dessa noticia, fez um christão do Jornal do Commercio.

"A medida apresenta diversas vantagens, entre as quaes a de resolver a crise dos jurados, temerosa em toda a parte. Ao demais, força as se horas a um training de sciencia, sendo que a lição terá o de verificarem as mulheres, quando estiverem a ouvir impiedosos advogados polifoxos, como é penoso ouvir falar de mais, ficando, portanto, em condições de poder avallar o mal que têm de lo.

Mas, na annunciada innovação do voto feminimo no jury, ora em vigor na Inglaterra, não que os ingleses demonstraram mais uma vez o seu espirito pratico, foi na restrição segundo a qual não e possível o marido e mulher servirem no mesmo jury. Se assim não fosse, os dois votos de um casal, seriam systematicamente divergentes e, portanto, o ideal da justica ficaria seriamente ameaçado.

E' que, coasente repetidas observações de psychologos nasteiros, somente pelo gosto de discordar dos maridos, certas damas seriam capazes de condemnar um sacro."

O "feminismo" no Amazonas

Já não e propriamente da feminismo que se trata, mas de cousa bem differente. E o caso que no numero de 11 de Abril de 1920 do "Diario Offical", do Estado do Amazonas, se nos deparam coisas que nos põem de sobreaviso acerca do "feminismo" que lá, parece, é francamente exercido pelo governo. Lá, as mulheres e-trazem francamente nos negocios, e, em nenhum outro ponto do pais, se encontraria, por certo, tanta mulher requerendo favores, pedindo terras, propondo negocios ao Estado. E como o Estado é uma personalidade masculina, não pôde deixar de ser galante para com as damas que lhe pedem obsequios, a que logo elle se curva, sollicito, muito embelezado, e até mesmo ás leis anteriores. Assim, nesse "Diario Offical" nós vemos um edital da Secretaria do governo, fazendo saber ao publico que, em virtude do artigo 26, da lei n. 1.043, de 17 de

1919, não mais é permitida a venda de terras que contraem encargos, pelo que os pretendentes á compra de terras devolutas devem declarar em seus requerimentos a situação dos lotes pretendidos e a industria a que são elles destinados.

Nesse mesmo numero do "Diario Offical" encontramos a declaração de que por compra um lote de terras situado no municipio de Borba. O referido lote tem uma área de 39 309,823 metros quadrados.

No mesmo numero, fihnas adelante, ha um novo edital em que a mesma senhora requerer um outro lote, este mais modesto, tendo apenas 12.911,356 de metros quadrados. Tudo somado, dá 53 milhes digi-

metros quadrados, quasi uma provincia, de que vae ser possuidora essa senhora. E quem é esta senhora? Ora! é a esposa do sr. dr. Freitas Bystos, muito digno secretario geral do Estado...

Mas ha outras senhoras que requerem também terras, e são ellas d. d. Isabel de Araújo Silva, Otilia Maria Barbosa, Hormedinda Souza Maciel, Rosa Carolina de Andrade, Maria Magdalena de Amorim Baidi, Floripes Monteiro, etc., etc.

E o celso accrescentar que todas essas senhoras compram para os maridos que, em funcões do governo, lhes vealem em magnificas condições...

E o paraizo de "certas mu'heres" esse remoto e extranho Estado do Amazonas.

Amega ás mulheres

O sr. Antonio Leão Velloso publicou, dia ha, no "Correio da Manhã", do Rio, um interessante artigo em que commenta a noticia recentemente transmittida por telegrammas, de que o governo francez estava cogitando de applicar medidas severas contra as pessoas que não tivessem filhos. Essa medida, como é de ver, se refere de preferencia á mulher. Diz o sr. Velloso que esse despacho, visando a mulher mais do que o homem, e a incluído entre os infractores da lei da geração, representa uma medida de defesa social que mal e cabre a multi-secular rivalidade de homens e mulheres, e constitue um verdadeiro acto de hostilidade contra o bello sexo. Por isso, justo é que todas as damas do planeta, aqui, em Tokio como em Paris, tomen o partido das francezas.

Essa lei ouera com pesados impostos todos aquellos que não puzerem filhos, e o que mais é, todos aquellos que não cuidarem de os ter.

"Ass'm, coasente o espirito da nova medida, pagardo tributos quasi equivalentes a muitas a mulher soliteira, a viuva e a divorciada que não tenham certo numero de filhos. Não inclui na lista a mulher casada, porque, neste caso quem paga a contribuição é o marido, cabeça do casal, responsavel por tudo quanto mal occorrer, inclusive pela esterilidade mutua do par.

As tres victimas da lei a inaugurar-se em Franco são pois a soliteira, a viuva e a divorciada. Exceptuada, entre essas, uma grande porção dellas amparada pela fortuna ou pelo amor, que possuia haveres proprios ou tenha haveres alheos a seu dispor, sempre restará um numero não pequeno de mulheres, sem dinheiro e sem os dois equivalentes moletarios, o marido ou o amante, que a sociedade sanciona ou supporta. Temos portanto as mulheres divididas em doo grupos: de um lado as casadas, as ricas e as protegidas, todas essas amparadas para resistirem aos effeitos da lei nova; de outro lado as soliteiras, viúvas e divorciadas sem dinheiro e sem belleza, que vivem sós ou, no menom, com as viúvas reitentes e feias, em prezar a memoria dos maridos fallecidos. Sobre essas é que a medida, vem pesar de maneira violenta, porque se não lhes eulta outra sahida senão pagar o pesado tributo que o Estado exige. O governo, está claro, não lhes digi: pa-

gam-me. Mas impõe-lhes uma coação equivalente, que é casar, quando, para ellas, a utopia do venereal, o irretravez, é justamente o matrimonio ou qualquer outra especie de uniao semelhante. De forma que a lei em si é iniqua, porque vem justamente ferir as feias, que constituem a classe das desfavorecidas, das inaptas para exercerem sobre o homem qualquer especie de atracção."

As mulheres e o Tribunal de Contas

Tivemos occasião de publicar, no numero de 3 do corrente, o oitavo, na integra, em que o Dr. Rauldolpho de Paiva Junior, presidente do concurso de quatro escripturarios do Tribunal de Contas, depois de varias considerações e de acceptar os seus escripturios em admitir á inscripção tres senhoritas que a haviam solicitado, postou ao presidente do Tribunal instruccões que o habilitassem a agir de modo definitivo no caso.

De posse desse officio, o Sr. Dr. Pedro Teixeira Soares, presidente do Tribunal, mandou ouvir sobre o assumpto, o representante do ministerio publico Dr. Aurelino Leal. Este já emittiu o seu parecer,

?

TUBERCULOSE

é difficil de curar-se.  
O prudente é evitar a tomando-se aos primeiros indicios de Fraqueza Pulmonar a afamada

Emulsão de Scott

Indiscutivelmente o melhor preparado de Oleo de Fígado de Bacalhão. Suavisa os bronchios e os pulmões e augmenta poderosamente a nutrição de quem se necessita para combater a molestia.



Sem Alcool.

Este e a verdadeira marca.



## A DOR DE AMAR

## PRIMEIRA PARTE

I

Parara o trem. Em toda a extensão dos comboios, uma voz monótona de empregado anunciava:

— Villers-sobre-o-Mar!... Villers!

Abriam-se portas. Impellido violentamente a do seu compartimento, Chiquinha Danestal — Chiquinha, diminutivo de Francisca — saltou para a plataforma, aspirando a pleno a brisa tépida de agosto. As pupilas, muito largas na iris extraordinariamente azul, buscaram logo o mar, que ella já lobrigara do vago. Mas o trem interceptava-lho ainda; pôde sómente perceber o verde longinquo das collinas arborizadas, que um sol radiante marmorizava de sombras cruas.

— Então, Chiquinha, não ajudas tua irmã a descer o sacco de viagem? disse a senhora Danestal, um tanto impaciente ante a distracção da mais moça de suas filhas, que assim obrigava a irmã mais velha, a muito linda e muito elegante Colette, a desembaragar-se sozinha de toda a sua numerosa bagagem.

Chiquinha, chamada dest'arte à realidade, estendeu os braços, recebendo os saccos, as sombrinhas, os chales que lhe passavam as companheiras de viagem; em seguida, ajudou a mãe, que era um tanto pesada, a descer do vago. Colette, por sua vez, saltara em terra, sorvendo com prazer a brisa marinha, que lhe afagava numa carícia benéfica a imperceptível ardência das faces, ligeiramente rosadas pelo calor desse dia de verão.

O trem arrancou para Houlgate. A senhora Danestal, ainda muito preocupada, interrogou, cheia de cuidados:

— Minhas filhas, estão vocês bem certas de que não esquecemos nada? Chiquinha, você examinou bem o compartimento?

— Sim, mamãe. Olha tu mesma: aqui estão os nossos embrulhos, estes infidáveis embrulhos! Estão todos conhecidos. Agora, vamos buscar as nossas malas para chegarmos ao hotel antes que a tarde esfrie.

E, lípida, esbelta como uma Tanagra, voltou-se por-se a caminhar, desviando-se da onda dos viajantes trazida pelo começo dessa estação de agosto, enfiando o caminho a percorrer, com esse passo elegante, quasi alado, das criaturas muito jovens.

Atraz della, menos lesta, preocupadas com as suas pessoas, seguiam Colette e a mãe, esta tropeçando, aqui e ali, no ago dos trilhos.

Mas já o olhar de Chiquinha percorria o largo horizonte do mar que ella percebia enfim, espelhante e azul, além dos vergeis plantados de macieiras, dos bosques arborescentes dos jardins, dos esguios telhados das "villas". De passagem as suas largas pupilas — nas quaes as vida se reflectia ardente — foram solicitadas por um perfil masculino, postado deante da porta de saída dos viajantes. E logo um sorriso, em que havia malícia e um tanto de desdenho, frezou o labio expressivo da moça.

— Oh! esta Colette!... — murmurou. Compreendendo agora porque pôz tantos cuidados no collocar do ven!

E estacou sobre a plataforma, voltando-se inconscientemente para olhar a irmã que chegava, tão fresca de rosto e de toilette, como si acabasse de sair, nesse instante, do seu toucador. Vinha do viajar cinco horas, e nem sequer se lhe desfzera um só dos ondesos sobre a nuca de oiro; nem uma falsa prega no collarinho de musselina de impecavel brancura, o menor signal de fadiga na pelle cõr de rosa,

como a blusa de seda que lhe moldava o talhe incomparavel; nem a mais leve sombra, de poeira na saia talhada a primor, para deixar traír adrede a linha perfeita dos quadris.

Como mulher habituada a despertar attenção onde quer que apparecia, Colette, lisonjeada, na passagem, pela muda carícia dos olhares, avançava com apparente indifferença de deusa à homenagem das multitudes. Subito, porém, os seus olhos lobrigaram o jovem de maneiras de clubman em villegatura o qual, tendo-se apeado do carrinho inglez que elle proprio conduzia, aguardava no desembarcadouro que ella se dignasse receber-lhe as saudações.

E um hausto de prazer subiu ao cerebro da moça... E então! Não é que a partida começava bem? Paulo Asseline mantinha-se ainda vassallo do seu encanto. A ella, pois, cumpria aproveitar-se de todas as facilidades que lhe ia offerecer a vida de banhos de mar, affim de conquistar de vez esse millionario a quem visavam seduzir todas as suas ambições de moça mundana sem bens de fortuna e ávida de luxo.

Elle, com a pelle um tanto vermelha, quelmada pelas batagens do mar, inclinou-se radiante com uma alegria mal contida nos olhos claros, de expressão bõa e doce, mas não muito intelligente. Tomado do prazer de sentir na sua a mãosinha garridamente enluvada, o maneco esqueceu-se até de cumprimentar Chiquinha e apresentar ás senhoras o seu companheiro de passeio — um rapagão dos seus trinta annos, que permanecera discretamente afastado, a observar a scena com uns longos de curiosidade e interesse nas pupilas cõr de cinza. Sorriente e conturbado, Asseline ensartava ao acaso phrases sobre phrases, dirigindo-se à senhora Danestal, explicando a sua presença, ali, na estação.

— Espero, minha senhora, que não me taxe de indiscreto por ter vindo apresentar-lhe as minhas homenagens logo aos primeiros instantes de sua chegada.

— Ao contrario é muita amabilidade de sua parte. Mas sabia então a hora?

Corou de novo o moço:

— Tomei a liberdade de passar pelo seu hotel para informar-me, desejando poder offerecer a Vv. Exs. os meus serviços de velho habitudo de Villers, caso se me occasione ensejo de lhes ser util em alguma coisa.

Dhigia-se, correctamente, à senhora Danestal; mas Chiquinha, como a propria Colette, sabia muito bem que, nesse momento, só uma unica pessoa existia para elle no embarcadouro de Villers. A jovem perspicacia da moça havia sido aguçada pelos espectaculos da vida mundana que levava ao lado da mãe e da irmã, bem como pelas conversações ouvidas diariamente no meio ecletico, muito parisiense e muito letrado, em que vivia o pae, Roberto Danestal, autor illustre de diversos poemas, principalmente de bellissimos sonetos, que lhe haviam aberto as portas do Instituto.

Emquanto ajudava a mãe no reconhecimento das bagagens, Chiquinha observava, com olhar perspicaz



ELIXIR DE NOGUEIRA — Grande depurativo do sangue

e desdenhoso, as manobras da solerte faceirice de Colette. Esta, na apparencia toda preocupada com as malas, continuava, em verdade, a envolver nas graças do seu sorriso e na ternura do olhar azul o rapaz, que a seguia com a docilidade zelosa de um cônsulho e de um apaixonado.

— Realmente, elle é encantador, disse entre si, zombeteiramente, Chiquinha. — E ella é admiravel! É uma artista no genero. Si não partir de Villers já noiva do Paulo, é que a familia Asseline é, de facto, procligiosamente forte. Verdade é que elle não me parece dotado de uma vontade de ferro...

De feito, Paulo parecia um desses rapazes de vontade um tanto fraca, amáveis por natureza e de intelligencia limitada, sem outra preocupação que a de ir vivendo do melhor modo possível, achando muito natural o estar na posse de uma grande fortuna, que elles seriam incapazes de adquirir.

Tivesse Colette o talento de dominar e dirigir essa vontade timida, e estaria certa de attingir afinal esse porto do casamento rico, a que tentava em vão alcançar desde a sua entrada official na sociedade, havia quatro annos. Porque era uma pessoa pratica e nada sentimental, a muito linda Colette Danestaf. Tendo visto ao derredor de si, desde a infancia, as continuas difficuldades de dinheiro numa casa em que as fantasias artisticas — e outras — do pai e os gostos mundanos da mãe se accommodavam muito mal, á conta dos modestos rendimentos, ella jurara a si mesma, instruida pela experiencia, furtar-se, a todo custo, no futuro, a semelhantes percalços! E isso, pela graça de sua belleza, que ella saberia empregar com a sciencia necessaria.

Certo, por nenhum preço, seguiria o exemplo da irmã mais velha, Margarida, que, alguns annos antes, fizera a loucura de casar-se por amor com um rapaz de boa familia, mas sem bens de fortuna, vegetando desde então, os dois por sitios desrequeciados, onde o marido tinha que assistir, por encargo de um modesto posto nas Florestas.

Possuindo um senso muito nitido da realidade, Colette bem sabia que as raparigas, mais ou menos sem dote, mas desejosas de se casarem ricas, não podiam exigir todos os meritos e virtudes dos que se dignam esposar-se, uma vez que elles disponham de bons rendimentos. E, sabiamente, sem grande esforço elleas, dissera de si consigo que, si o destino lhe deparasse um marido capaz de lhe satisfazer os gostos de luxo, e, tanto quanto possível, homem de sociedade, — ella o desobrigaria do mais, certa de que, ao depois, saberia encontrar o meio de ser feliz a seu modo.

Sómente, até então, por mais habil que fosse por mais festejada em toda parte aonde levava a irradiação de sua belleza, ella não vingara conquistar o noivo idealizado, isto é, miúdo rico, que amocionava, si bem que, para isso, houvesse empregado uma arte, que chegava a indignar a irmã mais moça. Esta não lhe perdoava: era demasiado independente e altiva para admitir uma excusa a essa infatigavel caçada. Sentia-se quasi tomada de vergonha só em pensar que, no pressuposto do enlace conjugal, almejado por Colette, é que fóra planeada esta villegiatura em Villers, onde os riquissimos Asselines, fabricantes de panos de anilagem, encerados, etc., possuíam uma villa magnifica.

Entretanto, a senhora Danestaf não participava absolutamente desses sentimentos; ao contrario, sentia-se encantada com as sollicitudes de Paulo Asseline extremamente desejosa, como boa mãe, de casar, á casar bem, as suas filhas... A começar por Colette, cuja belleza, elegancia e sciencia no vestir-se lisonjeavam o seu amor-proprio; com quem estava em perfeita harmonia de gostos mundanos; uma e outra, dominadas sempre pelo pensamento de bem representarem, com recursos limitados, o papel de senhoras muito "elegantes" em Toda-Paris, de que ambas faziam parte.

Por isso, quando, depois de recuperadas as malas e enviadas ao hotel, Asseline teve de resignar-se a abrir-lhe a porta do omnibus, ella lhe disse com effusão:

— Como o senhor foi gentil em ter vindo assim ao nosso encontro! Espero que, dentro em pouco, me occasionará ensejo de lho agradecer melhor. Hei de ir cumprimentar a senhora sua mãe. Mas não esqueça que aguardamos a sua proxima visita!

— Terei muito prazer, minha senhora, em ir apresentar-lhes as minhas homenagens ao hotel, desde que o possa fazer sem as incommodar. Qual será a hora mais conveniente?

— Oh! nós só sahimos á tarde... Colette e eu recamos muito o calor. Quanto a mim, ando muito pouco... Mas minhas filhas gostam muito de ir á praia!...

O moço, com toda a diplomacia de que era capaz, insinuou:

— Tem havido nestes dias bellissimos poentes! Creio que o desta tarde vai ser magnifico!

E, imperceptivelmente, voltou-se para Colette, envolvendo-a num olhar satisfeito e supplice. Esta, porém, vendo Chiquinha que regressava da estação, aonde fóra a mandado da mãe, a tomar umas informações, — disse simplesmente, com um sorriso que era a propria sedução:

— Não sei se poderei sahir esta tarde, pois temos que nos occupar com a nossa instalação... Todavia, talvez que ahi por volta das cinco e meia, possa libertar-me um instante para descer até a praia... Até logo...

E estendeu-lhe a mão. Elle apertou-lhe os dedos tão fortemente, á ingiezza, que magoou um pouco a pelle fina sob os anéis... Ella, porém, mostrou-se á altura da situação: não fez o menor movimento. Depois, por sua vez, subiu para o omnibus, num movimento que lhe descobriu o pé minusculo, irreprehenivelmente calçado de couro ruço. Chiquinha foi a ultima; e a carruagem partiu descendo a encosta que levava ao lindo sitio verdejante.

Asseline, ficando só, não mais se sentindo inteiramente absorvido pela presença de Colette, lembrou-se então de que tinha consigo um companheiro de passeio, e, um tanto encaído, voltou para o carrinho ingiezo, ao pé do qual o amigo pacientemente o aguardava. Este tinha ainda nas mãos um alburninho, onde, sem duvida para matar o tempo, acabava de trazar á lapis alguns esboços.

— Peço-te perdão, meu caro, por te haver deixado só todo esse tempo, disse Asseline, com o seu accento de bom humor. Mas aquellas senhoras prenderam-me.

— Está bem, está bem! não te quero mal por isso... Estive a desenhar, e assim o tempo não me pareceu longo. Offereceste-me alguns modelos interessantes...

— Retrataste Colette?... a menina Danestaf, quero dizer... Posso ver, pois não?

Claudio Rozenne pôz-se a rir, ao mesmo tempo que os seus traços se illuminavam de uma expressão infantil.

— Podes ver?... Com que direito?... Emfim... Olha...

E estendeu-lhe o caderninho aberto. Asseline porém, soltou uma exclamação de despeito:

— Como! Foi sómente a Chiquinha quem te inspirou o lapis? Bosquejaste-a de frente, de perfil, de costas, em tres quartos!... Entretanto, é apenas bonita, ao lado da irmã...

Um claro de alegria chispou nos olhos pardos de Rozenne, olhos encantadores, a um tempo, ironicos e moços, que delatavam grande intensidade de vida intelligente.

— Depende dos gostos!... Essa menina Chiquinha — que nome original! — tem olhos de um azul incomparavel que devem saber dizer um mundo de coisas... Não reparaste como é expressiva e energica a sua cabecinha castanha, a harmoniosa flexibilidade

## REVISTA FEMININA

que tem o mais insignificante dos seus movimentos?... Convenho que é talvez um pouco pallida, é verdade; mas, com isso, os labios tornam-se-lhe mais purpuros; tem a plastica de uma jovem nimpha, — uma perfeição de formas.

— Pois, então, meus parabéns! Como vai hospedar-se no teu hotel, podes admirar-a á vontade... Restituo-te o teu album...

— Mas volta primeiro a pagina! Vamos, não me queiras mal, Asseline, por te haver embaçado, e contemplado a tua bella Colette!

Esta vez, o semblante de Paulo inundo-se de prazer... Claudio Rozanne não passava ta'vez ainda de um habil amador, mas possuía os dotes de um artista, e o seu esboço evocava realmente a triumphante mocidade de Colette Danestral.

— Dá-mo, Rozanne!

— Não posso... Um homem delicado não entrega assim o retrato de jovens que o seu lapis bosqueja de passagem! A menos que não tenhas ponderosas razões para mereceres possuir a sua imagem, eu a deixarei esquecida entre estas paginas.

Asseline deu de hombros, um tanto vexado; e, conquanto soubesse que o amigo estava a gracejar, não ousou insistir. Subiram ambos para a carruagem. Paulo tomou as redens, fustigou com a ponta do pinguelim as orelhas do cavallo, e o carrinho rodou pela estrada que subia por traz da estação. Por entre o côrte dos ramos resplandecia a praia do mar e o chão tremeluzia de sol sob a sombra movel das arvores, cujas folhas sussurravam ao brando sopro da aragem. Mas Asseline nada via dessa luminosa paisagem de verão; absorvia-o uma só imagem; e, certo, encantava-o essa contemplação interior, porquanto, o seu bello e amavel semblante recuperara uma expressão de extase.

Rozanne contemplava-o; achando graça nesse entusiasmo quasi infantil do companheiro. E foi com um grão de malícia, que se dirigiu ao amigo:

— Asseline, és um mestre em segredos! Como pudesste dissimular por tanto tempo que estavas assim apaixonado?

Paulo exclamou sem responder:

— Confessa que não é para admirar que assim o esteja de uma tal criatura!

— Sim, é realmente linda, — reconheceu Rozanne, tranquillamente.

— Não é? tornou o outro, radiante. E, em seguida: — E' incomparavel! Ah! si a visses em vestido de baile! Foi assim que a vi pela primeira vez num grande sarau, em casa dos Drefrenes...

— E te sentiste logo apaixonado?...

— Fascinou-me, como fascinava aos demais! Era uma verdadeira côrte em redor della. Fiz-me apresentar. Obtive a decima quarta valsa... Ah! tens, meu amigo, escarneze-me... Sou ridículo, não é verdade?

— De modo nenhum... E' um prazer tão raro o espectáculo de um grande entusiasmo, que eu não tenho o menor desejo de zombar... Com que então obtiveste a decima quarta valsa e aguardaste-a impacientemente...

— Não muito, porque descobri um vão da janella, donde pude á vontade contemplar Colette... Dançava o hoston com tanta arte, elegancia e graça, que ainda agora pergunto a mim mesmo como pude ter a audacia de dançar com ella! Enfim, como é muito indulgente, não me sahi lá muito mal... Mas confesso-te que, no dia seguinte, tomei algumas lições de hoston para não desmerecer... E, felizmente foi assim que me tornei um dos seus pares favoritos... Ah! meu amigo, é deliciosa... F. eu...

— E tu a adoraste, concluiu Rozanne, vendo que o amigo hesitava, surprehendido, elle proprio, do seu entusiasmo... Mas si tu a adoras, si ella é deliciosa, porque — desculpa-me a pergunta, conquanto um pouco indiscreta, — porque não te casas, uma vez que estas disposto ao casamento?

A phistonomia sorridente de Asseline assombrou-se á reflexão do amigo.

— Si eu fôra só e livre, ju. c-te que já a teria pedido; mas tenho a familia...

— Que não quer que te cases com a menina Colette...

— Ainda não lhes falei sobre isso porque receio a opposição delles... Disseram-me varias pessoas que os Danaestral não tem bens de fortuna e o dote das filhas é quasi nenhum... E não serão, de certo, as obras poeticas do senhor Danestral que farão millionario!

— Tanto mais quanto elle não as prodigaliza. E' demasiado artista para isso! Escreve para um circulo de letrados...

— Sim, é tambem o que me dizem; e confesso-te que a idéa de que elle é, no seu genero, um homem superior, é o que atrocemente me intimida quando me vejo em sua companhia e eu que sou inteiramente o inverso de um artista. Em sua presença, no seu salão, eu me sinto idiota... Não tenho opinião alguma, quer artistica quer litteraria!... Sinto-me em casa della simples filho de um fabricante! Não fosse Colette, e com que cuidado eu evitaria aventurar-me em taes assumptos!... Felizmente, ella não é mettida a sabichona; é uma verdadeira mulher da sociedade, uma moça gentilissima; a irmã Chiquinha, essa sim, é o do genero do pai... Faz versos e compõe musica. Por isso, e como deve ter-me em mesquinha conta intellectual, nunca converso com ella...

— Todavia, parece ser muito modesta e tem um ar de uma ainda quasi menina...

— Pois, meu caro, ella me intimida mais do que Colette. Quasi uma menina! Deante della, sinto-me tão estúpido como deante do pai... Prefiro conversar com a mãe. E' uma senhora muito amavel, muito distincta. Mas estas tres mulheres andam sempre tão bem trajadas, que eu entro em duvida sejam realmente de tão poucos haveres como o pretendem as más linguas... A casa em que moram é muito confortavel, posto que, em minha opinião, ornamentada um pouco extravagantemente; adornada de bibilots artisticos, em que consomem ao que se diz, grande parte dos rendimentos; o senhor Danestral tem por essas quinquilharias verdadeira paixão!... Tudo isso pouco me importaria, bem como o grande ou nenhum dote de Colette, si minha mãe não teimasse na deploravel idéa de que devo casar com uma herdeira.

— O que seria profundamente immoral, considerando-se que és muito mais abastado do que um rapaz com a tua idade teria direito de o ser!... Vamos, Asseline, um pouco de energia! Declara o teu amor a tua familia, e conquista a dama dos teus pensamentos! Inguenamente, o outro confessou:

— Espero que ella me auxiliará, seduzindo minha mãe...

— Que ainda a não conhece?

— Sim, conhece-a; encontraram-se umas tres vezes na sociedade, e uma quarta no Grande-Premio. Estas senhoras estavam na mesma tribuna...

— E então?

— Então, creio que minha mãe sentiu-se um tanto agastada com a belleza e desgarro de Colette. Como sabes, minha mãe é extremamente simples, tem ainda as idéas do tempo de sua mocidade; não pode admitir que as raparigas de hoje sejam diferentes do que ella propria foi quando moça. Demais, nasceu, cresceu e viveu num meio tranquillo de burguezes, todos occupados com os seus negocios... Colette, ao contrario, pertence a uma sociedade muito parisiense, muito artista, muito intellectual, que lhe não permite se pareça em nada com as raparigas do genero "sensitiva", a quem minha mãe preferiria cegamente... Tudo isso é bem difficil de compôr-se!

— Ora, com boa vontade e geito!... E teu pai, de que partido será?

— Oh! meu pai é muito mais facil de convencer.

Gosta mais das mulheres bonitas. Já viu Colette na sociedade, e acha-a encantadora... Conto com o seu apoio...

E com esta conclusão optimista, Asseline, já tranquillo, activou a andadura do cavallo. Tinha pressa de dar por terminado o passeio, afim de achar-se no mo'he á hora em que Colette Danestal ali apparecesse, talvez...

## II

No hotel, a senhora Danestal e Colette installaram-se com toda a sciencia pratica de senhoras que gostam do conforto, e Chiquinha com a pachorra e indifferença de uma criança, a quem fascina soberanamente a contemplação do mar.

Da janella do seu pequenino aposento, — pois a mãe e a irmã haviam, como de justiça, se apossado das melhores peças postas á sua disposição, — desdortava uma tão esplendida visão do oceano sentia-se tão penetrada da deslumbrante claridade que banhava todas as coisas, peia brisa forte que estremeceia os ramos tremulantes do sombras e de brilhos, encantado o ouvido pela musica longinqua das vagas, que nem ao menos se dera ao trabalho de abrir as suas bagagens, sentindo aliás horror infantil por todos os mes-teres que incumbem ás boas donas de casa.

Nem ouvia sequer as phrases trocadas entre a mãe e Colette sobre o primeiro encontro com Paulo Asseline, do que ambas se mostravam muito satisfeitas; nem os projectos que formavam para estabelecer pequenas relações com a familia Asseline. Sentada no rebordo da janella, as mãos abandonadas no regaço, Chiquinha deixava-se envolver, com intensa alegria, pela aragem que lhe beijava os finos cabellos, — olhos estasiados no verde conginguoso dos vergeis frondosos, dos prados verdejantes, onde o vento do mar cavava sulcos ondulantes.

E pensava que seria bom, a despeito dos Asselines e dos numerosos Parisienses, seus conhecidos, que estacionavam em Villers, em Trouville, em Houlgate, — permanecer ali alguns dias no campo, aonde viera trazida pelos planos maliciosos de sua irmã Colette. Parecia-lhe effectivamente que acharia um modo de

esquecer a mesquinha partida que jogavam visando o lucro; que poderiam enfim levar a seu be'prazer a vida que ella amava, cheia de multiplas occupações. Porque, com o mesmo ardo apaixonado e absorvente, estudava harmonia, compunha as suas musicas; lia, com plena liberdade, tudo o que tentava a actividade do seu espirito, a sua insaciavel intelligencia; escrevia versos, que ainda não mostrara a ninguem, tendo para si que, filha de um grande poeta, só lhe seria permitido ser tambem poeta sob condição de criar obras irreprehensíveis... Era demais rigorosamente apaixonada do Belo para não se conformar com essa clausula.

Oh! sim, ella era bem verdadeira filha de Roberto Danestal, vibrando como elle na preoccupação das coisas de arte, cujo encanto a penetrava, dominando-a toda, illuminando a sua vida de moça, que se expandia assim num mundo ideal cujos espectaculos a encantavam. Por isso, mais que ninguem, comprehendia as custosas fantasias estheticas do pai, suas compras, "insensatas", dizia a senhora Danestal, de quadros, bellas faianças, tapeçarias raras, bricabraques preciosos; comprehendia o desdem que elle testemunhava por todo trabalho regular, gostando somente de escrever nas horas de inspiração, sem ser jamais influenciado pe'a preoccupação do lucro, aliás necessario, quando, dispoendo apenas de mediocres rendimentos, se tem gostos dispendiosos e tres filhas a dotar. E com o mesmo coração generoso, ella lhe perdoava a procura egoista de suas proprias satisfações, o seu genio extravagante; mais ainda, a sua indifferença por um lar, cuja atmosphera mundana, criada por sua mulher e Colette lhe desagradava, e fóra do qual vivia quasi completamente, quando não se encerrava no seu gabinete, aberto sómente aos literatos. Tinha ella para si que os homens illustres não devem ser julgados pela bitola dos simples mortaes, e que os dons superiores de que são dotados lhes conferem privilegios especiaes. Tanto mais quanto — e esta era a sua opinião de menina moderna — é inutil exigir-se grande sabedoria dos homens, ainda mesmo aos que não tem a gloria para lhes excusar as fraquezas.

## PARFUMERIE IDEAL :: EMILE HAMEL

Praça da Republica N. 31 — SÃO PAULO  
Telephone Cidade, 5029

Qual é o maior desejo das senhoras? — E' de ter uma cutis sempre fresca e macia.  
Tereis pleno resultado e o vosso desejo será satisfeito, empregando o

### CREME NINON

Tendo a vantagem de não ser gorduroso e tornando-se indispensavel para a adherencia do pó de arroz.

E preservando a cutis do sol e do vento que tanto prejudicam as cutis delicadas.

Empregae de preferencia o pó de arroz Ninon.

**PO' DE ARROZ NINON** perfumado de um perfume suave, impalpavel, invisivel, sem rival, dando ao rosto a transparencia e o avelludado ideal.

**ROUGE NINON** em pasta para o rosto. Muito recommendado, invisivel na sua applicação, tornando sob a influencia do ar, o tom rosado natural, dos mais seductores.

**BRANCO PEROLA NINON**, igualmente indispensavel e extraordinariamente efficaz; basta empregar por meio de um pouco de algodão uma pequena quantidade deste liquido e obterá um bello decolletti, Alvo de uma fineza invejavel.

Productos igualmente recommendados da PARFUMERIE IDEAL.

Agua de Colonia e loção para cabelos e productos para unhas, sendo: **Esmalte Ninon, Ongleine em pó, Creme Ongleine esc.**

NOTA: Os productos da PARFUMERIE IDEAL vendem-se em todas as boas casas

#### COUPON BRINDE

Toda moça ou senhora que nos remetter o coupon abaixo com 600 rs. em sellos do correio receberá um potinho de Crème Ninon.

Nome \_\_\_\_\_  
Rua \_\_\_\_\_  
Localidade \_\_\_\_\_  
Correio \_\_\_\_\_  
Estado \_\_\_\_\_

## REVISTA FEMININA

### LIVROS A VENDA NESTA REDACÇÃO

As nossas leitoras e assinantes não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias ao estante de uma senhora. Todas as que temos á venda, nesta redacção, são uteis, interessantes, curiosas, absolutamente moraes.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluído o registo do correio.

Acceptamos, pois, pedidos das seguintes obras:

**ESCRAVA OU RAINHA.** lindo romance publicado nas paginas da "Revista Feminina", e que tanto exito alcançou. E' edificante pela sua concepção altamente moral, e ao mesmo tempo delicia o espirito pela acção, cada vez mais excecute, dos seus episodios. O entrecho desse magnifico romance, é tão bem urdido, que o leitor se deixa suavemente arrastar através das suas paginas, vivenciando a vida dos seus personagens e transportando-se para o lugar onde a acção se passa. É uma leitura que satisfaz a todos os gostos.

Um grosso volume nitidamente impresso. — Preço 45000.

**ENTRE DUAS ALMAS.** é um romance sensorial que tem feito um immenso successo em toda a cidade. Elle conta jã indicações para quatro idiomas, o que pôe bem em evidencia o seu valor. É um romance moral, e cujo quadro decorre de uma mancia empolgante. Um volume, preço 45000.

**COLLECCOES ENCADENADAS DA "REVISTA FEMININA",** referentes aos annos de 1917, 1918 e 1919. As passagens que são colleccionadas a nossa revista são aquellas que têm curiosidade de colleccção, dizem admiravelmente as nossas colleccções, que formam grossos e luxuosissimos volumes encadeados em papel de a cores d'oreado, com dizeiros a letras douradas. Volumes proprios para presentes de anniversario e que devem ser conservados como herança de familia.

Um volume de uma variada e interessantissima leitura. — Preço 25000 cada colleccção.

**LES ROMANEQUES.** comedia em verso do Ed. Rostand. Edição de luxo, com numerosas e bellissimas illustrações e em fino papel glacé. Volume encadeado proprio para presentes. — Preço 150000.

**FLORES DE SOMIRA.** comedia de Claudio de Souza, uma das obras de maior exito no theatro nacional. — Preço 35000.

**MANUAL PRATICO DE DACTYLOGRAPHIA,** por Emma Constantina. A obra mais pratica para os que desejam aprender e aperfeiçoar-se na escrita á machina, com quadros e desenhos elucidatorios, e com as regras, exercicios e dactylogramas que são de mais utilidade a essa arte. N'outra se pode fazer um perfeito dactylografo se não conhece essa obra, que é a mais util de todas e a que nos aperfeiçoamentos introduziu na maneira de manejar o apparelho. — Preço 75000.

**ALBUM DE BRODIEAU AU POINT DU CROIX,** obra bellissima para as senhoras que se dedicam á arte do bordado. Edição elegante, com numerosas e bellissimas illustrações explicativas de cada fase do trabalho. — Preço 45000.

**LA BRODIEAU AU PASSE.** fizes deste bordado. Bonita edição, cheia de gravuras e texto claro. — Preço 45000.

**NOVA SEIVA.** o melhor livro de contos que ha para crianças. Contos instructivos, interessantes pelo sentido, e escritos em linguagem simples, correcta, no alcance das intelligencias infantis. Grande volume in-4to, encadernado, com varios contos de ninfas e graciosas gravuras. Edição luxuosa proprio para presentes ou para premio de crianças estudadas. — Preço 65000.

**MADRE MARIA THEODORA.** elegante e luxuosa sima polygraphia offerecida á Superior Provincial das "Irmãs de S. José de Chamberes". Precioso volume, de cores de seiscentas paginas, cheio de lindas gravuras e impresso em finissimo papel glacé. — Preço 150000.

**CANTOS DE LUIZ.** grosso e luxuosissimo volume de poesia e musica, de collaboração de Luiz Guimarães Filho e Carlos de Campos. Uma das obras mais raras, mais bellissimas e mais artísticas que têm sahido das prelos nacionaes. Edição de luxo em magnifico papel, com composição a duas cores, gravuras de arte e desenhos encantadores de Cordeiro Dias. Fina encadernação. Obra propria para presentes. — Preço 215000.

**A LUA CRESCENTE.** colleccção dos famosos poemas do grande poeta indio Rohanarath Tagore, que, pelo seu alto valor, recebeu o premio Nobel, que o consagrou o maior poeta da sua raza e um dos maiores do mundo. A versão em portuguez, de Placido Barbosa, é excellent, dando bom idea da belleza original dos poemas. Quem não conhece a poesia oriental, não significa, não profunde, não original, deve ler esta colleccção do poeta indio. — Preço 45000.

**O TURBILHÃO.** essa peça theatral de Claudio de Souza, que é uma das mais sensoriaes creações do moderno theatro e que tanto exito tem alcançado, acaba de ser publicada em elegantissima brochura e com uma formosa capa a cores. Vendese nesta redacção a 35000 cada exemplar. — Pelo Correio, registado, 35500.

**A DOR DE AMAR.** um das mais interessantes romances da vida actual. Narração de amor, cheia de episodios sentimentaes e interessantissimos commove-dores. O autor, neste romance, tem conceitos sobre a vida sentimental que impressiona pela sua justica e verdade. — Preço 45000.

**A ESTHETICA DO SILENCIO.** obra de critica e psychologia de P. Leonardo Morello. Das questões de litteratura e de arte não podem prescindir de se ler, e é preciso como analyse e critica dos grandes artistas e de todas as escolas litterarias. Um elegante volume em magnifico papel. — Preço 58000.

### RECIETAS DE BELLEZA

#### PARA COLORIR OS CABELLOS

Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estregos da natureza e outras, que produzem sobre o organismo luteiro graves desordens que só muito tarde são percebidas. As tinturas americanas são a base de sulfato de canium e sulphurato de ammoniaco. São menos toxicas, mas irritam o couro cabeludo e produzem a calvície repentina. As tinturas a base de nitrato de prata, são expallidas, são de accção tóxica, lenta e fatal. Ha, porém, algumas productos vegetaes inoffensivos que infelizmente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. As únicas que se pôde recomendar sem receio e que dá resultados admiráveis, é a Perlina, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todas as tons, do castanho claro ao negro azulado. Infelizmente esse producto é raro em nosso meio, sendo oriundo da Peria.

A Empresa Feminina Brasileira acaba de receber uma pequena quantidade.

Podéis obtê-la por intermédio da nossa "Revista", enviando a importância de 105000 e mais 500 para a remessa.

### BELLEZA DAS UNHAS

Um dos piores vestros que se adquire na infancia é o de ver as unhas. E' o indicio de que o individuo é deficientemente desenvolvido. O menor dos seus inconvenientes é o de deformar a ponta das dedos trazendo-os sempre curvados. Este é o menor, porque o maior dos seus inconvenientes é affligir a economia geral do organismo.

Com alguns cuidados deve evitar a perda da força de vontade e não pensar, ou mais, como dizem de hum.

O unico meio, o unico processo é usar a Onichophagina, que se applica com um pincel debrizo das unhas e se deixa secar. Se se trata de curar a doença deve evitar, devesse renovar a applicação toda vez que elle litar se unhas.

A Onichophagina tende-se a 35000 o frasco. Pedidos na "Revista Feminina".

### NOS TOUCADORES ELEGANTES

Entre os productos que devem figurar no tocador de uma mulher elegante recomendamos muito especialmente o creme DERMINA, ultimo trabalho da nossa redacção, em que se applica a pelle e para curar INFALIVELMENTE todas as erupções de pelle, as erupções, os crustos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, e todas as erupções.

Chopmosas e devidamente atestados e certificados de sua effiecia, deverão vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 5500 réis para o posto do correio.

Avenida São João N.º 37 — São Paulo.

### MARAVILHA DA TOILETTE

Este producto, preparado no Laboratorio Paulista de Homoeopathia, dirigido pelo Dr. Alberto Sobrinho, é o que ha de mais fino e hygienico para a pelle, e tem a propriedade de afetar e aflorescer a cutis, fazendo desaparecer as impurezas e má coloração. Não se trata de pintura propria para artificios, mas de um producto hygienico, de absoluta effiecia.

São duas as suas fórmulas: a 1.º apropriada para as senhoras que têm a pelle do rosto humida, gordurosa, com póros muito abertos, e a 2.º destinada, ao contrario, ás senhoras cuja pelle é secca e tem os póros fechados.

Vendemse nesta redacção. A 45500, pelo correio, registada, 55500.

### CREME DE BEAUTE' ZABELLA E LOÇOES

Preparado por Madame Zabella, directora do Consultorio Technico de Belleza, do Rio de Janeiro. Este creme é usado como geralmente se usam todos os cremes. Enquanto os outros, porém, só servem para branquear a pelle, este tem a propriedade de afetar e aflorescer a cutis, e tem a propriedade de curar todas as enfermidades da cutis, como manchas, bolhas, epithides, pannos, asperções e outros defeitos, que tanto affligem o rosto.

A sua effiecia é garantida. Ler no prospecto a maneira de usar.

A' nossa nota redacção. 85000, pelo correio, registado, 105000.

**PREPARADO N.º 1.** loção adaptada para a cutis de transpiração gordurosa, para manchas, pontos negros, e borbulhas. Depois de humedecer o rosto com este preparado, faz-se uma pequena compressa com o "Creme de Beauté Zabella". A cura é garantida das enfermidades da pelle. — Preço 85000, pelo correio, 105000.

**PREPARADO N.º 2.** loção emoliente para a cutis muito delgada. Esta loção, pelos seus componentes medicinaes e hygienicos, deve fazer parte inseparavel das coisas uteis e indispensaveis a todas as damas que prezam a sua belleza. Sua accção é extraordinaria contra as manchas de sol, as asperções de pelle produzidas pelo frio e outras causas, tendo a propriedade de amaciar e branquear a cutis. Depois de usado, applica-se o "Creme de Beauté Zabella". Preço 85000, pelo correio, 105000.

# NOVA SEIVA

Um livro interessante que acaba de apparecer — A Moral na Arte

CONTOS

COMEDIAS

MONOLOGOS

RECITATIVOS

E' o mais interessante, é o mais util, é o mais instructivo dos livros destinados ás nossas escolas.

"Nova Seiva", que acaba de ser publicado, é uma linda collecção de novellas moraes e recreativas, é a seiva da alegria que trará á alma da nossa mocidade.

Podemos affirmar sem tenor de engano nem medo de sermos immodestos, que a "Nova Seiva" é um livro unico no genero, tendo sómente como emulos esses bellos livros que se publicam na Hespanha e na Italia, e que jámais tiveram similares no paiz.

A literatura infantil, sadia, moral, instructiva, resentia-se da falta de um trabalho bem feito, bem impresso, ricamente illustrado, que levasse á cultura da nossa mocidade, além dos ensinamentos de honra e de bondade, o gosto pela belleza e pela arte. Um preceito moral escripto em lingua defeituosa, se insinua a rectidão do caracter, perverte a arte da linguagem. E os brasileiros devem zelar contemporaneamente do seu espirito e do seu idioma.

A influencia que os contos têm produzido na formação do espirito da mocidade é tão grande que os governos têm cuidado, pelo seus pedagogos, da organisação de livros da especie deste que hoje annunciamos: entre nós esse cuidado falhou e é por isso que nos nossos lares, o que se lê, são lamentaveis historias da "Carochinha", quando não são os "Testamentos dos Bichos" e outras leituras desse jaez.

Alcitada com taes trabalhos, a infancia, perde ella o gosto pela belleza. Demais, as edições desses livros lamentaveis eram feitos em papel de embrulho, onde as gravuras, pessimamente executadas, mais pareciam garranchos e borrões.

"Nova Seiva" é um livro conscientemente escripto, enriquecido por gravuras magnificas, traçadas pelo pincel e pelo lapis dos maiores artistas do mundo. Os contos cuidadosamente escriptos são altamente moraes, tendo vinhetas magistralmente gravadas. A capa, desenhada por Paim, é uma esplendida trichromia, executada por mão de mestre.

Além de contos e novellas, contém o livro monologos, pequenas comedias e recitativos proprios para serões. Imagine-se o prazer de uma mamãe amorosa, ao vêr o seu terno filhinho, ensaiado por seu carinho, recitar ao papá, bellas historias, com sua vozinha clara e ingenua; o bem que d'ahi resulta é enorme. Prepara na creança o dom da oratoria e da palestra, cultiva-lhe a memoria e a imaginação.

Se os contos da "Nova Seiva" são dedicados á mocidade brasileira, tão bem feitos são elles, tão artisticamente concebidos e escriptos, que a sua leitura é um regalo mesmo para os adultos.

A edição é da "Revista Feminina", que se esmerou em apresentar ás suas leitoras um trabalho digno da attenção que sempre lhes tem merecido.

De resto "Nova Seiva", pela correcção da linguagem, pelo interesse que despertam os seus contos e novellas, pela graça das suas narrações, pelos ensinamentos que contém, é um livro que pôde ser lido, com encanto, pelos proprios adultos, principalmente moças e mães de familia.

Preço: 5\$000 — Correio, registrado, mais 1\$000

Peçam á "Revista Feminina" a "Nova Seiva". Ella, como a seiva nova para as plantas, ha de trazer alegria ao vosso lar.

Córtete e envie sem demora  
este coupon á redacção  
da Revista Feminina

de ..... de 192.....

SR. JOÃO SALLES DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"  
AVENIDA S. JOÃO 87-1.º ANDAR — S. PAULO

Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina, por um anno, a começar em ..... de 192..... e a terminar em ..... de 192..... para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs. 15\$000 caso prefira receber a Revista registrada dev'is enviar mais cinco mil réis ou sejam 20\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias dos-m v'rs são n.º registro e valor de larado

Endereço .....

Logar .....

Estação .....

Observações .....



# LYOPTONA

GOTTAS de VICENTE WERNECK

CURA Anemia - Lymphatismo - Rachitismo  
Escrophulose - Neurasthenia - Fadiga -  
Phosphaturia - EMPREGADA NO DEPAUPERAMENTO  
CONSECUTIVO A EXCESSO DE TRABALHO INTELLECTUAL  
E NAS CONVALESCENCIAS DAS MOLESTIAS GRAVES.

COMPOSTA DE 1000-DEPTONA GLYCERO-PHOSPHATE DE SODIO, MAGNESIO  
E POTASSIO, NUCLEIATO DE SODIO ARIZONAL GUARANA E  
MARAPLAMA

Deposito: Pharmacia Werneck  
5-7 RUA dos OLIVEIROS 5-7 RIO

Unicos depositarios para o  
 Brasil:  
 Empresa Feminina  
 Brasileira  
 Praça Antonio Prado  
 S. PAULO



(TRICALCISTAS)

Antes do mais:

As pastilhas Americanas Tricalcicas do Dr. Malcom não são uma panacéa. Trata-se de um producto químico definido cujos elementos principais assim se decompõem (Ph H2 O2) Ca x (Ph O4 2 Ca 3 adicionais de seivas vegetaes, estimulantes da função histologica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe C3 x 4 H 2 0) vegetal e facilmente assimilavel, constituído a fórma global, além de principios aromaticos e fibrinosos com (Ph H2 O2) Ca x (Ph O4) 2 Ca 3 x (Fe C3 x H2 O).

É uma fórma de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de reas resultados em todos os vicios da nutrição.

(Relatorio dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

A cura tricalcica do Dr. Malcom deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhe eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despeza cada semana. Demais as Pastilhas Malcom não são um producto commercial no qual se sacrificam as vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que da resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido a fraqueza dos ossos, escrupulas, lymphatismo, etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOLM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que no cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultados completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaurientes e que necessitam de phosphoro, bem como, para á fraqueza de qualquer orgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcom são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas . . 20\$000

DOSE: — PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas em cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos moços é bastante metade da dose acima.

PARA CREANÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana.

Para creança de menos de 4 annos começar por 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina  
 Avenida S. João, 87 - sobrado

S. P. Mfg. Drugs Co.



A SAUDE DA MULHER  
e  
a Saude da Mulher

